



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TEREZINHA DE JESUS GOMES DO NASCIMENTO

**O ESTILO NOS GÊNEROS DISCURSIVOS CRÔNICA E REPORTAGEM:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA À LUZ DA ANÁLISE
DIALÓGICA DO DISCURSO**

JOÃO PESSOA
2021

TEREZINHA DE JESUS GOMES DO NASCIMENTO

**O ESTILO NOS GÊNEROS DISCURSIVOS CRÔNICA E REPORTAGEM:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA À LUZ DA ANÁLISE
DIALÓGICA DO DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, situada na área de concentração **Linguística e Práticas Sociais** e vinculada à Linha de Pesquisa **Discurso e Sociedade**, como requisito institucional para obtenção do Título de **Doutora em Linguística**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA
2021

N244e Nascimento, Terezinha de Jesus Gomes do.

O estilo nos gêneros discursivos crônica e reportagem :
uma proposta para o ensino da leitura à luz da Análise
Dialógica do Discurso / Terezinha de Jesus Gomes do
Nascimento. - João Pessoa, 2021.

164 f. : il.

Orientação: Maria de Fátima Almeida.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA/PROLING.

1. Análise dialógica do discurso. 2. Gêneros
discursivos. 3. Estilo. 4. Ensino. 5. Leitura. I.
Almeida, Maria de Fátima. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'42(043)

TEREZINHA DE JESUS GOMES DO NASCIMENTO

**O ESTILO NOS GÊNEROS DISCURSIVOS CRÔNICA E REPORTAGEM:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA À LUZ DA ANÁLISE
DIALÓGICA DO DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, situada na Área de Concentração **Linguística e Práticas Sociais** e vinculada à Linha de Pesquisa **Discurso e Sociedade**, como requisito institucional para obtenção do Título de **Doutora em Linguística**.

João Pessoa, 25 de março de 2021.

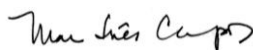
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (UFPB)
ORIENTADORA



Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo (UNITAU)
EXAMINADORA EXTERNA



Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos (USP)
EXAMINADORA EXTERNA



Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)
EXAMINADORA INTERNA



Profa. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa (UFPB)
EXAMINADORA INTERNA

Dedico esta pesquisa a minha mãe, Geralda Gomes da Silva que acompanhou e apoiou todos os meus projetos, e a meu pai, Fernando Gomes da Silva que me ensinava grandes lições, acreditava nos meus sonhos, se orgulhava de mim. (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Deus vivo e verdadeiro que conduz todos os meus passos e sem o qual eu nada seria.

Aos meus pais Fernando Gomes da Silva (*in memoriam*) e Geralda Gomes da Silva pelo amor e apoio incondicional na realização dos meus sonhos.

A minha família, meu esposo Alexandre Luna, meus filhos Lucas Mateus e Tiago Emanuel, pela compreensão da minha ausência na busca pelo conhecimento.

Aos meus irmãos, familiares e amigos que formaram uma grande torcida pelo meu sucesso.

A minha orientadora Maria de Fátima Almeida, agradeço o carinho, o acolhimento e os encontros dialógicos profícuos para orientação deste trabalho.

A Manassés, amigo e conselheiro, pelo apoio e pela força determinantes para seguir em frente.

A todos os colegas de curso e ao Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI) pelas vivências dialógicas que contribuíram, significativamente, para a construção desta tese.

Aos professores Maria de Fátima Almeida (orientadora), Miriam Bauab Pozzo (UNITAU), Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB), e Pedro Farias Francelino (UFPB) pelas significativas contribuições durante o exame de qualificação.

Aos professores Miriam Bauab Pozzo, Maria Inês Batista Campos, Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva (examinadoras externas), Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Maria Ester Vieira de Sousa e Pedro Farias Francelino (examinadores internos) pelos acentos apreciativos para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pelo carinho da acolhida e pela partilha do conhecimento.

A Gerência Regional de Educação do Vale do Capibaribe (GRE – Limoeiro) em Pernambuco e a todos os profissionais da educação a ela jurisdicionados pela confiança a mim dispensada nas formações continuadas e no aprimoramento acadêmico.

A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.
(BAKHTIN, 2011, p. 289 – grifo do autor).

[*O terceiro elemento é o destinatário.*] Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário [...]. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, *o estilo* do enunciado.
(BAKHTIN, 2011, p. 302 – grifos nossos e grifos do autor).

RESUMO

Esta pesquisa se insere no desafio de contribuir com a qualidade do ensino de leitura em língua materna na Educação Básica pública brasileira. Esta tese se ancora na Análise Dialógica do Discurso, postulada por Bakhtin e um Círculo de estudiosos que comungavam de ideias afins como o estudo do estilo pautado na *estilística sociológica* (BAKHTIN, 2015) em que forma e conteúdo constituem um todo estabelecido socialmente. Defendendo o ensino dialógico-discursivo da leitura com ênfase no estilo, nosso objeto de estudo se estabelece na análise do estilo dos gêneros crônica literária e reportagem, corroborado na questão que norteou a pesquisa, considerando os tipos de discurso e o tom emotivo-volitivo em Bakhtin. Em resposta, apresentamos como objetivo geral desenvolver uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura dos gêneros crônica e reportagem no Ensino Médio. A implantação dessa proposta na formação inicial e continuada em serviço dos professores de nível médio da Educação Básica visa promover o estudo do estilo do enunciado iluminado pelo dialogismo. Quanto ao aspecto metodológico, a pesquisa documental e propositiva, com método de abordagem indutivo, ocorreu de abril a setembro de 2020, selecionando duas crônicas literárias e duas reportagens de sites, blogs e jornais on line, constituindo o *corpus* da pesquisa. Essas escolhas se devem a sugestões de ensino desses gêneros tanto pelo currículo quanto pelos livros didáticos de língua portuguesa de Ensino Médio. Além disso, as crônicas e reportagens que compõem nosso *corpus* de análise refletem e refratam experiências do mundo da vida em momentos sócio-históricos distintos, evidenciando flutuações dos gêneros discursivos. Os resultados revelaram as relações dialógicas estabelecidas entre autor, texto e leitor presumido, situados sócio-historicamente, bem como as inflexões valorativas do autor sobre o enunciado. Essas considerações nos possibilitaram delinear uma proposta de ensino da leitura para os três níveis do Ensino Médio, evidenciando a constituição mútua entre o enunciado e a vida. Iniciando com uma roda de conversa para ativar o conhecimento prévio dos estudantes, propomos duas rotas de leitura: a primeira conduz o leitor a interagir com o texto, recuperando as relações dialógicas estabelecidas no processo de produção e, a segunda, propõe um diálogo entre textos de cada gênero, no intuito de promover o embate de vozes. As considerações finais assinalam as contribuições dos percursos estilístico-dialógicos para o ensino da leitura e para a formação do leitor.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Gêneros discursivos. Estilo. Ensino. Leitura.

ABSTRACT

This research is inserted within the challenge of contributing towards the quality of the teaching of mother-tongue reading in Brazilian public school Basic Education. This thesis is anchored in the Dialogical Analysis of Discourse, put forward by Bakhtin, and a Circle of scholars who share such common ideas as the study of style ruled by sociological stylistics (BAKHTIN, 2015) in which form and content constitute a socially established whole. In defending the dialogical-discursive teaching of reading with an emphasis on style, our study aim grounds itself on the analysis of style of the literary chronicle and news-report genres, corroborating in the question that guided us in our research considering the types of discourse and the emotive-volitional tone in Bakhtin. In reply, we offer as a general objective to develop a proposal of dialogical-discursive of style approach for the teaching of the chronicle and news-report in secondary education. The carrying out of this proposal in the initial and in-service training of teachers at secondary level within the Basic Education seeks to promote the study of the style of the utterance in the light of dialogism. As regards the methodological aspect, the documentary and purposeful research, with an inductive approach, took place in April and September of 2020, selecting two literary chronicles and two news-reports from online sites, blogs, and newspapers, making up the corpus of the research. These choice focused on the complexity of these genres, buried in the curriculum and in the textbooks of Portuguese language at secondary level. Apart from this, the chronicles and the news-reports provide our analysis corpus reflect and refract experiences from the world of life in distinct socio-historical moments, providing evidence of fluctuations in the discursive genres. The results have revealed the dialogical relations that hold between author, text, and presumed reader, situated socio-historically, as well as the evaluative inflections of the author over the utterance. These considerations made it possible for us to delineate a proposal for the teaching of reading at the three levels of secondary education, showing the mutual constitution between the utterance and life. Starting with a conversational debate to activate the prior knowledge of the students, we propose two routes for reading: the first leads the reader to interact with the text, recuperating the dialogical relations established in the process of production, and the second proposes a dialogue between texts of each genre, with the aim of promoting the clash of voices. The closing considerations point towards the contributions of stylistic-dialogical paths for the teaching of reading and for the shaping of the reader.

Key-words: Dialogical Analysis of Discourse. Discursive genres. Style. Teaching. Reading.

RESUMEN

Esta investigación es parte del desafío de contribuir a la calidad de la enseñanza de la lectura en lengua materna en la Educación Básica pública brasileña. Esta tesis se ancla en el Análisis Dialógico del Discurso, postulado por Bakhtin y un Círculo de estudiosos que compartían ideas similares como el estudio del estilo basado en la *estilística sociológica* (BAKHTIN, 2015) en el que forma y contenido constituyen un todo socialmente establecido. Defendiendo la enseñanza dialógico-discursiva de la lectura con énfasis en el estilo, nuestro objeto de estudio se establece en el análisis del estilo de la crónica literaria y los géneros informativos, corroborado en la pregunta que guió la investigación, considerando los tipos de discurso y el tono emotivo-volitivo en Bakhtin. En respuesta, presentamos como objetivo general desarrollar una propuesta de enfoque dialógico-discursivo del estilo para la enseñanza de la lectura crónica y el reportaje para la escuela secundaria. La implementación de esta propuesta en la formación inicial y en servicio del profesorado de secundaria en Educación Básica tiene como objetivo promover el estudio del estilo enunciado iluminado por el dialogismo. En cuanto al aspecto metodológico, la investigación documental y propositiva, con un método de enfoque inductivo, se desarrolló de abril a septiembre de 2020, seleccionando dos crónicas literarias y dos reportajes de sitios web, blogs y periódicos en línea, constituyendo el corpus de la investigación. Estas elecciones se deben a sugerencias de enseñanza de estos géneros, que se profundizan en el plan de estudios y en los libros de texto de lengua portuguesa de secundaria. Además, las crónicas y los reportajes que componen nuestro corpus de análisis para reflejan y refractan experiencias del mundo de la vida en diferentes momentos sociohistóricos, mostrando fluctuaciones en los géneros discursivos. Los resultados revelaron las relaciones dialógicas que se establecen entre autor, texto y presunto lector, situadas sociohistóricamente, así como las inflexiones valorativas del autor sobre el enunciado. Estas consideraciones nos permitieron esbozar una propuesta para la enseñanza de la lectura a los tres niveles del bachillerato, mostrando la constitución mutua entre el enunciado y la vida. Partiendo de una rueda de conversación para activar los conocimientos previos de los estudiantes, proponemos dos rutas de lectura: la primera lleva al lector a interactuar con el texto, recuperando las relaciones dialógicas establecidas en el proceso de producción y, la segunda, propone un diálogo entre textos de cada género, con el fin de promover el choque de voces. Las consideraciones finales apuntan a las aportaciones de los caminos estilístico-dialógicos a la enseñanza de la lectura y a la formación del lector.

Palabras-clave: Análisis Dialógico del Discurso. Géneros discursivos. Estilo. Enseñanza. Lectura.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - <i>O amor acaba</i>	91
FIGURA 02 - <i>A sorte do encontro</i>	98
FIGURA 03 - <i>Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade</i>	114
FIGURA 04 - <i>A mulher que alimentava</i>	124
FIGURA 05 - Sem tempo.....	125
FIGURA 06 - Do fim.....	129
FIGURA 07 - Cenas do viver.....	134
FIGURA 08 - Cenas do viver (Continuação).....	135
FIGURA 09 - Cenas do viver (Continuação).....	135
FIGURA 10 - Cenas do morrer.....	135
FIGURA 11 - Cenas do morrer (Continuação).....	136
FIGURA 12 - Morte.....	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A LINGUAGEM NA CONCEPÇÃO DE BAKHTIN E O CÍRCULO.....	18
2.1 O que é a linguagem para Bakhtin e o Círculo?.....	21
2.2 As relações dialógicas.....	33
2.3 Os gêneros do discurso.....	36
2.3.1 As dimensões dos gêneros do discurso.....	38
2.3.2 O estilo dos gêneros do discurso.....	42
2.4 O tom emotivo-volitivo.....	52
2.5 Os tipos de discurso.....	55
3 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM EM CONTEXTO DE ENSINO.....	65
3.1 Dialogismo, discurso e ensino.....	71
3.2 O estilo e o ensino de Língua Portuguesa pelos gêneros do discurso.....	74
3.3 O ensino dialógico da leitura.....	80
4 UMA PROPOSTA DIALÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO	85
4.1 Trabalhando gênero do discurso crônica literária.....	85
4.1.1 A compreensão do estilo em crônicas e o ensino.....	88
4.1.2 Proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero crônica literária.....	104
4.2 Trabalhando gênero do discurso reportagem.....	108
4.2.1 A compreensão do estilo em reportagens e o ensino	112
4.2.2 Proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero reportagem.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS.....	160
ANEXO A - O AMOR ACABA - CRÔNICAS LÍRICAS E EXISTENCIAIS DE PAULO MENDES CAMPOS.....	161
ANEXO B - BLOG DE MATHEUS LEITÃO.....	162
ANEXO C - RIM, 50 TRANSPLANTES JÁ DÃO TRANQUILIDADE - ACERVO DE O ESTADO DE S. PAULO.....	163
ANEXO D - A MULHER QUE ALIMENTAVA - REVISTA ÉPOCA.....	164

1 INTRODUÇÃO

A manifestação da linguagem constitui-se de um evento único, singular, irrepetível no ato individual, responsivo e responsável de um sujeito também único. Desse evento, formam-se os enunciados que emergem de uma situação histórica e social específica na interação entre os sujeitos e não apenas de unidades da língua. Essa especificidade é o que os torna únicos: o ser e o evento. Além disso, os enunciados apresentam um acabamento que permite ao outro, o interlocutor, uma resposta, revelando sempre uma posição valorativa na esfera de comunicação em que circula.

Essas considerações sobre a constituição dos enunciados são defendidas por Bakhtin e o Círculo (2017, 2010b), a partir de uma reflexão filosófica que entende a linguagem enquanto ação e interação social, impregnada de ideologias. A língua, enquanto forma, encontra-se à disposição dos falantes para ser inserida nos enunciados, mas é preciso ir além de seu aspecto formal para perceber o funcionamento real da linguagem: os sentidos, o acento, as relações axiológicas só são encontradas no nível do enunciado, nas diferentes práticas socioculturais presentes nos grupos humanos.

Nossa experiência com a Formação Continuada em Serviço de Professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio do Agreste Setentrional/Vale do Capibaribe do Estado de Pernambuco permite-nos afirmar que essa discussão não é recente nem tampouco isolada, mas está bastante distanciada da prática de análise dos gêneros discursivos. Um dos motivos que nos levou às discussões aqui empreendidas surgiu ao nos depararmos com estudos de gêneros pautados numa concepção normativa de língua, com o texto usado como pretexto para se propagar a imanência linguística, enfatizando seu aspecto abstrato e formal, seja nos livros didáticos¹ de língua portuguesa ou na prática docente. Essa perspectiva de estudo do texto desconsidera as relações dialógicas que os constituem no processo de interação, reveladas nas relações entre os interlocutores e no modo de dizer construídos em um momento sócio-histórico de produção de linguagem.

A segunda razão para o desenvolvimento desta tese encontra-se no intuito de relacionar a língua com a vida, o ser e o agir humanos, propondo uma abordagem dialógica do estilo dos gêneros crônica e reportagem para o ensino. Cada esfera da *atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados*,

¹ Cf. Nascimento (2016).

denominados ***gêneros do discurso***. (BAKHTIN, 2011c). Esses apresentam sempre uma tomada de posição axiológica, constituindo-se como meios de ver e conceituar o mundo. Em Bakhtin e o Círculo, “Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção”. (FARACO, 2009, p. 126). Os fenômenos que constituem os gêneros revelam *a estreita correlação da língua com a vida*.

A escolha do gênero crônica literária e do gênero reportagem, como *corpus* de nossa pesquisa, visa contemplar, em nossas análises, o discurso literário e o discurso jornalístico, a fim de produzir uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura que atenda a enunciados de campos discursivos distintos, como propõem as orientações oficiais para o ensino de leitura na Educação Básica brasileira.

Além disso, com base em nossas experiências com o ensino e com a formação continuada de professores, consideramos que a crônica literária e a reportagem fazem parte do universo dos gêneros discursivos sempre presentes no ensino de língua portuguesa, inclusive sugeridos pelos livros didáticos para estudo. Apesar disso, muitas vezes, o enfoque aos gêneros se limita à investigação da gramática formal, chegando, no máximo, à discussão sobre o estilo individual do autor, especialmente no caso do discurso literário.

A partir das reflexões da linguagem como uma ação humana, defendemos, ancorados na perspectiva dialógica da linguagem, uma proposta metodológica de ensino da leitura para os três níveis do Ensino Médio, com ênfase na abordagem do estilo dos gêneros discursivos crônica e reportagem, a fim de despertar o interesse pela leitura e oportunizar a formação de um leitor crítico.

A implantação dessa proposta na formação inicial e continuada em serviço dos professores de nível médio da Educação Básica promove o estudo do estilo do gênero iluminado pelo dialogismo que favorece a compreensão leitora na percepção dos efeitos de sentido do discurso alheio e do tom apreciativo, convocados para os textos como estratégias enunciativas inseridas no estilo do gênero.

Assim, nossa tese se estabelece, assumindo o estilo do gênero do discurso na perspectiva da estilística sociológica, presente nos estudos do Círculo de Bakhtin, inserindo os estudantes em espaços discursivos estéticos e éticos reais, possibilitando o reconhecimento dos posicionamentos axiológicos dos autores e estabelecendo com eles

uma compreensão responsiva e responsável. Ou seja, posicionando-se valorativamente diante do enunciado concreto a partir de um ato ético do existir-evento.

Predominantemente, até o início do século XX, a estilística tradicional analisava a prosa literária sob os mesmos parâmetros do discurso poético, sem, contudo, adentrar as especificidades estilísticas do discurso da prosa. Apenas valorações vagas como “expressividade”, “clareza” e “força” foram superficialmente observadas na linguagem do texto prosaico. Por isso, Bakhtin (2015) desenvolve uma *estilística sociológica*, em que tema, estilo e construção composicional² são considerados *indissolúveis* em toda construção social de linguagem. Aqui se encontra um dos pilares na construção desta tese.

A base epistemológica que se pretende para esta tese apresenta como aporte teórico as publicações de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), *Palavra na vida e palavra na poesia* (2013), ambos de autoria atribuída a Volochínov; *O método formal nos estudos literários* (2012) de Medviédev, além de *Teoria do romance I* (2015), *Questões de estilística no ensino da língua* (2013a), *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013b), *Estética da criação verbal* (2011a, 2011b, 2011c, 2011d), *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance* (2010a) e *Para uma filosofia do ato responsável* (2010b), esses últimos com autoria atribuída a Bakhtin.

Consoantes com as reflexões empreendidas pelo Círculo, estudiosos de várias partes do mundo traduziram obras originais do grupo ou o que restaram delas e também produziram suas próprias reflexões, discussões e análises sobre temas, conceitos e princípios desenvolvidos pelo Círculo até pouco mais da metade do século XX. Em se tratando de produções sobre a estilística sociológica e/ou do estilo, inserem-se nesse contexto: Almeida (2019, 2013b), Brait (2013), Cunha (2006), Faraco (2009), Fiorin (2016; 2000), Sobral (2009a, 2009b), Puzzo (2015, 2011), além dos grupos de estudos de diversas partes do país dedicados a discussões e produções e estudiosos das mais diversas linhas de pesquisa com enfoque em concepções ancoradas na Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Apesar de os avanços no estudo da linguagem e da publicação de teorias e metodologias na área, ainda há espaço para que outras contribuições do estudo dialógico do estilo sejam uma realidade na Educação Básica. O que deve ser feito para promover o ensino com a língua em uso pode ser facilmente encontrado nos documentos oficiais

² Nesta tese, de modo especial, nos dedicamos ao estudo do estilo.

de orientação para o ensino (PCN, 1999; BNCC, 2018), livros e publicações diversas, mas como fazer da língua em uso um objeto de análise e de ensino da leitura da língua materna é um desafio para muitos docentes e para os sistemas de ensino brasileiros, o que nos inspirou a produzir esta tese.

Diante disso, considerando o estilo do gênero inerente a essa realidade da língua, propomo-nos a investigar a seguinte questão de pesquisa: como elaborar uma proposta de abordagem do estilo dos gêneros crônica e reportagem, considerando os tipos de discurso e o tom emotivo-volitivo em Bakhtin? A fim de responder essa questão, apresentamos como objetivo geral de nosso estudo: desenvolver uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura dos gêneros crônica e reportagem.

Na busca por alcançar o objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: descrever e analisar as regularidades e flutuações do estilo dos gêneros crônica e reportagem; analisar os tipos de discursos e o efeito de sentido dessa estratégia discursiva do autor no *corpus* da pesquisa; investigar os tons emotivo-volitivos expressos nos textos em análise; sistematizar uma proposta dialógico-discursiva para o ensino da leitura no Ensino Médio.

Esta pesquisa se justifica por se apropriar da Análise Dialógica do Discurso, considerando a constituição dos discursos através de aspectos sociais, históricos e ideológicos e por se constituir como uma contribuição dialógico-discursiva do estilo dos gêneros crônica e reportagem com ênfase nos efeitos de sentido revelados pelo discurso alheio e pelo tom emotivo-volitivo, utilizados como estratégias enunciativas pelos autores dos gêneros do enunciado.

Há uma grande distância entre a teoria e a prática na análise dos gêneros discursivos. Apesar do “[...] uso inflacionado do termo nos últimos anos” (FARACO, 2009, p. 121), fundamentado nas reflexões bakhtinianas sobre o assunto, a perspectiva formal da linguagem ainda domina as salas de aula de Língua Portuguesa, causando um efeito desastroso ao ensino e à aprendizagem na Educação Básica brasileira. Nossa experiência com a sala de aula e a Formação Continuada de Professores do Ensino Médio nos aponta o estudo dos gêneros ainda pautado em uma concepção normativa de língua. No entanto, as escolhas linguísticas do enunciador não são aleatórias e não se resumem a elementos linguísticos, como unidades da língua e formas abstratas. Além disso, há mais duas razões que justificam nossa pesquisa.

A primeira é que os elementos linguísticos são convocados para o discurso por seu caráter apreciativo, constituindo-se, portanto, como enunciados constituídos pela situação imediata da comunicação e pelo meio social mais amplo. Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que enfatizem e apresentem propostas de atividades em que as unidades linguísticas são consideradas como posições axiológicas, diante das possibilidades linguísticas disponíveis ao enunciador e do emaranhado universo de vozes sociais.

A segunda razão perpassa pela necessidade de produzir um material que traga em seu bojo o estudo da língua real a fim de discutir, com professores da área de Linguagem, a função e os efeitos de sentido de palavras, frases, orações e períodos na constituição dos gêneros do discurso e o espaço do autor nesse contexto. É a formação continuada em serviço que possibilita que esses profissionais atualizem e aprofundem seu conhecimento sobre construção da significação da linguagem. Nos gêneros, a significação decorre das relações valorativas das escolhas linguísticas, a partir de uma exterioridade social, histórica e ideológica que lhe é constitutiva.

Dessa forma, longe de pretender esgotar o assunto, consideramos que esta pesquisa também contribuirá significativamente com a prática docente no que se refere a uma proposta de abordagem do estilo dos gêneros do discurso, uma vez que as práticas estão em um complexo contexto de transformação na busca por contemplar as demandas sociais que, por sua vez, influenciam a escola e são influenciadas por ela.

Nesse sentido, essa pesquisa é de natureza documental e propositiva, possuindo método de abordagem indutivo, em que a indução é subdeterminada pelos dados, e procedimento qualitativo, pois a quantidade dos dados não é o mais importante, o mais relevante é valor que eles têm. Nosso objeto de estudo consiste no estilo de gênero apresentado por Bakhtin (2010a) com ênfase no discurso alheio e no tom apreciativo/valorativo, utilizados como estratégias discursivas inseridas no estilo, destacando a relação intrínseca do conteúdo e da forma dos discursos entendidos como uma construção social.

Na perspectiva bakhtiniana, o estilo compõe-se de escolhas linguísticas valorativas do enunciador que revelam seu posicionamento axiológico frente às suas possibilidades na situação imediata de construção do seu discurso. As regularidades estilísticas dos gêneros tornam possível o desenvolvimento de abordagens estilísticas específicas para cada gênero, considerando as singularidades de cada enunciado concreto.

Como procedimento de geração dos dados, realizamos a técnica de coleta documental no período de abril a setembro de 2020, selecionando os gêneros crônica literária e reportagem de sites, blogs e jornais on line para compor nosso *corpus* de análises. Além de representarem, nesta pesquisa, os campos estético e ético, respectivamente, esses gêneros estão sempre presentes no currículo e nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio.

Nesse sentido, inclinamos nosso olhar investigativo sobre as crônicas *O amor acaba* (1964) de Paulo Mendes Campos e *A sorte do encontro* (2016) de Miriam Leitão, que trazem temáticas como o amor e a leitura, respectivamente, muito presentes entre os jovens. Além disso, recuperamos as reportagens *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade* (1969), publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, e *A mulher que alimentava* (2008) de Eliane Brum, que embora se aproximem pelo tema, se distanciam, significativamente, pela qualidade literária atribuída a essa última reportagem.

Dessa forma, no intuito de relacionar a língua com a vida, o ser e o agir humanos, a temática e a especificidade estilística dos gêneros mencionados acima determinaram nossas escolhas e, através delas, as relações dialógicas entre os textos, evidenciando flutuações dos gêneros discursivos e o modo como cada autor vê o mundo. Consideramos que esse estudo instiga os estudantes do nível médio à leitura e contribui para ampliar suas habilidades na apreciação e produção de gêneros mais complexos, por meio uma abordagem dialógica do estilo dos gêneros crônica e reportagem para o ensino.

A fim de alcançar os objetivos aos quais nos propusemos, conduziremos nossa pesquisa a partir das seguintes etapas:

Além desta Introdução que se apresenta, o capítulo 2 – **A linguagem na concepção de Bakhtin e o Círculo** - recupera reflexões de Bakhtin e o Círculo e discussões de vários estudiosos que fundamentam esta tese, convocando temas como: as relações dialógicas; os gêneros do discurso e suas dimensões: tema, composição e estilo; o tom emotivo-volitivo; e os tipos de discurso.

O capítulo 3 - **A perspectiva dialógica da linguagem em contexto de ensino** – situa a Análise Dialógica do Discurso na esfera do ensino e suas contribuições na construção de um documento norteador da Educação Básica brasileira. Além disso, o capítulo promove uma relação profícua entre dialogismo, discurso e ensino, circunscreve o papel do estilo no ensino de Língua Portuguesa pelos gêneros do discurso e localiza o ensino da leitura na perspectiva dialógica da linguagem.

No que compete às análises e à produção da proposta de abordagem dialógica do estilo dos gêneros crônica e reportagem, o capítulo **4 - Uma proposta dialógico-discursiva para o ensino da leitura na Educação Básica** – menciona a abordagem dialógica do gênero do discurso literário, resultando em uma proposta de ensino e compreensão do estilo em crônicas. Além disso, apresenta a abordagem dialógica do gênero do discurso jornalístico, despontando uma proposta de ensino e compreensão do estilo em reportagens.

Além dos capítulos mencionados, procedemos ao (in) acabamento de nossa pesquisa, apresentando no capítulo **5 - nossas Considerações finais** e, na sequência, referências e anexos.

2 A LINGUAGEM NA CONCEPÇÃO DE BAKHTIN E O CÍRCULO

A filosofia da linguagem construída pelo Círculo bakhtiniano está ancorada no cotidiano de sujeitos concretos, plurais e situados com suas ações humanas. Tendo como base essas relações entre os homens e dos homens com o mundo da vida prática, Bakhtin (2010b) propõe uma filosofia do ato, entendido como produto (resultado das interações humanas), e como processo (das diversas conexões realizadas na produção do ato).

Defendendo certa oposição entre o mundo da vida e o mundo da teoria (BAKHTIN, 2010b), o filósofo russo faz severas críticas ao teoreticismo que afasta da realidade os atos concretos humanos, objetificando-os no mundo da teoria. Apesar disso, Bakhtin reconhece a validade da cognição teórica, mas reprova, veementemente, seu distanciamento do mundo da vida.

O racionalismo também é encontrado nas críticas de Bakhtin, por se constituir como um pensamento que contrapõe, conforme Faraco (2009), o objetivo ao subjetivo, individual; o universal ao singular; a lei geral ao evento. No desenvolvimento de suas reflexões, Bakhtin (2010b) ainda desaprova a filosofia moderna por não tratar do ser como evento único e irrepetível. A unicidade do ser e do evento está na base do pensamento bakhtiniano desde seus primeiros textos.

Sem dúvida, as primeiras reflexões que virão a estruturar uma sólida concepção de linguagem como ação, inerente ao mundo da vida, são encontradas em *Para uma filosofia do ato* ([1920-1924] 2010b). Nesse texto, Bakhtin evidencia o existir-evento e a constituição do ato (de linguagem) como atitude responsiva e responsável. Em *O autor e a personagem na atividade estética* ([1920-1923] 2011b), o filósofo destaca a valoração como constitutiva do ato de linguagem, trazendo à tona a teoria da refração, conceito caro às reflexões bakhtinianas. Na perspectiva de Bakhtin (2010b, p. 43-44),

O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim se pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida.

Nesse excerto, o autor chama a atenção, não apenas para a responsabilidade do sujeito por seus atos de linguagem, como para a sua resposta a enunciados dos outros – *responsividade* (SOBRAL, 2009a).

Todo ato de linguagem, nas concepções do Círculo, apontam uma atitude valorativa do sujeito falante seja no ato ético, estético ou cognitivo. Para Bakhtin, viver no mundo é posicionar-se valorativamente em relação a esse mundo, por meio de uma linguagem repleta de valores, mas nunca “acabada”. No contexto da obra literária, Bakhtin (2011b, p. 3) discute essa atitude refratada na personagem, ressaltando que

[...] cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá, a qual engloba tanto o objeto quanto a resposta que a personagem lhe dá (uma resposta à resposta); neste sentido, o autor acentua cada particularidade da personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam; [...].

Nesse sentido, tanto a obra como um todo e quanto os elementos que a compõem são uma resposta, uma forma de apropriação do mundo, em que se insere toda e qualquer produção enunciativa, salientando que a arte e a vida se constituem mutuamente. No entanto, Bakhtin (2011b) esclarece que, na vida, refletimos e refratamos manifestações pontuais do outro, não do seu todo; nessa *inter-ação* com o outro se estabelece a compreensão da linguagem, nascida entre os fios dialógicos de significações múltiplas.

É nas manifestações da linguagem viva, do mundo da vida, que o sujeito assume posições sociais avaliativas, temática que se estende por outras produções do Círculo, aprofundada no texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal* (Bakhtin [1924] 2010a). Nesse empreendimento, Bakhtin discute a questão do posicionamento axiológico, tanto na dimensão da criação estética quanto ética, contrapondo-se à abordagem do enunciado limitada aos elementos da língua, conforme pensamento da linguística da época.

Todo e qualquer uso efetivo da língua está inserido em um contexto social e histórico, apresentando um posicionamento ideológico materializado no elemento linguístico e, como enunciado, não pode ser relacionado apenas com a unidade da língua. Por isso, Bakhtin (2010a) assevera que não há neutralidade na linguagem e que

os enunciados não se constituem apenas de palavras, mas da vida, da cultura, da (inter) subjetividade de sujeitos concretos e historicamente situados.

Na realidade, a concepção de linguagem do Círculo foi uma construção coletiva de “três mãos”, entre seus principais membros: Pável Nikoláievitch Medviédev, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e Valentin Nikolaevich Volochínov. Esses dois últimos tiveram uma participação maior nas questões dedicadas à linguagem. Em convergência com o pensamento de Bakhtin, Volochínov ([1926] 2013, p. 74 – grifos do autor) afirma que “O *estético*, ou mesmo o jurídico, ou o cognitivo, são *tão somente uma variedade do social*; portanto, a teoria da arte não pode ser senão uma *sociologia da arte*.”, salientando a imanência sociológica da linguagem, seja em enunciados artísticos ou enunciados cotidianos.

Esse pressuposto é também relevante para Medviédev. Em *O método formal nos estudos literários* ([1928] 2012), o autor faz críticas contundentes à poética formalista e seu “método” inadequado de estudo do texto literário, dissociado dos eventos do mundo da vida. Medviédev ([1928] 2012, p. 44) assegura que “O que falta é justamente um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica.”.

Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem emerge da vida, das relações dos atos humanos e o mundo da teoria é incapaz de retratar totalmente esta realidade, pois ela é composta de atos (sociais, históricos e ideológicos) únicos e irrepetíveis, tornando-se abstrata ao ser objetificada pelo mundo da teoria. Diante da abordagem da razão teórica sobre os fenômenos de linguagem, Bakhtin constrói seu projeto de criar uma “*prima philosophia*” e, nesse sentido, “[...] podemos afirmar que, em princípio, este pensador não entende sua reflexão sobre a linguagem como propriamente de natureza científica, mas primordialmente como de natureza filosófica”. (FARACO, 2009, p. 25).

O mundo real do ato orientado pelo existir-evento é, conforme Bakhtin, o objeto da filosofia moral, considerando que “Esse reconhecimento da minha participação no existir é a base real e efetiva de minha vida e do meu ato.” (BAKHTIN, 2010b, p. 97). O meu agir no mundo real é determinado pela relação do eu com o outro, dois centros axiológicos que se contrapõem na construção do ato. Os sujeitos se constroem e são construídos em suas ações com o mundo e com outros sujeitos, modificando esse mundo e sendo modificados por ele, constituindo-se como sujeitos de linguagem. Nas palavras de Faraco (2009, p. 21-22 – grifos do autor),

O **eu** e o **outro** são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valores diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas de nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos. (FARACO, 2009, p. 21-22 – grifos do autor).

A relação eu/outro é o alicerce central das reflexões filosóficas da linguagem do Círculo bakhtiniano, envolvendo o posicionamento axiológico dentro de um horizonte social avaliativo estabelecido no processo de interação verbal. É nesse sentido que o Círculo constrói uma concepção de linguagem, considerando o mundo da vida, a singularidade do ser e as relações valorativas consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Bakhtin (2010b, p. 108) lembra que “[...] viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsavelmente participante, afirmar o seu não-álbe real e compulsório no existir.”. Nesse sentido, apresentamos a concepção de linguagem conforme Bakhtin e o Círculo na seção a seguir.

2.1 O que é a linguagem para Bakhtin e o Círculo?

A fim de respondermos a esta questão, observemos inicialmente as discussões empreendidas por Volochínov (2013), em um de seus textos da obra *A construção da Enunciação e Outros Ensaio*s, sobre *O que é a linguagem?* A complexidade envolvida na linguagem, seja no seu processo de produção ou de compreensão, permite uma profícua reflexão sobre a origem e o sentido da linguagem. Conforme aponta Volochínov (2013, p. 134),

Em tempos relativamente recentes, as teorias mais difundidas sobre a origem da linguagem eram as seguintes: 1. A teoria da onomatopeia e 2. A teoria das interjeições. O primeiro grupo de teorias afirma substancialmente que o homem tratou de reproduzir os sons produzidos pelos animais, ou os sons que acompanham os fenômenos naturais – o silvo do vento, o gotejar de uma fonte, o ribombar de um trovão. [...] O segundo grupo de teorias tratou de demonstrar que os primeiros sons da linguagem humana foram as exclamações – interjeições – involuntárias ou, como habitualmente as denominamos, reflexas, que o homem emitia sob a influência de sensações fortes produzidas nele por algum objeto. [...].

Tais teorias, pautadas em um contexto histórico-filológico, são discutidas, à luz da vivência humana, pelo Círculo bakhtiniano. O posicionamento dos membros do Círculo em realizar o estudo da linguagem, tomando por base a língua viva, denota um pensamento mútuo sobre o assunto, conforme destaca Faraco (2009, p. 30 – grifos do autor),

Há, portanto, por volta de 1925/1926, uma confluência do Círculo para a temática da linguagem. Nela se casarão as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação *eu/outro*), o interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época, a estudos linguísticos) e o projeto deste e de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo.

A “preocupação sociológica” com a origem e o desenvolvimento da linguagem não foi exclusiva do Círculo bakhtiniano. Em 1876, Friedrich Engels (apud Volochínov, 2013, p. 135 – grifos do autor) chamava a atenção para a origem social dos homens e da linguagem, que diante do desenvolvimento do trabalho “[...] chegaram ao ponto em que aparece a necessidade de dizer algo um ao outro”. No caminho dessas considerações sociológicas sobre o desenvolvimento da linguagem, encontramos também o linguista russo N. I. Marr. De acordo com Marr (1926, apud Volochínov, 2013, p. 136),

[...] a linguagem foi criada durante inumeráveis milênios, sobre a base de um instinto de socialização de massa que se embasava nos pressupostos das necessidades econômicas e da organização econômica.

Esse “fator social”, no qual se pautavam os filólogos da época para explicar a origem da linguagem, se restringe aos signos comunicativos que emergiam das necessidades de convívio entre os membros da comunidade linguística (das primeiras tribos de organização humana). Como filha da filologia, a linguística herda a ênfase nos signos linguísticos constitutivos da comunicação verbal.

Essa organização socioeconômica foi se tornando mais complexa à medida que se intensificavam as relações sociais e de trabalho, produzindo diferentes compreensões do mundo e diferentes interações com o mundo por meio dos *signos*. A partir dessas constatações, Volochínov (2013, p. 141 – grifos do autor) conclui que linguagem “É o

produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou”.

Contudo, a questão que se coloca é: de que concepção os estudos da linguagem se apropriam ao longo do tempo? Após explanar sobre a relação da linguagem com o mundo e com o próprio ser humano no texto *O que é a linguagem?* (2013), em *Marxismo e filosofia da linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, Volóchinov (2017) elucida implicações das duas tendências do pensamento filosófico-linguístico da época, em relação às concepções de linguagem: o *objetivismo abstrato* e o *subjetivismo individualista*. A respeito dessas duas tendências, o autor (2017, p. 161-162 – grifos nossos) assegura que

A diferença entre a primeira e a segunda tendência pode ser ilustrada com muita clareza do seguinte modo: as formas idênticas a si mesmas que compõem o sistema imóvel da língua eram, para a primeira tendência) apenas uma *estratificação morta da formação linguística real*, que é verdadeira essência da língua, realizada por meio de um ato individual, criativo e irreproduzível. Para a segunda tendência, justamente esse sistema de formas idênticas a si mesmas torna-se a essência da língua; já a *refração individual e criativa e a variação das formas linguísticas* são, para ela, apenas *resíduos da vida linguística* ou, mais precisamente, da imobilidade linguística monumental, apenas sobretons imperceptíveis e desnecessários do tom principal e permanente das formas linguísticas.

A primeira tendência de estudos da linguagem deu origem a Linguística Estruturalista do início do século XX. Aqui a linguagem constitui-se de múltiplas faces encontradas na comunicação humana, enquanto a língua é situada dentro de um sistema linguístico único e classificável. Essas concepções de língua/linguagem estabelecidas por Ferdinand de Saussure (principal representante da vertente estruturalista) e seus seguidores conferem à linguística o *status* de ciência, possibilitando-a estudar a linguagem verbal humana de maneira autônoma.

Para tanto, o linguista suíço separa da linguagem a fala, classificando-a como resultado da vontade do falante, e a língua, definindo-a como *parte essencial da linguagem*, um *todo por si* e um *princípio de classificação* na qual o falante não intervém, mas a absorve passivamente. Essa “unicidade linguística” de caráter social e o reconhecimento da possibilidade de categorizar os elementos linguísticos levou Saussure (2012) a eleger a língua como objeto de estudo da linguística moderna que acabara de surgir como uma ciência autônoma.

Realizar o estudo da língua, partindo dessa concepção de um sistema de signos monológicos e isolados, é lançar-se em um horizonte abstrato e sem vida, embora seja também esse o ponto de partida para discussões que vão de encontro ao princípio de língua única como um conjunto de convenções sociais, dissociado das ações humanas, em contextos históricos e ideológicos específicos.

No campo do ensino, essas discussões apresentam um impacto relevante no estudo situado da língua em uso, entendida não como uma língua a ser decifrada e ensinada, como um modelo a ser seguido, mas concebida como processo e produto da interação entre os sujeitos sociais.

A concepção de língua única é uma manifestação teórica do discurso monológico que, além de contrapor o heterodiscurso, centraliza e unifica o discurso verboideológico, criando, no interior da língua, um núcleo firme e estável resistente ao heterodiscurso. Em direção oposta a essa visão estreita de língua e em um liame de pensamento com Volóchinov (2017), Bakhtin (2015, p. 40 – grifos do autor) assevera que o sistema da língua é insuficiente para a concretização da comunicação social, ressaltando que

Não temos em vista um *minimum* linguístico abstrato da língua comum, no sentido de um sistema de formas elementares (símbolos linguísticos) que assegure um *minimum* de compreensão na comunicação prática. Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. Por isso a língua única exprime as forças da unificação verboideológica concreta e da centralização que ocorre numa relação indissolúvel com os processos de centralização sociopolítica e cultural.

Nesse sentido, podemos afirmar que a língua não está presente nas formas estáticas e repetíveis do sistema linguístico, a serviço de um estudo filológico que tem como principal objetivo decifrar uma língua morta e ensinar essa língua decifrada. Essa postura do chamado objetivismo abstrato, de base no pensamento racionalista e mecanicista, desconsidera o aspecto histórico da linguagem, justamente o que a mantém em plena atividade. “Com isso, exclui-se a possibilidade da participação ativa da própria consciência do falante no processo de formação histórica da língua.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 198), que constitui a língua em cada realidade concreta de uso.

Por outro lado, segundo a teoria da expressão, fundada em solo idealista e espiritualista, a compreensão de um fenômeno ideológico, como é o caso da linguagem, deve estar voltado para o interior, o centro organizador da expressão humana, através do qual a expressão deve ser dominada. Esses pressupostos do subjetivismo individualista admitem o enunciado como

[...] um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gostos e assim por diante. A categoria da expressão é aquela categoria superior e geral à qual é reduzido o ato linguístico, isto é, o enunciado. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 202).

Assim entendido, o enunciado seria fruto da individualidade do sujeito, da inspiração humana. Essa compreensão resiste especialmente no estudo de textos literários promovido pela Educação Básica brasileira, herança da Poética Aristotélica na classificação dos gêneros (lírico, épico e dramático), especialmente na expressão da individualidade de um “eu-lírico”. Essa teoria dos gêneros se consolidou no campo da literatura e “[...] até hoje orienta a análise de tudo o que se entende como gênero”. (MACHADO, 2013, p. 152). Entretanto, o enunciado como produto da interação social humana é organizado fora do indivíduo quanto ao sentido, significação e conteúdo.

Trata-se, então, de uma estrutura sociológica, cujo acabamento estilístico é de fluxo social. Portanto, não se deve partir do enunciado monológico, como fizeram o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista, para uma análise sociológica de um produto social, pois é na comunicação discursiva real que encontramos a língua viva em diálogo ativo com diversas outras línguas no plano do heterodiscurso social. A fim de salientarmos ainda mais essa questão, tomamos as palavras de Volóchinov (2017, p. 218-219 - grifos do autor) que afirma

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.

Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua.

Resumindo as reflexões realizadas sobre as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico (o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato)

contemporâneo a sua época, Volóchinov (2017, p. 224-225 – grifos do autor) manifesta algumas conclusões como:

- 1) *A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica*, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
- 2) *A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.*
- 3) *As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes.* As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
- 4) *A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem.* A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.
- 5) *A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social.* O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra “individual”) é um *contradictio in adjecto*.

Diante do que discutimos até aqui, entendemos que a linguística, advinda da filologia, herda desta os métodos que dissecam a língua, extraindo dela sua natureza ideológica e tendo como resultado uma abstração dos enunciados concretos, uma linguagem despida de ideologia e de sentido. Apesar de ser reconhecida como produto das relações sociais, a língua é apreendida, pelas tendências linguísticas da época, como um sistema de normas idênticas entre si, o que lhe daria condição para ser “social”. Isso concede ao *signo* o *status* de *sinál*³ em que se basta o reconhecimento e não a compreensão. Sobre esse assunto, Volóchinov (2017, p. 176) ressalta que

A consciência subjetiva do falante não trabalha com a língua como um sistema de formas normativas e idênticas. Esse sistema é apenas uma abstração, obtida mediante um enorme trabalho realizado com uma certa orientação cognitiva e prática. O sistema é um produto de reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediata.

³ Entendida de forma imutável, do ponto de vista sincrônico como nos diria Saussure (2012), a língua se torna um sinal, despojada de sua história, cultura e ideologia. Em direção contrária, defendendo a composição ideológica da língua, Volóchinov (2017, p. 177 – grifos do autor) argumenta que “[...] *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível.* Esse é o ponto de vista do falante.”

Na prática, as esferas comunicativas trazem formas de enunciados típicos que serão reelaborados e reacentuados no fluxo contínuo de uso da língua, porque essa mesma língua já se encontra impregnada de sentidos outros, construídos em outros momentos e relações interpessoais. “Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

Com o sistema de formas normativas idênticas, obtém-se da língua um sentido único, de uma língua alheia⁴, através de enunciados monológicos que anseiam a uma compreensão passiva por não esperarem previamente uma resposta. Tal advertência nos chama a atenção ao pensarmos que “[...] essa orientação filológica determinou de modo significativo todo o pensamento linguístico do mundo europeu.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 182).

Apesar da visão consolidada construída pela filologia, os estudiosos russos do Círculo atestaram a face social da linguagem por meio de uma reflexão holisticamente sociológica. É consenso entre os bakhtinianos que “[...] a interação discursiva é a realidade fundamental da língua”, nas palavras de Volóchinov (2017, p. 219). E por esse mesmo motivo

O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados). (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Convergindo com as ideias de seus parceiros do Círculo de estudos, Mikhail M. Bakhtin (principal membro do grupo) realiza seu estudo sobre a linguagem⁵ através de análises do romance europeu, partindo de um posicionamento crítico que envolve a

⁴ Aqui a palavra do outro é a palavra pronta, destituída de múltiplos sentidos e, por isso, acabada. Volóchinov (2017, p. 188) explana essa questão, ressaltando que “A orientação da linguística e da filosofia da linguagem para a palavra alheia estrangeira de modo algum é ocasional ou arbitrária. Não, essa orientação representa uma expressão do enorme papel histórico que a palavra alheia desempenhou no processo de formação de todas as culturas históricas. A palavra alheia teve esse papel em todas as esferas da criação ideológica, sem exceção: do sistema sociopolítico até a etiqueta cotidiana. Pois justamente a palavra alheia estrangeira trazia luz, cultura, religião e organização política [...] .”

⁵ Tomamos o termo “linguagem” também como “língua” neste trecho e em outros convenientemente, assim como o Círculo utiliza o mesmo termo para se referir a “enunciado” e a “enunciação”.

linguística, a estilística e a filosofia da linguagem de sua época. A linguística tomava a língua como um sistema de normas e convenções sociais ou como fenômeno individual; a estilística limitava-se a analisar um dos elementos do texto, mas não o relacionava com o gênero como um todo, um conjunto indivisível, em que todos os elementos estão a seu favor.

Já a filosofia da linguagem resistia em considerar a linguagem do romance uma prosa literária, pois ele não correspondia aos parâmetros impostos pela poética. Eram usados os mesmos padrões do discurso poético no estudo da prosa romanesca. Dessa forma, a estilística tradicional não alcançava as peculiaridades sociodiscursivas da vida do romance.

O gênero romanesco desponta como a “*pedra de toque*” para a estilística tradicional, exibindo as limitações das análises estilísticas dos textos artísticos da época, e abre caminhos para as reflexões do Círculo de Bakhtin sobre as manifestações da linguagem. *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes (1547–1616), *Crime e Castigo* (1866), *Os Irmãos Karamázov* (1880), *O Duplo* (1846) de Dostoiévski são alguns romances basilares na construção do conceito de linguagem de Bakhtin que reconhece nessas obras a presença da vida verboideológica. Na concepção de Bakhtin (2015, p. 29-30 – grifo do autor), a estratificação interna da língua é premissa para a prosa romanesca, como afirma a seguir:

A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), pois bem, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco: através do heterodiscurso social e da dissonância individual, que medra no solo desse heterodiscurso, o romance *orquestra* todos os seus temas, todo o seu universo de objetos e sentidos que representa e exprime.

Essa estratificação interna da língua é determinada pelas especificidades dos gêneros discursivos e suas flexibilidades, inseridos em uma linguagem socioideológica dos grupos sociais, acrescidos de acentos, ressignificações e posicionamentos axiológicos em situações específicas de uso da língua. Tais peculiaridades emergem das

esferas sociais às quais pertencem, dos horizontes concreto-semânticos e apreciações singulares do mundo da vida. Nos termos de Bakhtin (2015, p. 63 – grifo do autor), “Essa estratificação se deve antes de tudo aos organismos específicos dos *gêneros*”.

Cada gênero apreende determinado aspecto do mundo da vida a depender da forma de visão e de compreensão dessa realidade. Contudo, esse processo de reflexão e refração da realidade só ocorre por meio de enunciados e não de elementos linguísticos desvinculados de suas propriedades sociais, históricas e ideológicas. Assim, a consciência e a compreensão da realidade são construídas ideologicamente, nas interações sociais, como assegura Medviédev (2012, p. 198), outro membro de grande relevância do Círculo bakhtiniano, ao tratar sobre o *Gênero e a realidade*,

Quando se diz que pensamos com palavras, que no processo da vivência, de visão, de compreensão, existe um fluxo de discurso interior, não se compreende o que isso significa. Pois não pensamos com palavras ou frases, e estas não constituem o fluxo do discurso interior.

Pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, não pode ser compreendido como um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas.

Até aqui já é possível notar que o conceito de linguagem para o Círculo bakhtiniano está ligado à compreensão de enunciados concretos que estão para além da estrutura linguística que o compõe. Se abstrairmos a estrutura do conteúdo sócio-ideológico, estaremos usurpando a vida da “palavra”, voltando ao estágio de sinal e desintegrando o signo ideológico e todo o enunciado do qual ele faz parte.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 177 – grifos do autor), “[...] *a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível.*” Tal distinção entre *sinal* e *signo* é de fundamental importância para a compreensão do conceito de língua do Círculo, uma vez que o *sinal* está voltado para o conceito de língua única e repetível e o *signo* representa a flexibilidade da língua a depender da esfera e do momento social, histórico e ideológico de uso.

Todas as nossas vivências, enquanto seres de linguagem, ocorrem por meio de signos saturados de sentidos, agregados ao contexto sócio-histórico e ideológico e à situação mais imediata de constituição da linguagem. Dessa forma, toda expressão enunciativa será organizada pelas condições reais de produção do enunciado, para um

horizonte social determinado que organiza essa expressão de fora para dentro. Discutindo essas ideias, Volóchinov (2017, p. 205 – grifos do autor) esclarece que

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”.

Assim infere-se que as relações que se estabelecem entre falante e ouvinte na comunicação para a produção de sentido vão muito além da atividade discursiva do falante e da suposta passividade discursiva do ouvinte, como pregava a linguística tradicional. O falante, ao elaborar seu discurso, leva em conta o ouvinte e tudo o que este representa no momento da situação comunicativa, a partir do contexto social, histórico e ideológico determinantes do ato comunicativo.

Além da relação com um *outro*, todo discurso emerge como uma resposta a discursos anteriores dos outros e do próprio falante, configurando-se também em uma resposta potencial a discursos presumidos. Isso explica a afirmação de Bakhtin (2011c, p. 272) ao dizer que, “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Essa é base do princípio dialógico da linguagem instituído pelo Círculo.

Além disso, como seres únicos, insubstituíveis no universo, a singularidade das ações humanas torna o sujeito responsável direto por seus atos, pois “É apenas o não álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real [...]” (BAKHTIN, 2010b, p. 99), ou seja, não há álibi na existência. Dessa forma, nossa singularidade, nossos atos de linguagem se realizam em uma situação social e histórica específica e única que interferem diretamente na produção desses atos, limitando-os e complementando-os para sua compreensão.

Essa posição discursiva ativamente responsiva e responsável do falante na língua em uso ratifica o princípio dialógico da linguagem, coluna central das discussões filosóficas sobre a linguagem nas obras de Bakhtin e do Círculo. A compreensão perde o status da passividade e passa a agir discursivamente, posicionando-se diante do discurso do autor, como destaca Bakhtin (2011c, p. 271),

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Suprimir da língua suas relações inerentemente dialógicas é transformar o discurso vivo em abstração, em elementos e unidades da língua que, embora importantes para a materialização dos discursos, são, por si sós, insuficientes para a compreensão concreta dos enunciados. O processo de produção de sentido pressupõe, para o princípio dialógico da linguagem, uma ação, uma atividade que é realizada entre sujeitos discursivos situados em contextos específicos de produção enunciativa.

Para Bakhtin (2010b) a linguagem é produto da ação humana em uma relação alteritária, intersubjetiva, entre os sujeitos, próprias das práticas sociais, pois atribui a falante e a ouvinte um valor discursivo equivalente, delimitando o material e o modo de realização da linguagem, determinantes para a produção do sentido. Logo, a produção de linguagem ocorre na inter-relação entre, no mínimo, duas consciências individuais socialmente construídas. Bakhtin (2011e, p. 343, grifo do autor) explica o processo construtivo da linguagem da seguinte forma: “Não é outro *homem* que permanece objeto da minha consciência, é outra consciência no gozo dos plenos direitos que está ao lado da minha e só em relação à qual minha própria consciência pode existir”.

Nesse sentido, o filósofo propõe uma concepção dialógica de linguagem, refletindo e refratando a vida concreta e não apenas a linguagem (no sentido estrito do termo) em que os seres humanos também são constituídos dialogicamente na arquitetônica do *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*⁶, revelando os posicionamentos valorativos do sujeito no mundo. O *eu-para-mim* evidencia a relação do *eu* consigo mesmo, seu papel social no mundo, o *eu-para-o-outro* traz à tona a relação entre sujeito e seu interlocutor real ou presumido, tendo os dois o mesmo valor no enunciado, assim como o *outro-para-mim*, relações valorativas que se evidenciam na construção do enunciado.

Os enunciados concretos que compõem a vida verbal das relações humanas se constituem de enunciados alheios que interagem na produção enunciativa. Essa integração entre os enunciados autoral e alheio pode se manifestar através de uma

⁶ “[...] todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos.” (BAKHTIN, 2010b, p. 114-115).

composição mais explícita na superfície linguística no enunciado do outro, ou seja, “Cada uma dessas formas composicionais está vinculada a determinadas possibilidades estilísticas [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 79), ou pode ainda estar camuflado em um enunciado tipicamente monológico⁷, em que se visa mascarar as vozes constitutivas da realidade dialógica da linguagem.

Ainda que o autor tenha preparado as formas sintáticas, estilísticas e composicionais para incluí-lo em seu discurso, o enunciado alheio permanece com o mesmo tema, ou seja, já se insere no discurso embebido de sentidos construídos em outros contextos de uso. Em cada novo diálogo, o enunciado é reelaborado e reacentuado, renovando a entonação expressiva que lhe é constitutiva.

Como se percebe, os meios de inclusão dos discursos alheios no discurso autoral necessitam de maior aprofundamento, por isso serão refletidos em um capítulo a parte em nossa tese. Nesse instante, a discussão se mantém sobre o dinamismo da linguagem revelado nos enunciados concretos que são, por natureza, dialógicos.

O diálogo, no sentido estrito do termo, consiste em uma estrutura composicional de interação ‘face a face’, e, apesar dessa estrutura composicional, esse diálogo também se realiza por meio de relações dialógicas como qualquer outro enunciado concreto. Essa é a noção de diálogo defendida por Bakhtin e o Círculo, conforme situa Faraco (2009, 62),

O Círculo, portanto, olha para o diálogo face a face do mesmo modo que olha para uma obra literária, um tratado filosófico, um texto religioso, isto é, como eventos de grande interação sociocultural de qualquer grupo humano; como espaços de vida da consciência socioideológica; como eventos atravessados pelas mesmas grandes forças dialógicas (as forças da *heteroglossia dialogizada*). (FARACO, 2009, p. 62, grifos do autor).

Considerando o contínuo embate de vozes sociais que traduz a estratificação da linguagem (a *heteroglossia dialogizada*), o Círculo bakhtiniano ancora a produção do sentido dos discursos/enunciados nas relações intersubjetivas dos sujeitos sociais. A subjetividade é uma construção sócio-histórica e ideológica em que o sujeito e seus atos

⁷ Os enunciados monológicos também são dialógicos. Ocorre que “O discurso ‘tendencialmente monológico’ é aquele que se mostra, em termos de sua organização, e de seu projeto enunciativo (a intencionalidade do sujeito ao enunciar, aquilo que ele pretende dizer), voltado, tanto em termos de incorporação como de negação, para a ‘neutralização’, na superfície discursiva, das vozes que o constituem, pondo em destaque a voz do locutor/enunciador, ou seja, criando o efeito de instauração de uma só voz como a voz dominante. Isso pode ser feito tanto de maneira explícita como de maneira implícita.” (SOBRAL, 2009a, p. 38).

de linguagem estão sempre em interação, em relação interdiscursiva constituindo-se mutuamente. Nas palavras de Sobral (2009a, p. 32), “[...] o sujeito da linguagem, sujeito do discurso, é um agente – ou melhor, um ‘interagente’ -, alguém que age na presença (que não é necessariamente física [...] de outro(s) agente(s)).”.

Desse intercâmbio verbal, entre grupos e esferas sociais, emergem os discursos/enunciados que circulam na sociedade, e sobre os quais agem *forças centrípetas* (que visam unificar, centralizar a estratificação verbal) e *forças centrífugas* (que buscam romper as barreiras centralizadoras da linguagem através da polêmica, do riso, da reacentuação, etc.)⁸.

Em suma, essas ações de linguagem atuam simultaneamente sobre os discursos advindos das esferas da comunicação humana, interferindo, de alguma maneira, na construção do sentido das atividades sociais. Esse sentido é produto de embates dialógicos, de relações dialógicas, entre enunciados de *outrem* que navegam no imenso mar de vozes sociais. Tais relações dialógicas revelam que toda enunciação responde a enunciados passados, constituindo-se uma réplica, e a enunciações posteriores, evidenciando o princípio dialógico da linguagem, conforme observaremos a seguir.

2.2 As relações dialógicas

Na perspectiva dialógica, a linguagem é concebida para além dos sistemas semióticos que a representam, materializada nas relações dialógicas do discurso vivo. Não pode haver relações dialógicas entre os elementos do sistema da língua, nas relações sintáticas, semânticas, e mesmo em expressões ou textos inteiros, se vistos sob o aspecto meramente linguístico. Logo,

As relações dialógicas, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística. Diferem radicalmente de todas as eventuais relações linguísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado. (BAKHTIN, 2011d, p. 320).

Foi à metalinguística - que toma os elementos da língua no contexto das relações dialógicas da comunicação discursiva - que Bakhtin (2013b) delegou o estudo

⁸ “Bakhtin, ao apresentar sua concepção axiologicamente estratificada da linguagem (a heteroglossia) e sua dialogização (a heteroglossia dialogizada), aponta também, portanto, para a existência de jogos de poder entre as vozes que circulam socialmente, manifestados nas tendências centrípetas e correlacionados a condições sócio-históricas específicas.” (FARACO, 2009, p. 70).

da língua na sua realidade concreta, já que a linguística de sua época se ocupava do sistema da língua e suas relações lógicas.

Essas relações linguísticas constituem uma visão restrita e abstrata do real da língua, indispensável para realização das relações dialógicas, mas, por si só, insuficientes para produção de sentido, visto que “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2013b, p. 209).

As relações dialógicas pertencem à língua em uso, reveladas no nível do enunciado concreto, nas relações de sentido que se estabelecem entre os elementos linguísticos e o contexto de sua produção e nas relações entre enunciados já ditos ou presumidos do autor. É nesse sentido que

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011d, p. 323).

Para serem dialógicas, as relações lógicas (puramente linguísticas) devem representar um posicionamento valorativo do autor⁹, determinado pela relação com o outro no discurso como vetor de relações dialógicas. Essa valoração pode ser expressa por enunciado inteiro, por expressões da língua ou mesmo por palavras isoladas usadas “[...] como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro”. (BAKHTIN, 2013b, p. 210). Dessa forma, só pode haver relações dialógicas em enunciados integrais, concretos, materializados axiologicamente¹⁰, através de diferentes vozes sociais.

O estudo de estilos, dialetos, polêmicas, etc., realizados na perspectiva da linguística pura não atinge a essência do discurso vivo. O discurso bivocal¹¹, por exemplo, só é percebido na língua no momento em que os elementos constitutivos do enunciado concreto são colocados em perspectiva dialógica.

⁹ Cf. Faraco, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: Conceitos-Chave. Beth Brait (org) 5. ed.. 2013. p. 37-60.

¹⁰ “A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão.” (FARACO, 2009, p. 52).

¹¹ O discurso bivocal “[...] surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra”. (BAKHTIN, 2013b, p. 211)

Da mesma forma, as diferenças entre um discurso monológico e um discurso plurilíngue¹², encontrado tanto em textos literários como em textos não literários, necessitam de um enfoque para além do linguístico. Assim, “[...] as relações dialógicas, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente linguístico do seu estudo”. (BAKHTIN, 2013b, p. 208). Todo tipo de comunicação discursiva está impregnado de relações dialógicas, salientando o caráter inerentemente dialógico da linguagem.

A construção do sentido ocorre no interior das relações dialógicas entre os enunciados concretos, ainda que sem uma aparente conexão entre eles. O que não significa dizer que tais relações sejam fortuitas, mas devem apresentar pontos de contato, possibilitando a compreensão dos enunciados. O diálogo entre esses enunciados não advém de elementos da língua ou de simples correspondência imediata entre dois indivíduos (diálogo no sentido estrito do termo), mas do todo discursivo, do enunciado pleno. Bakhtin (2011d, p. 332 grifos do autor) adverte que

O enunciado pleno já não é uma unidade da língua (nem uma unidade do “fluxo da língua” ou da “cadeia da fala”) mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado mas *sentido*. (Isto é, um sentido pleno, relacionado com o valor – com a verdade, a beleza, etc. e que requer uma compreensão *responsiva* que inclui em si o juízo de valor.) A compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica.

Encontram-se em jogo o posicionamento ideológico do sujeito no seu ato de linguagem responsivo (que responde a outros atos de linguagem) e responsável (atendendo à ética social que o situa no contexto comunicativo), a partir do propósito discursivo do enunciadador, do contexto de produção, recepção e circulação do enunciado, e da relação com o seu auditório. No interior desse universo, “As unidades da comunicação discursiva – enunciados totais – são irreprodutíveis (ainda que se possa citá-las) e são ligadas entre si por relações dialógicas”. (BAKHTIN, 2011d, p. 335). Ainda que represente modelos estilísticos-composicionais, veremos a seguir que os gêneros discursivos se constituem na singularidade e irrepetibilidade da produção ideológica de onde aflora o caráter dialógico da linguagem.

¹² Cf. O discurso em Dostoiévski. In Problemas da poética de Dostoiévski. (BAKHTIN, 2013b, p. 207 – 310).

2.3 Gêneros do discurso

O estudo da linguagem nem sempre esteve relacionado aos campos da comunicação humana, conforme nos apresenta Bakhtin e o Círculo. Na teoria clássica, os gregos Platão e Aristóteles conferem aspectos característicos aos gêneros literários, enfatizando as diferenças entre eles. Seus seguidores não se desviaram muito desse caminho. Os traços formais e linguísticos (retóricos) dos gêneros são notabilizados nessas análises que desconsideravam as relações dialógicas na produção discursiva.

Em direção contrária à teoria clássica, Bakhtin (2011c) situa o estudo dos gêneros nas ações humanas. Para o filósofo, há uma estreita relação entre as esferas de atividade humana e a produção dos discursos, revelada pelo conteúdo temático, pelas escolhas linguísticas do enunciador e, especialmente, pela construção composicional. Assim, é nas esferas de atividade da comunicação humana de onde emergem os tipos “relativamente estáveis de enunciados” denominados gêneros do discurso.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011c, p. 262).

Por isso, são incontáveis os gêneros discursivos e inesgotáveis as possibilidades de manifestações das esferas comunicativas através da linguagem. Sejam orais ou escritos, os gêneros externam as especificidades e a variedade da esfera a qual pertence, refletindo e refratando as atividades de linguagem de cada campo da comunicação humana. As mudanças que vão surgindo na sociedade e nos grupos sociais são também refletidas e refratadas pelos gêneros discursivos.

Ao discutir sobre signo, consciência e ideologia, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017) nos apresenta o conceito de refração, ressaltando a unicidade e a materialidade sógnicas em condições históricas e sociais específicas. O signo a que o autor se reporta é ideológico e está para além do signo linguístico saussuriano. Assim, todo objeto pode se tornar um signo na perspectiva de Volóchinov

(2017, p. 93), no entanto “[...] ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular.”

Na ótica do autor, toda palavra é um signo ideológico por excelência, pois excede seu sentido material, referindo-se a realidade de uma forma toda particular, “[...] sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). O signo é a materialidade da reflexão e da refração (avaliação) dos sujeitos em contextos singulares das atividades de linguagem.

Esse é um dos pontos de ancoragem de nossa pesquisa por tencionar a trabalhar com os estilos dos gêneros crônica e reportagem, sugerindo uma proposta de abordagem metodológica de leitura e interpretação mais apurada, construída a partir da análise do tom apreciativo e do discurso de outrem encontrados nos objetos de análise.

A ação prioritária no estudo dos gêneros discursivos é, como defende Bakhtin (2011c), explicar a natureza do enunciado diante de tamanha heterogeneidade que o constitui. Nesse sentido, é imperativo destacar a diferença entre os gêneros primários e os secundários.

Os gêneros primários recebem essa denominação por se tratarem dos gêneros mais corriqueiros e orais (na maioria dos casos), os do cotidiano. Já os gêneros secundários são aqueles considerados mais complexos, que fazem parte de um contexto comunicativo mais elaborado. É importante ressaltar que os gêneros primários integram os secundários fazendo parte do todo do enunciado, não como enunciados isolados.

Conforme Bakhtin (2011c) há três elementos fundamentais indissociáveis no enunciado concreto e, ao analisá-los, é preciso levar sempre em conta a natureza dos enunciados. Esse tripé de sustentação dos gêneros é formado pelo tema (ou conteúdo temático), pela construção composicional e pelo estilo, dimensões que serão discutidas no tópico a seguir.

O tema não deve ser confundido com assunto, pois pertence ao sentido do todo do enunciado e não de palavras ou expressões isoladas; a construção composicional está relacionada à estrutura dos gêneros, refletindo o propósito discursivo do enunciador; e o estilo corresponde às escolhas linguísticas expressas no texto, a partir do contexto enunciativo. Nesses elementos, se observa a relativa estabilidade dos gêneros, sua relação com os campos de atividade humana. Assim,

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011c, p. 261-262 - grifos do autor).

Como vimos, o tripé que sustenta o gênero constitui o enunciado como um todo e encontra-se estritamente ligado às esferas comunicativas, apresentando marcas das condições de produção, circulação e recepção desses enunciados. Na seção a seguir, discutiremos as dimensões em que os gêneros do discurso se organizam, destacando o emprego situado e dialógico do tema, da construção composicional e do estilo.

2.3.1 As dimensões dos gêneros do discurso

A construção do sentido da língua está associada intrinsecamente à situação mais imediata e a mais ampla do contexto de uso. É exatamente no sentido do enunciado como um todo que se encontra o tema e não nos elementos abstratos da língua. Conforme Volóchinov (2017, p. 228) “[...] o tema do enunciado é definido não pelas formas linguísticas que os constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação –, mas também pelos aspectos extraverbais da situação.”

O tema não se constitui de partes do gênero, palavras, frases, sentenças, parágrafos. Ele faz parte de um todo e é o gênero como um todo que pode expressar o tema. Este envolve relações externas ao texto, estando para além das palavras, porque “Dominamos o tema com a ajuda da língua, mas não devemos incluí-lo na língua, como se fosse um elemento dela”. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 196).

Os elementos da língua são completamente abstratos quando vistos separadamente de seu contexto social, histórico e ideológico. Dessa forma, as relações morfológicas e sintáticas, embora necessárias para alcançar o tema, também são insuficientes para se chegar ao sentido do todo do enunciado. Portanto, a composição do tema se destaca por seu aspecto histórico que o torna único e indivisível, visto que “O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua

plenitude concreta” (VOLÓCHINOV, 2017, 228 – grifos do autor). Esta é a concepção de tema em que se ancora nossa pesquisa.

Inseparável da situação extraverbal, o tema do enunciado também é definido pelo projeto enunciativo do locutor em dado campo da situação comunicativa. O enunciador escolhe o gênero a partir de suas intenções comunicativas, conforme orientação do tema, do estilo e da construção composicional do gênero, o que indica as relações entre o enunciador e as características individuais da produção dialógica.

Os elementos linguísticos repetíveis nos diversos gêneros discursivos apresentam apenas o significado potencial. Esses elementos podem ser divididos em outras significações a depender da situação histórica em que se encontram, pois “A significação é *um artefato técnico de realização do tema*.” (VOLÓCHINOV, 2017, 228 – grifos do autor). O tema e a significação se constituem mutuamente no enunciado concreto. Não pode haver um sem o outro.

Os sentidos da língua se estabilizam no enunciado concreto, considerando a situação real de comunicação discursiva de onde podem surgir sentidos outros, novos ou aqueles que renascem de outros contextos discursivos. Assim, o tema do gênero do discurso é indissociável das relações dialógicas, revelando a interação do posicionamento valorativo entre interlocutores necessária à compreensão do enunciado.

O tema de um gênero discursivo também desponta da entonação expressiva dos elementos linguísticos contextualizados. Associados ao contexto histórico, a ênfase valorativa no uso da língua revela a avaliação social construída pelo locutor, considerando a situação comunicativa. Assim, “A consideração da avaliação social é necessária justamente para compreender a formação histórica do tema e das significações que o realizam.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.237).

Essa avaliação social encontra-se em todo o enunciado, determinada pelo contexto social, histórico e ideológico de produção, circulação e recepção do gênero do discurso, ela estabelece as escolhas linguísticas e a organização dessas escolhas no enunciado, sendo, por isso, inerente ao estilo. Desse modo, “Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.236).

O tema não se confunde com assunto do texto. O evento único e irrepetível usa e ressignifica as formas repetíveis da língua, atribuindo-lhes um novo viés ideológico de acordo com a necessidade contextual. Sobral (2009a, p. 77) aponta que

O processo de criatividade e de compreensão ideológicas é ininterrupto, e a consciência só vem a ser consciência quando imerge no conteúdo ideológico, isto é, no processo social da interação.

Nesse sentido, a compreensão do enunciado concreto ocorre através da interação entre dois ou mais interlocutores, entre no mínimo duas consciências mediadas pela linguagem real. Sobre isso, Volóchinov (2017, p. 232) assevera que

Toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta. Apenas a compreensão ativa é capaz de dominar o tema, pois um processo de formação só pode ser apreendido com outro processo também de formação.

Apresentamos uma atitude responsiva ativa diante do enunciado alheio a fim de compreendê-lo, estabelecendo, na interação, um lugar de confronto, não necessariamente de ideias; estas podem concordar, discordar, aprovar, reprovar o discurso alheio. Esse confronto surge na construção do sentido, na palavra não-dita, tendo em vista a compreensão a partir da oposição a outras significações possíveis, como acentua Volóchinov (2017, p. 232 – grifos do autor) “*Toda compreensão é dialógica. [...] A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante*”.

Essas noções de compreensão e ênfase valorativa respaldam as discussões e análises em nossa pesquisa, tendo em vista que o sentido não está fixado à palavra, ao material linguístico, ao gênero, mas dele depende para materializar-se. Assim como depende da forma de composição do enunciado concreto, como veremos a seguir.

Como parte indissociável do gênero do discurso, a composição ou construção composicional é determinada no momento de escolha do enunciado, em que o autor busca dar sentido ao seu objeto do discurso. Em um primeiro plano, o sujeito do discurso opta pela construção composicional e estilística do enunciado, tendo em vista a construção de sentido de seu projeto discursivo.

O aspecto expressivo do sujeito falante, diante do objeto do seu discurso é outro fator determinante para escolha da construção composicional e do estilo (sobre o qual falaremos mais adiante), além da sua relação com o ouvinte. Dessa forma, “A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN 2011c, p. 289). A composição constitui uma forma típica

atribuída a cada gênero diferente das formas da língua, da sua organização sintática e normas em geral. Logo,

Essa expressividade típica do gênero não pertence, evidentemente, à palavra enquanto unidade da língua, não faz parte do seu significado mas reflete apenas a relação da palavra e do seu significado com o gênero, isto é, enunciados típicos.(BAKHTIN, 2011, p. 293).

Por isso, conseguimos perceber de que gênero se trata, qual a sua extensão logo nas primeiras palavras do discurso alheio. O projeto de discurso do falante se insere nas formas estabilizadas dos gêneros, confirmando sua relativa estabilidade e expressividade. Claro que o padrão que o gênero manifesta não é uma camisa de força contra as inflexões individuais do falante.

A entonação expressiva age axiologicamente na estrutura do gênero, por isso existem enunciados com tons mais expressivos e outros pouco expressivos, como os gêneros formais. Além disso, ainda há a possibilidade de reacentuação do gênero, a transformação discursivo-emocional de um enunciado estruturalmente seco, frio, em uma entonação expressiva calorosa, por exemplo.

Para empregar corretamente o gênero em cada esfera da situação comunicativa real é necessário dominar suas especificidades estilístico-composicionais. Ainda que existam gêneros mais livres que outros, as formas do gênero são dadas ao falante, por mais flexíveis que elas sejam.

Por isso a dificuldade do falante em produzir gêneros de determinadas esferas discursivas; pois não dizemos através de frases ou orações, mas “[...] escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha.” (BAKHTIN, 2011c, p. 286 – grifo do autor). Escolhemos o enunciado pelo seu conjunto; é pelo todo que nos guiamos para a produção e compreensão do gênero discursivo, pela arquetônica do enunciado concreto.

A relação enunciativa do falante com o ouvinte, envolvendo todo o contexto comunicativo, compõe a arquetônica do gênero, a organização do discurso. Sobral (2009a, p. 68) destaca que

Quando se fala de “forma”, fala-se na verdade de duas formas; a primeira se refere à materialidade do texto – é a forma composicional

– e, a segunda se refere à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico e o ouvinte – esta é a forma arquitetônica.

A construção composicional, determinada pela forma arquitetônica, pode apresentar diversas maneiras de se realizar na superfície material do gênero a depender do projeto enunciativo do sujeito e de certo grau de estabilidade dos gêneros que nos permite reconhecê-lo na situação comunicativa.

Há uma estreita relação entre a construção composicional, forma como o gênero é organizado, e o estilo dos enunciados. A construção composicional reforça o tom do enunciado expresso pelo falante, seja qual for seu objeto de discurso, realizado a partir da seleção lexical, gramatical e sintática organizadas pela valoração dos elementos da língua e dos aspectos enunciativos que compõem o discurso: o interlocutor, o contexto, a situação de produção, circulação e recepção do texto, para realização de seu projeto enunciativo.

Segundo Bakhtin (2011c), a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo dos gêneros estão indissolivelmente ligados no enunciado concreto e apresentam os aspectos particulares inseridos na estabilidade e na instabilidade dos gêneros do discurso.

2.3.2 O estilo dos gêneros do discurso

Em busca de uma Estilística Sociológica, Bakhtin e o Círculo defendem, em diversas obras, a constituição sócio-histórica e cultural da estilística, expressa em uma relação conjunta entre a forma, o conteúdo, os interlocutores e o contexto. Esse empreendimento do Círculo bakhtiniano surge em contraposição à Estilística Tradicional que separava a forma do conteúdo dos textos literários, considerando a forma como a especificidade artística, a parte imanente da obra, enquanto os aspectos extra-linguísticos seriam estudados por um método sociológico em perspectiva apenas da história literária, mantendo-se distante da estrutura imanente da obra.

A Estilística Tradicional, contemporânea ao Círculo bakhtiniano, era constituída por duas correntes: a Estilística Idealista defendida por Vossler e seus

seguidores, e a corrente Estruturalista, herdeira das ideias de Saussure encontradas especialmente no Curso de Linguística Geral (2012). Em ambas, o estilo é considerado como desvio das normas da língua, porém o Estruturalismo utiliza o desvio como seu objeto de análise, enquanto o Idealismo procura investigar a origem do desvio na psique do autor. Em contraposição ao formalismo e ao ideologismo de sua época, Bakhtin e o Círculo propõem uma estilística sociológica, buscando unir forma e conteúdo, pois “A estilística não operava com a palavra viva, mas com seu preparado histológico, com a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor”. (BAKHTIN, 2017, p. 21).

Para alcançar o uso adequado dessa estilística sociológica na perspectiva do Círculo bakhtiniano, é necessário afastar a ideia de considerar a estrutura da obra como seu único objeto de análise ou, de considerar a subjetividade do artista ou do contemplador como fonte exclusiva da estética da obra. Essas duas percepções do objeto estético, predominantes até meados do século XX, consideravam o estilo como o estado da alma do autor. E no caso específico da prosa literária

Passava-se totalmente ao largo das questões concretas da estilística ou dava-se a elas um tratamento apressado e desprovido de um princípio; concebia-se o discurso da prosa como um discurso poético em sentido estrito e a ele se aplicavam, de maneira acrítica, as categorias da estilística tradicional (centradas na doutrina dos tropos como fundamento), ou ficava-se simplesmente em vazias apreciações valorativas da linguagem como “expressividade”, “figuralidade”, “força”, “clareza”, etc., sem que introduzisse nesses conceitos nenhum sentido estilístico minimamente claro e elaborado. (BAKHTIN, 2015, p. 24).

Graças a essa visão superficial da prosa literária, o discurso romanesco, privado de suas peculiaridades estilísticas, não era reconhecido como uma obra artística. Aliás, as correntes linguísticas de grande visibilidade na época (o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato) compreendem o estilo apenas como as escolhas disponíveis dentro do sistema linguístico ou como a expressividade individual do falante, ou seja, “[...] a unidade do estilo pressupõe, por um lado, a *unidade da língua* em termos de sistema de formas normativas gerais e, por outro, a *unidade da individualidade* que se realiza nessa língua”. (BAKHTIN, 2015, p. 31- grifos do autor).

As duas tendências apresentadas, respectivamente, o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, isolam seu objeto de estudo, privando a língua

de sentido. Concebendo o enunciado como produto psicofisiológico do autor, a primeira tendência restringe o estilo das produções à expressividade individual do autor. Já para a segunda tendência, o estilo está em função unicamente das escolhas linguísticas do enunciador dentro de um sistema fechado de signos linguísticos.

Não podemos esquecer que essas duas tendências visavam atender o que Volóchinov (2017, p. 147 – grifos do autor) chamou de “[...] *o problema do isolamento e da delimitação da linguagem como um objeto específico de estudo*.”. Conforme Bakhtin e o Círculo, nenhuma dessas tendências alcançou a realidade da língua, conseqüentemente, nenhuma delas atribui a língua em uso ao meio sócio-histórico e ideológico da vida prática. Para isso, é necessário considerar a relação social existente entre os interlocutores envolvidos na comunicação verbal. Além disso,

É necessário ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 145).

A estilística tradicional apresenta uma visão muito limitada da vida artística da palavra. Não se percebe o fenômeno *pluriestilístico*, *heterodiscursivo* e *heterovocal*, ou seja, a multiplicidade estilística, diferentes discursos e vozes que ecoam do texto romanesco. Quando se analisa o estilo separado do gênero da obra, perde-se a essência do romance e de qualquer outro gênero em que se aplique esse mesmo procedimento analítico, desconsiderando o aspecto fundamental do enunciado: sua natureza social.

O gênero romanesco evidencia a estratificação da vida verboideológica, o heterodiscurso dialogizado. No entanto, essa estratificação da linguagem¹³, que surge conscientemente em contraposição aos discursos monológicos oficiais, é ignorada pela filosofia da linguagem, pela linguística e pela estilística refletidas até o momento das discussões empreendidas pelo Círculo. Vale destacar que

Do ponto de vista da estilística, a obra em seu todo, qualquer que seja ele, é um monólogo fechado do autor, que se basta a si mesmo, que, fora do seu âmbito, só pressupõe um ouvinte passivo. Se concebêssemos uma obra como uma réplica de certo diálogo, cujo

¹³“A estratificação e o heterodiscurso se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização* e *separação*”. (BAKHTIN, 2015, p. 41 – grifos do autor).

estilo fosse determinado pela interação com outras réplicas desse diálogo (na totalidade da conversa), então, do ponto de vista da estilística tradicional não haveria um enfoque adequado a esse estilo dialogizado. (BAKHTIN, 2015, p. 44).

Esses posicionamentos buscam encontrar a totalidade do objeto artístico em suas partes constituintes, desconsiderando o material extra-artístico, a ideologia e a relação do autor com os ouvintes na construção da obra. De acordo com Volochínov (2013, p. 76 – grifos do autor), “*A tarefa da poética sociológica é compreender esta forma específica de comunicação social, realizada e fixada no material de uma obra artística.*” Os elementos constitutivos de uma obra, seja ela artística ou não, formam um todo integrado ao processo e ao produto da comunicação enunciativa.

A situação extraverbal é um dos elementos constitutivos do sentido da enunciação. Sem ela, a enunciação se desintegra, perde o sentido e a relação com a vida. O contexto extraverbal abrange o que está subentendido e é socialmente objetivo na situação comunicativa. Assim, os aspectos do sistema da língua não são suficientes para levar-nos à compreensão da enunciação.

No discurso artístico, por exemplo, o autor não trabalha com elementos puramente verbais, do universo das palavras propriamente ditas, mas reúne na obra elementos e valores do mundo e da vida; no estilo artístico, a língua não é usada como um fim em si mesma, mas como meio de enformação e acabamento do homem e seu mundo, um processo estético da obra artística que acontece de fora para dentro do elemento estético.

Estabelecendo uma relação estreita entre a palavra e o contexto extraverbal, a entonação expressa a valoração, não só na escolha de palavras, mas também na forma da enunciação. Aliás, “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura.” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 81). A entonação revela o estilo formado, como se percebe, por vários elementos que agem conjuntamente na construção do sentido do enunciado concreto.

Volochínov (2013) destaca que o autor, o herói e o ouvinte são forças vivas que determinam a forma e o estilo, tendo este último seu sentido apontado principalmente pela relação entre autor e ouvinte. Portanto, o posicionamento axiológico do autor está ligado ao seu nível de aproximação com herói que através da interferência do ouvinte determinam o estilo. A depender da proximidade maior do

herói com o ouvinte ou com o autor, podemos encontrar diferentes estilos dos enunciados: *estilo polêmico, confessional, autobiográfico*, etc.

Na construção da comunicação discursiva, o outro, o destinatário, está sempre presente na constituição do enunciado, na medida em que o falante antecipa suas respostas. Isso se deve ao fato de que “[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas.” (BAKHTIN, 2011c, p. 300). Em uma posição ativa e responsiva, simultaneamente, o ouvinte determina o discurso do falante.

Partindo da definição de Buffon¹⁴ de que “*O estilo é o homem*”, Volochínov (2013, p. 97) afirma que “[...] o estilo são pelo menos dois homens, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem.” Nessa assertiva, o autor destaca a concepção dialógica do estilo que tomaremos por base em nossas análises.

Nesse sentido, o estilo não brota da imaginação dos artistas como postulava a poética tradicional, tampouco se resume em “alto” ou “baixo” como na perspectiva da poética clássica. O estilo está intrinsecamente ligado ao gênero do discurso, podendo refletir a individualidade do falante. Alguns gêneros são mais propícios que outros para expressar essa individualidade, como é o caso da arte literária. Tais manifestações só são possíveis devido aos *tipos relativamente estáveis* de enunciados. (BAKHTIN, 2011c).

Gêneros com formas mais engessadas apresentam condições menos favoráveis à expressão dessa individualidade. Na realidade, “Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional”. (BAKHTIN, 2011c, p. 266).

Por outro lado, o estilo de linguagem revela o estilo do gênero com as particularidades de cada esfera de atividade humana. Indissociável às unidades temáticas e composicionais dos tipos relativamente estáveis de enunciados, o estilo de linguagem pode ter um estudo independente, desde que leve em consideração a natureza

¹⁴Buffon foi um naturalista e escritor francês.

do gênero dos estilos de linguagem e o reconhecimento entre gêneros primário e secundário.

Os gêneros primários são aqueles usados no cotidiano da vida das pessoas, são mais informais e, em sua maioria, pertencem à oralidade. Já os gêneros secundários, provenientes dos gêneros primários, são mais formais, possuem uma estrutura fixa, além de serem utilizados em ocasiões que requerem certo grau de protocolo.

Ao refletirem a vida social humana, os gêneros acompanham as transformações históricas e sociais da vida manifestadas através da linguagem. Isso significa que as mudanças históricas estão integradas aos estilos de linguagem, tendo em vista que “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”. (BAKHTIN, 2011c, p, 296). Logo, em relação dialógica com o meio em que vive, o homem constitui seu estilo ético e estético, orientado por sua visão de mundo.

A linguagem literária, também constituída pela linguagem dos gêneros não literários, se renova à medida que dialogam com esses gêneros. Nesse contexto, “A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero.” (BAKHTIN, 2011c, p, 268). Além disso, novos gêneros surgem a cada momento, trazendo consigo traços de outros gêneros, dando-lhes uma nova roupagem.

Segundo Bakhtin (2011c) é fundamental uma análise minuciosa do estilo individual e do estilo da língua para uma revisão mais detalhada dos problemas que envolvem a estilística. Embora a gramática e a estilística caminhem, frequentemente, em direções contrárias no que tange a aspectos metodológicos, em toda análise gramatical é indispensável o estudo estilístico, ambos ancorados nos gêneros discursivos, na língua em uso, “Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”. (BAKHTIN, 2011c, p, 269).

A abordagem da língua em uma perspectiva puramente gramatical ou em uma perspectiva estilística é denunciada pela forma que se realiza essa abordagem no enunciado concreto como um todo. Essa visão estilística da língua real, considerada dentro do contexto de uso, difere, por exemplo, do gosto linguístico encontrado em Vossler e seus seguidores, em que os fatores extralinguísticos constitutivos do enunciado concreto não recebem a devida atenção.

Pelo contrário, “Segundo ele, ‘a ideia de língua em sua essência é uma ideia poética; a verdade da língua é uma verdade artística, é uma beleza consciente”.

(VOLÓCHINOV, 2017, p. 152-153), além de uma atividade (*energeia*) estilística individual realizada no enunciado concreto, o que a mantém em constante mudança através do ato criativo consciente.

Já em uma análise essencialmente gramatical, enfatizando apenas o sistema de normas e regras, a língua fica reduzida aos elementos fonéticos, lexicais e gramaticais normativos e idênticos, excluindo-se, mais uma vez, aspectos fundamentais para a constituição do enunciado. Nesse sentido, a noção de língua se opõe ao enunciado, visto que “A língua contrapõe-se ao indivíduo como uma norma inviolável e indiscutível, à qual só lhe resta aceitar”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 156).

Nessa mesma direção, Bakhtin (2011c) considera que a oração com seus elementos gramaticais, só se torna enunciado quando relacionada à situação mais próxima e imediata da comunicação discursiva, estabelecendo uma relação ativa e responsiva com enunciados alheios. São essas relações dialógicas, constitutivas da linguagem viva na forma de enunciados concretos, que apresentam propriedades estilísticas. Isso acontece porque, segundo o filósofo,

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. (BAKHTIN, 2011c, p. 286 – grifo do autor).

Por isso, o ato individual linguístico se concretiza com o uso de elementos linguísticos dentro de um sistema estável e imutável preestabelecido, sem motivações ideológicas, sendo esse uso caracterizado apenas como correto ou incorreto. Assim, o caráter estilístico da língua real não é levado em consideração. A concepção de língua única e repetível perpassa por uma lei linguística específica que desconsidera o aspecto estilístico da língua viva. Assim,

O indivíduo recebe o sistema da língua da coletividade falante de modo totalmente pronto, e qualquer mudança dentro desse sistema encontra-se fora dos limites da sua consciência individual. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 157).

Essa tendência revela uma contraposição entre o sistema linguístico e sua história, ou seja, as mudanças linguísticas seriam resultado de desvios individuais das normas da língua desautorizados pelo sistema.

A ideia de considerar a língua como um sistema fechado de normas imutáveis foi herdada dos racionalistas¹⁵ que comparavam símbolos matemáticos ao ideal de qualquer signo, como o signo linguístico. Dessa forma, o signo não podia ser uma produção individual, nem tão pouco ideológica.

Em relação ao texto literário, por exemplo, a fragmentação do objeto de estudo da linguagem torna a obra incompreensível, pois o todo estético não se encontra na personagem, na expressividade do autor ou na seleção linguística material que este faz a fim de concretizar sua produção. Na realização do todo estético de que nos fala Bakhtin (2011b), herói e contemplador dão forma à estética do acabamento.

O acabamento que se verifica no campo estético, difere do acabamento nos campos ético e cognitivo. No campo estético, o acabamento advém da transgrediência do autor sobre a obra e os seus elementos. Segundo Bakhtin (2011b, p. 61-62 – grifos do autor),

O *todo* estético não se covivencia mas é criado de maneira ativa (tanto pelo autor como pelo contemplador; neste sentido admite-se dizer que o espectador covivencia com a atividade criadora do autor); apenas às personagens é indispensável vivenciar empaticamente, só que aí ainda não se trata de um elemento propriamente estético: só o *acabamento* é esse elemento.

No campo ético e no campo cognitivo, o enunciado “acabado” se constitui, principalmente, da interação entre interlocutores, do propósito discursivo do falante e do contexto de produção enunciativa. Ou seja, a palavra ou a oração, por ela mesma, não possui conclusibilidade. Apenas no nível do enunciado esse acabamento se torna possível. Assim, nós como seres de linguagem, também somos permanentemente inacabados; é o *outro* que nos completa, “Nesse sentido, o rumo em que segue a objetividade estética difere do rumo da objetividade cognitiva e ética [...]”. (BAKHTIN, 2011b, p. 11).

¹⁵ Nas palavras de Volóchinov (2017, p. 163 – grifos do autor), “Todo o racionalismo se caracteriza pela ideia da *condicionalidade, arbitrariedade da língua* e também *pela comparação entre o sistema da língua e o sistema de símbolos matemáticos*. A mente dos racionalistas, matematicamente orientada, não se interessa pela relação do som com a realidade por ele retratada ou com o indivíduo que o gerou, mas pela *relação de um signo com outro dentro de um sistema fechado*, uma vez aceito e postulado.”.

Como forma de representação da realidade, a obra não é moldada exclusivamente por seu autor, inclusive pode ultrapassar suas expectativas. Inclusive, aqui, torna-se relevante discernir o autor pessoa e o autor criador. Este último consiste em um posicionamento axiológico do autor pessoa, refletindo e refratando a realidade através do *excedente de visão*¹⁶, ou seja, distanciando-se da sua linguagem para a produção da obra. Assim,

O autor criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente. (FARACO, 2009, p. 90).

As posições valorativas do autor pessoa apresentam-se refratadas no todo da obra e não em suas partes constituintes, inclusive no posicionamento axiológico do autor criador (este corresponde a um tipo de *máscara* assumida pelo autor pessoa no momento de criação, seja em obras artísticas ou não). Esse movimento de distanciamento do autor pessoa para a realização da atividade estética é denominado, em termos bakhtinianos, como *exotopia*¹⁷, o que possibilita enformar esteticamente o texto.

Considerando que o estilo é um produto do discurso interno do homem, construído pelas suas relações sociais estabelecidas em sociedade, durante todo o percurso de sua vida, fica explícito que a estilística evidencia o princípio dialógico da linguagem. Assim, concordamos com Brait (2013, p. 80 – grifo da autora) que o

[...] *estilo* se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem.

¹⁶ “O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra.” (BAKHTIN, 2011b, p. 11 – grifo do autor).

¹⁷ Nas palavras de Bakhtin (2011b, p. 87), “[...] só a posição de distância cria o valor estético da imagem externa, a forma espacial expressa a relação do autor com a personagem [...]”.

Como já comentamos, todo enunciado é uma resposta a outros enunciados de determinado campo de relações humanas, além de suscitar resposta a outros enunciados que podem estar por vir, ou seja, todo enunciado é ativo e responsivo ao mesmo tempo. Dessa forma, essas relações de alteridade da comunicação discursiva revelam que “O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado”. (BAKHTIN, 2011c, p. 298 – grifos do autor).

Como vimos, a estilística tradicional determina o estilo apenas do ponto de vista semântico-objetual e expressivo nas construções valorativas do falante. No entanto, “Sem levar em conta a relação do falante com o *outro* e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso.” (BAKHTIN, 2011c, p. 304 – grifo do autor).

Esta pesquisa está ancorada em uma concepção dialógica de estilo que se constitui, fundamentalmente, pela relação valorativa do falante com seu destinatário, em que os elementos linguísticos são selecionados pelo sujeito, considerando, além de seus interlocutores presumidos, o contexto de produção do enunciado e as particularidades do gênero como o conteúdo temático e a construção composicional. Dessa forma, é possível compreender a expressividade e a representatividade construídas a partir desses posicionamentos axiológicos, que são revelados pela interação discursiva.

Nesse sentido, a entonação enunciativa, valorativamente organizada pela voz autoral, resulta de uma orientação discursiva que se encontra dentro das possibilidades do sistema linguístico, mas que vai muito além dele. O sentido estilístico das enunciações evidencia a ênfase do autor ou do personagem sobre o discurso de maneira mais clara ou mais disfarçada, utilizando as palavras do autor ou do próprio personagem, revelando o posicionamento axiológico do grande *orquestrador* do discurso, o autor.

O leitor deve estar atento aos tons valorativos empregados ideologicamente, a fim de desconsiderar a materialização linguístico-discursiva do autor apenas como realização do sistema linguístico. Na próxima seção, refletiremos o posicionamento valorativo individual no gênero do discurso, no contexto real de uso da língua. As relações sociais entre os interlocutores, os meios de produção e circulação dos enunciados, além do contexto histórico e cultural de produção e recepção, são responsáveis pelo tom expressivo das palavras convocadas para o enunciado concreto.

2.4 O tom emotivo-volitivo

Como já vimos em seções anteriores desta tese, moldamos nossos discursos a partir de enunciados *relativamente estáveis* que são os gêneros do discurso. O tema, a forma composicional e o estilo munem os falantes de elementos típicos de *construção do todo* preestabelecidos socialmente. E apesar de se organizarem através de um sistema linguístico normativo, os gêneros oferecem maior flexibilidade ao usuário da língua que, quanto mais os domina, mais imprime neles sua individualidade.

O autor, na posição social que assume ao proferir seu discurso (‘autoridade’ na realidade discursiva), faz as escolhas de palavras ou expressões alheias¹⁸, que melhor correspondam ao seu objetivo expressivo, determinado pelo contexto. Isso acontece porque convocamos os discursos alheios e típicos para os nossos enunciados, mas agregamos a eles nossas (re)acentuações, tornando-os também individuais, mantendo, em diferentes níveis, a expressividade alheia.

Essa avaliação na escolha de palavras e expressões típicas disponíveis na realidade da língua estabelece o tom emotivo-volitivo do enunciado concreto, que é constitutivo, em maior ou menor grau, da individualidade do falante. Esse ato individual, é claro, resulta do posicionamento valorativo do sujeito autor diante do objeto de seu discurso e, principalmente, da resposta presumida do ouvinte.

No entanto, alguns gêneros são tão engessados (os gêneros oficiais, por exemplo) que já reivindicam certa expressividade, levando o autor a convocar elementos típicos desses gêneros, com uma *auréola estilística* típica. Esses elementos tornam-se característicos do gênero, imbuídos de certo tom apreciativo naturalmente constituído pelo contexto em que, repetidas vezes, é empregado. É o que acontece, por exemplo, com a expressão *Era uma vez*, peculiares aos contos de fadas infantis.

Ainda assim, Bakhtin (2011c) ressalta que a expressividade não está na palavra ou na oração, ou seja, nas formas da língua, mas só pode ser encontrada no enunciado real. Enquanto forma da língua, a palavra é neutra, podendo servir a diferentes e até

¹⁸ De acordo com Bakhtin (2011c, p. 292-293), “Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, lexicográfica. Costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente”.

contrários propósitos discursivos e apresentar manifestações expressivas as mais diversas.

Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertence a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN, 2011c, p. 294 – grifos do autor).

Dessa forma, o significado da palavra isolada ganha um *sentido concreto* na comunicação discursiva real e o estilo individual se manifesta, além da escolha do gênero para a realização do projeto do discurso e das escolhas linguísticas do falante (elementos lexicais, gramaticais e composicionais), através da expressividade revelada no tom emotivo-volitivo do autor com o objeto de seu discurso. A fim de esclarecer como se dá a valoração nessas escolhas do sujeito, Bakhtin (2011c, p. 289 – grifo do autor) nos apresenta três momentos determinantes do enunciado concreto:

A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.

O terceiro momento determinante do enunciado concreto é a relação do falante com o ouvinte, ou seja, a avaliação das escolhas do sujeito diante do interlocutor presumido que interfere diretamente no tom avaliativo e nas escolhas verbais para construção do enunciado. A respeito disso, Sobral (2009a, p. 84 – grifos nossos) salienta que

[...] todo ato (e não só verbal) traz um tom avaliativo pelo qual o sujeito se responsabiliza, envolve um dado conteúdo e um dado processo, que adquirem sentido ao ser unidos pela entoação avaliativa em sua relação com a responsividade ativa, ou seja, o fato de o interlocutor não ser um receptáculo ou decodificador do enunciado do locutor, mas um “parceiro” da produção de sentido. Já vimos que,

além do processo do ato e do produto do ato, há a valoração que o agente faz do ato em suas interações – porque todo ato é “inter-ação”, nunca ação isolada, o que impede que se entenda a valoração como ato puramente subjetivo: *o sujeito só avalia em interação, o que molda sua valoração.*

As relações sociais estabelecidas entre o falante e o seu destinatário se fazem presentes na constituição do enunciado concreto. Ao construir seu enunciado, o falante antecipa as possíveis respostas de seu interlocutor presumido, considerando o fundo aperceptível apreendido no discurso pelo destinatário. Essa ativa compreensão responsiva do sujeito autor notabiliza o aspecto individual do discurso no tom emotivo-volitivo dos elementos selecionados para a concretização do dizer.

A valoração dos atos e eventos que envolvem os sujeitos decorre de suas experiências do mundo da vida e da heterogeneidade que constitui sociedade. Mas Faraco (2009, p. 103) nos chama a atenção de que para Bakhtin e o Círculo, a constituição do discurso autoral, a partir de outros enunciados, não dispensa o significado da palavra, pelo contrário

[...] o enunciado sempre situado num contexto cultural axiológico-e-semântico, lembrando que a aglutinação visível nesta forma hifenizada busca representar a perspectiva de Bakhtin e o Círculo de que a semanticidade do enunciado concreto envolve sempre e de modo interconectado valor e significado.

Dependendo do contexto, a palavra pode manifestar diferentes significados dos que lhes são comumente atribuídos. A situação mais próxima e mais imediata e o contexto mais amplo da produção e recepção agem concomitante e decididamente no sentido e no tom do discurso.

Toda palavra apresenta um ‘juízo de valor’, mas como nos diz Bakhtin (2011c, p. 292) “O colorido expressivo só se obtém no enunciado [...]”.

Com vistas em uma estilística sociológica proposta por Bakhtin (2015), é notório que o tom emotivo-volitivo do enunciado concreto considere o papel social dos interlocutores na interação, pois essa relação é determinante para a compreensão responsiva do enunciado. Nesse contexto, Sobral (2009a, p. 88) assevera que,

[...] as avaliações e as respostas/reações dependem da posição, do papel social, dos protagonistas do discurso, das relações sociais que há ou passa a haver entre eles, e essas posições ou lugares envolvem valores ideológicos correspondentes a essas posições, além de toda a

configuração psíquica dos envolvidos etc. no âmbito de uma dada sociedade e da história.

Tomando por referência a constituição dialógica do estilo, tanto individual quanto de linguagem, lembramos que, para o Círculo de Bakhtin, a linguagem é uma ação humana intrinsecamente ligada à vida e suas relações sociais, culturais, históricas e ideológicas. Nesse emaranhado dialógico, em que as vozes ecoam nos enunciados concretos, destacam-se tipos de discursos, estrategicamente empregados, a fim de alcançar o propósito discursivo do enunciador.

Evidenciaremos a maneira como o autor toma o discurso de outrem e a concretização desse discurso no enunciado alheio, ressaltando a finalidade desse ato ético e estético na construção do gênero (nesta pesquisa, mostraremos com que intenção isso acontece no gênero crônica e no gênero reportagem que constituem o *corpus* de nossas análises).

2.5 Os tipos de discursos

Ao concebermos a língua em uma perspectiva dialógica, reconhecemos que os enunciados são repletos de discursos alheios, de vozes sociais que atravessam os discursos com seus pontos de vista ideológicos diversos, evidenciando uma língua inerentemente estratificada. Essas vozes constituem o enunciado autoral, ora conservando-se na sua forma linguística integral, ora dissolvendo-se em meio ao discurso autoral, tornando-se quase que imperceptíveis as suas fronteiras. De uma forma ou de outra, estamos de acordo com Volóchinov (2017, p. 250, grifo do autor) no sentido de que

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de *outro* sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial.

A transmissão do discurso alheio pelo discurso autoral é uma “*reação da palavra à palavra*”. O enunciado autoral prepara-se sintática, estilística e composicionalmente a fim de incorporar o discurso do outro, que também mantém essa

mesma estrutura, ainda que de forma rudimentar, na dissolução do discurso alheio em meio ao contexto autoral. Tal inserção difere do diálogo, em que as falas dos sujeitos são gramaticalmente independentes, estruturando-se na forma de discurso direto e unido ao discurso autoral por via sintática e, principalmente, contextual. Essas relações dialógicas trazem à tona o princípio fundamental da linguagem, a interação, o encontro de vozes sociais que ecoam no enunciado concreto.

Nesse sentido, Bakhtin (2013b) assevera a permanente relação dialógica entre os discursos, com o discurso de outro. Ao convocarmos uma palavra para compor um enunciado concreto, ela já se manifesta carregada de expressões alheias, de valorações dos outros, tecidas na imensa rede de relações dialógicas da linguagem em uso. A seleção, a organização linguística e o tom discursivo da palavra enunciada em contexto específico refletem as vozes sociais impregnadas na língua viva e o autor, ao fazer uso dessa língua, composta de ressonâncias dialógicas, reveste-a de sua expressão.

A percepção ativa avaliativa do enunciado alheio ocorre no contexto do discurso interior, entrando em contato com outros discursos que compõem o fundo aperceptivo¹⁹ do sujeito. As formas de transmissão dessa percepção ativa seguem tendências socialmente estáveis, revelando a face estratificada da língua. É certo que toda transmissão tem seu propósito discursivo-enunciativo, reforçado pelo auditório específico, um terceiro, a quem é endereçado o discurso alheio. Nesse sentido, “Essa orientação para um terceiro é especialmente importante, pois ela acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 252).

Vale salientar que as formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto não expressam diretamente a percepção ativa avaliativa do enunciado alheio. Estes constituem “*padrões de transmissão*” existentes na língua. No entanto, “[...] essas formas exercem uma influência reguladora, estimuladora ou inibidora sobre o desenvolvimento das tendências de percepção avaliativa, determinando sua direção.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 253), conforme o objetivo, o momento histórico, o contexto de uso da língua.

¹⁹ De acordo com Volóchinov (2017, p. 254), “Tudo que há de essencial na percepção avaliativa do enunciado alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior. O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências – o assim chamado fundo de apercepção – são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido.”

No momento de constituição da expressão da percepção ativa intradiscursiva, o enunciado alheio é ‘emoldurado’ pelo contexto transmissor, organizando-se, em seguida, uma réplica. Esses momentos se fundem na expressão da percepção avaliativa ativa, podendo ser percebidas no discurso autoral, independente do seu objetivo. Mesmo com seus aspectos formais e/ou estilísticos, o discurso alheio contribui para a construção de sentido e para corroborar com o projeto discursivo do autor nos gêneros do discurso, a partir da sua percepção ativa e responsiva.

Assim, o discurso alheio é objetificado e estratificado nos moldes disponíveis da língua, convergindo com o discurso autoral, a fim de atender as refrações do autor na construção do enunciado concreto. Dessa forma,

O discurso objetificado é igualmente orientado exclusivamente para o seu objeto, mas ele próprio é ao mesmo tempo objeto de outra orientação, a do autor. Mas essa outra orientação não penetra no íntimo do discurso objetificado; toma-o como um todo e o submete às suas tarefas sem lhe mudar o sentido e o tom. (BAKHTIN, 2013b, p. 216).

Esse discurso objetificado, do qual nos fala Bakhtin (2013b), representa a dupla orientação da palavra, questão desprezada pela estilística de sua época, conforme o filósofo russo. Segundo ele, esse é um fenômeno metalinguístico que surge nos contextos de comunicação da língua viva, como é o caso da estilização, da paródia e do diálogo. Cada um a sua maneira, esses discursos agregam os discursos de outros e expressam, de maneira mais clara ou mais velada, sua heterogeneidade discursiva. Os discursos, por exemplo, diretos convocados para o enunciado, não são elaborados pelo autor, mas são cuidadosamente selecionados a fim de atenderem aos seus propósitos discursivos.

Separar a transmissão do discurso alheio do seu contexto de transmissão é realizar uma abordagem meramente sintática do enunciado. Estamos de acordo com Volóchinov (2017, p. 255) que “[...] o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (‘alheio’) e o discurso transmissor (‘autoral’).” Essa relação dialógica interdiscursiva traduz a interação social verboideológica entre os membros de uma sociedade, sendo um ponto de ancoragem fundamental em nossa tese, utilizado como uma das categorias de análise de nosso *corpus* de pesquisa.

A reação do discurso autoral ao enunciado alheio segue tendências distintas. A primeira delas busca conservar suas especificidades linguísticas individuais. No entanto, é preciso observar de que forma esse enunciado alheio é percebido através do discurso autoral, ou seja,

[...] se são percebidas separadamente a expressão, as especificidades estilísticas do discurso, as características lexicográficas etc. e que peso social elas têm. Ou então, o discurso alheio é compreendido apenas como um ato social íntegro, como uma posição semântica indivisível do falante, ou seja, percebe-se apenas *o que* do discurso, enquanto o seu *como* fica fora dos limites da percepção. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255-256, grifos do autor).

Além dessa percepção social do discurso alheio que nos aponta para um posicionamento axiológico do autor ao fazer uso do que e de como lhe interessa no discurso do outro, ainda há, nessa primeira tendência, a percepção despersonalizante do discurso alheio, ou seja, o dogmatismo da palavra do outro. Tal percepção autoritária da palavra afasta a compreensão e a valoração emotiva-volitiva (tons valorativos) construídos no enunciado alheio. Nesse *estilo linear*²⁰, o enunciado alheio é inserido no discurso autoral a partir de contornos claros e precisos.

Na segunda tendência da dinâmica intradiscursiva socialmente elaborada, chamado de *estilo pictórico* de transmissão do discurso alheio, as fronteiras entre os discursos alheio e autoral são diluídas a partir da inserção do contexto autoral no discurso alheio “[...] com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo. [...] O dogmatismo autoritário e racional da palavra, aqui, é absolutamente enfraquecido.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 258). Dessa forma, os aspectos da individualidade discursiva são realçados por valorações sociais relativas.

Além disso, o discurso alheio também pode se sobressair ao discurso autoral que o envolve, evidenciando-se na construção discursiva. Assim, “O contexto autoral perde a maior objetividade, que lhe é peculiar, em comparação com o discurso alheio.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 259). Na constituição do discurso literário, a linguagem do narrador pode chegar a ocupar o lugar discursivo do autor e a confundir-se com a linguagem dos personagens representados. Esse posicionamento discursivo-enunciativo

²⁰ O termo *estilo linear*, que nomeia a primeira tendência de percepção do enunciado alheio, foi tomado de “*Wölfflin usado no crítica da arte*”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 257).

traz à tona o tom emotivo-volitivo dado pelo autor ao texto, decisivo nas análises do estilo dos gêneros que fazem parte do *corpus* desta tese.

As formas sociais de estratificação da língua orientam as formas de transmissão do discurso alheio e sua percepção avaliativa socialmente construída na comunicação dialógica. De acordo com BAKHTIN (2015, p. 80), “Em diferentes graus, o autor se separa dessa língua comum, desvia-se dela e a objetiva, levando suas intenções a se refratarem através desse meio da opinião comum (sempre superficial e amiúde hipócrita) personificada da linguagem.”.

Essas formas estabilizam a percepção avaliativa do discurso alheio, exercendo “[...] uma influência reguladora, estimuladora ou inibidora sobre o desenvolvimento das tendências de percepção avaliativa, determinando sua direção” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 253). É determinante a relação das condições socioeconômicas da época e as formas de transmissão dos discursos, os meios de comunicação vigentes nas construções dialógicas entre os enunciados, como nos meios da esfera literária, jornalística, jurídica, didática, entre outras.

Envolto pelo discurso autoral, diante do contexto de produção, o discurso alheio manifesta-se ideologicamente no discurso interior em tensão permanente com o fundo aperceptivo do interlocutor em que se estabelecem relações complexas para produção do sentido. Vale ressaltar que “[...] o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (‘alheio’) e o discurso transmissor (‘autoral’).” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255). A produção da linguagem se constitui dessa relação ininterrupta entre enunciados autoral e alheio a partir de possibilidades e adaptações do discurso alheio aos gêneros do discurso, refratando as intenções do autor.

Como a finalidade da orientação do contexto autoral é retratada pela inter-relação dinâmica entre o discurso alheio e o discurso autoral, buscaremos, em uma análise estilístico-sociológica, reconhecer a ênfase ideológica do autor ao eleger uma determinada tendência de uso da palavra alheia. Essa tendência se materializa em padrões linguísticos determinados, segundo Volóchinov (2017), a partir de ‘premissas socioeconômicas’²¹ em cada época vivida pela sociedade.

A fim de alcançar uma compreensão responsiva ativa das transformações e dos modelos de transmissão do discurso alheio, é indispensável considerar, na percepção

²¹ “São essas condições mutáveis da comunicação sociodiscursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisada por nós”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262).

ativa, o contexto enunciativo constitutivo da produção discursiva. Para tanto, é necessário que o aspecto estilístico da língua seja levado em conta, caso contrário, o estudo com as formas de transmissão do discurso alheio torna-se infrutífero. O uso de um determinado modelo de transmissão em detrimento de outro evidencia a realização emotivo-volitiva do discurso na estrutura da língua e não no conteúdo.

A fim de apresentar o aspecto metodológico da caracterização do modelo do discurso direto e do discurso indireto, Bakhtin (2013b) e Volóchinov (2017) vão buscar, na literatura russa, exemplos concretos de autores contemporâneos, destacando particularidades linguísticas (estruturais) da língua russa.

Como bem se sabe, os modelos sintáticos de transmissão do discurso alheio na língua russa são muito pouco desenvolvidos. Além do discurso indireto livre, que na língua russa não possui qualquer sinal linguístico claro (como, aliás, também ocorre na língua alemã), existem dois modelos: o discurso *direto* e o *indireto*. No entanto, entre esses dois modelos não há as distinções claras presentes em outras línguas. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 265, grifos do autor).

No entanto, o viés metodológico de percepção ativa do discurso alheio de Bakhtin (2013b) e Volóchinov (2017) está ancorado no uso real dos modelos da língua, ressaltando o sentido expresso no discurso por cada orientação de transmissão do discurso alheio: o discurso direto e o discurso indireto. Os traços gramaticais apresentados em cada um desses modelos não devem ser desprezados pela estilística. Muito pelo contrário, “[...] o estabelecimento de um limite rígido entre a gramática e a estilística, entre o modelo gramatical e a sua modificação estilística é metodologicamente improdutivo, além de impossível.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 264).

Isso se deve ao fato de que, em toda passagem linguística de um modelo de transmissão do discurso alheio a outro, deve haver, concomitantemente, uma reelaboração estilística que implicará na construção de sentido expressa na interação entre o enunciado autoral e o enunciado alheio. No caso do modelo de transmissão do discurso indireto, essa ‘reelaboração linguística e estilística’ é realizada através de uma *transmissão analítica do discurso alheio*, em que se manifestam os *elementos afetivo-emocionais* nas *formas* do enunciado. Esses elementos são transpostos das formas verbais para o conteúdo.

Com uma forma peculiar de manifestação do discurso alheio, o discurso indireto faz uso de intermediações linguísticas e estilísticas, a fim de transmitir, de

modo analítico, o discurso do outro. Ao contrário da *estilização*²², em que o autor adota o discurso do outro e lança sobre ele seus tons valorativos, “A *imitação* não convencionaliza a forma, pois leva a sério aquilo que imita, tornando-o seu, apropriando-se diretamente do discurso do outro”. (BAKHTIN, 2013b, p. 217, grifo nosso). Nessa mesma direção, Volóchinov (2017, p. 271, grifos do autor) nos traz duas possibilidades de transmissão do discurso indireto,

O enunciado alheio pode ser percebido como uma determinada *posição semântica* do falante e, nesse caso, a construção indireta transmite analiticamente a sua exata *composição objetual* (aquilo que o falante disse). [...] Mas também é possível perceber e transmitir analiticamente o enunciado alheio como *expressão*, que caracteriza não apenas o objeto do discurso (ou melhor, nem tanto o objeto do discurso), mas o *próprio falante*: o seu modo de falar, individual ou típico (ou ambos), seu estado de espírito, expresso não no conteúdo, mas nas formas do discurso (por exemplo: fala entrecortada, a ordem das palavras, entonação expressiva, e assim por diante), a sua capacidade ou não de se expressar bem etc.

O modelo do discurso indireto, na transmissão da posição semântica do falante, cria contornos mais claros entre o enunciado autoral e o alheio e possibilidades de comentários do discurso do autor. No caso do discurso indireto, que indica a forma de transmissão do discurso alheio, há maior visibilidade ao caráter subjetivo do enunciado do outro, sempre a serviço dos propósitos discursivos revelados no colorido apreciativo autoral. Além dessas duas modificações do discurso indireto, Volóchinov (2017, p. 276) acrescenta a modificação *impressionista*, que segundo ele “[...] é usada principalmente para transmitir o discurso interior do personagem, seus pensamentos e sentimentos”. Os acentos valorativos nesse tipo de modificação podem vir tanto do autor quanto dos personagens. Resumindo esses dois procedimentos apresentados, Volóchinov (2017, p. 276, grifo do autor) enfatiza que

Desse modo, observamos que as nossas duas modificações, embora unidas pela tendência analítica comum do modelo, expressam concepções linguísticas profundamente diferentes da palavra alheia e do indivíduo falante. Na primeira modificação, o indivíduo falante ocupa apenas determinada posição semântica (cognitiva, ética, existencial e cotidiana) e fora dessa posição, transmitida rigorosa e objetualmente, não existe para aquele que transmite. Nesse caso, não

²² Cf. BAKHTIN (2013b).

há lugar para que ela seja condensada em uma imagem. Ao contrário, na segunda modificação, a personalidade aparece como uma *maneira* subjetiva (individual e típica), maneira de pensar e de falar, que inclui ainda a avaliação autoral dela. Nela, o indivíduo falante já é condensado em uma imagem. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 276, grifo do autor).

Em relação ao modelo do discurso direto, encontramos em Volóchinov (2017) o *discurso direto preparado* que é antecipado pelas entonações do autor, a partir de uma influência mútua entre autor e personagem; o *discurso direto reificado*, em que a personagem representa a si mesma como uma espécie de caricatura, “Por exemplo, quando reconhecemos no palco um personagem cômico pela sua maquiagem, figurino e aspecto geral, e estamos prestes a rir antes de entender o sentido de suas palavras”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 280); o *discurso antecipado, disperso e oculto*, o discurso alheio é marcado pelas avaliações de personagens a partir do contexto autoral.

Volóchinov (2017) também traz, como a modificação de grande importância sociológica, o *discurso retórico*, o qual constitui uma pergunta ou uma exclamação do autor ou do personagem feita a si mesmo com objetivo persuasivo. Nessa modificação, o autor ainda pode falar pelo personagem, o que ele poderia ou deveria dizer. “Essa fala no lugar do outro se aproxima muito do *discurso indireto livre*²³”, que é apontado por Volóchinov (2017, p. 287, grifos do autor) como discurso *direto substituído* em que “[...] o autor se antecipa ao seu personagem, fala por ele aquilo *que* ele poderia ou deveria dizer, *que* convém à situação.”.

Vários autores, no final do século XIX e início do século XX, apontaram suas definições para a transmissão do enunciado alheio pelo fenômeno do discurso indireto livre. Embora apresentassem reflexões e definições pertinentes, envolvendo o terceiro tipo de discurso, Volóchinov (2017) assinala falhas estilísticas, gramaticais e metodológicas na concepção desses autores e se posiciona, em cada uma delas, com ressalvas que as desconstroem completamente ou as complementam.

Começamos por Tobler (1887 apud VOLÓCHINOV, 2017), para quem o discurso indireto livre resultava de uma ‘fusão’ do discurso direto com o discurso indireto. Na concepção de Volóchinov (2017), não há a possibilidade de essa ‘fusão’ acontecer, pois o que ocorre é uma nova orientação discursiva valorativa na transmissão

²³ “O discurso indireto livre é o caso mais importante e sintaticamente estereotipado (pelo menos na língua francesa) da confluência interferente de dois discursos com entonações de direções distintas.”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 285).

do discurso alheio. Segundo Kalepky (1899 apud VOLÓCHINOV, 2017), outro autor que abordou o terceiro tipo de discurso, o *sentido estilístico* do enunciado estaria na adivinhação do locutor, tendo em vista que este seria um discurso disfarçado. De acordo com Bally (1914 apud VOLÓCHINOV, 2017), uma transformação do *discurso indireto* atrai o *discurso direto*, resultando no *discurso indireto livre*, este último, na realidade, seria uma nova forma do discurso indireto. Nesse sentido, Volóchinov (2017, p. 298) defende que

Não é uma forma abstrata que aspira a outra, mas ocorre uma mudança na orientação mútua dos dois enunciados com base na alteração da percepção ativa do “indivíduo falante”, da sua autonomia semântico-ideológica e da sua individualidade discursiva pela consciência linguística. A supressão da conjunção “que” não aproxima duas formas abstratas, mas dois enunciados com toda a sua plenitude semântica: é como se uma barragem se rompesse e as entonações autorais fluíssem livremente para o discurso alheio. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 298).

Eugen Lerch (1914 apud VOLÓCHINOV, 2017) também discute a questão do discurso indireto livre. Conforme o autor, esse tipo de modelo de apreensão do discurso alheio se constitui de um fato expresso pelo autor. E, por fim, Lorck (1921 apud VOLÓCHINOV, 2017, p. 302-303) sustenta que o discurso indireto livre é um “discurso vivido”, ou seja, “[...] uma forma de representação direta da vivência do discurso alheio e da impressão viva dele, e é, portanto, pouco apropriado para transmitir o discurso para um outro, um terceiro”. Na perspectiva de Volóchinov (2017, p. 314)

Tanto Lorck quanto Lerch igualmente desconsideram um aspecto extremamente importante para a compreensão do nosso fenômeno: a avaliação contida em cada palavra viva e expressa pela ênfase e pela entonação expressiva do enunciado. O sentido do discurso não é dado fora da sua ênfase e entonação viva e concreta. No discurso indireto livre, reconhecemos a palavra alheia não tanto pelo sentido tomado abstratamente, mas sobretudo pela ênfase e entonação do personagem, isto é, pela orientação valorativa do discurso.

O uso de epítetos no discurso evidencia a subjetividade, os tons valorativos do personagem, ‘autorizados’ pela narrativa do autor. Esse discurso oculto do personagem e o discurso autoral (sarcástico, irônico) diferem valorativamente, mas se entrecruzam, compondo dois discursos inseridos concomitantemente no enunciado concreto. Para Bakhtin (2013b), esse fenômeno, de dupla orientação discursiva, apresentada durante

toda esta seção, é caracterizada pelo *discurso bivocal*²⁴, constituído de *fenômenos metalinguísticos* do fazer artístico literário que chamam à atenção da ‘crítica literária’ contemporânea ao Círculo bakhtiniano.

Como vimos, distinção entre esses fenômenos se estabelece através procedimentos sutis do emprego do discurso alheio, todos ‘orquestrados’ pela intencionalidade do autor, tornando o discurso objetificado²⁵, o que é comum entre eles. Dessa forma, “Esse traço comum consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para suas próprias intenções”. (BAKHTIN, 2013b, p. 221). Essa nova forma de estudo da linguagem, situada na enunciação-discursiva fundada na alteridade eu/outro, estabelece o princípio dialógico que norteia os escritos do Círculo.

Todas essas discussões se destacam nas obras: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017) e *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2013), ambas assinadas por Volóchinov, e *O discurso em Dostoiévski* (2013b) e *Os gêneros do discurso* (2011c), assinadas por Bakhtin. Em *O discurso em Dostoiévski* (2013b), Bakhtin apresenta diferentes formas de transmissão do enunciado alheio, em que se pode ouvir a voz do outro constituindo o discurso autoral. Sobre esse assunto, Brait (2012, p. 65 - grifos da autora) comenta que

Partindo do pressuposto de que as *relações dialógicas* são o verdadeiro objeto dos estudos da linguagem, Bakhtin realiza um minucioso *exame do discurso do ponto de vista da suas relações com o discurso do outro*. Com a finalidade de apresentar as formas de presença do outro no discurso, considera, inicialmente, o discurso bivocal, o emprego ambíguo do discurso do outro como o principal objeto de sua preocupação. Dessa perspectiva, faz uma classificação detalhada dos diversos tipos de bivocalidade: *estilização, paródia, skaz, diálogo, polêmica velada, discurso polêmico interno, dialogismo velado, polêmica aberta, réplica*.

Na constituição dos nossos discursos, nos apropriarmos do discurso do outro de acordo com nossos objetivos comunicativos, evidenciando o princípio dialógico da linguagem. No contexto de ensino, alguns documentos oficiais, que norteiam a

²⁴ “O objeto principal do nosso exame, pode-se dizer, seu herói principal, é o *discurso bivocal*, que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra. A linguística desconhece esse discurso bivocal. Mas, achamos, é precisamente ela que deve tornar-se o objeto principal de estudo da metalinguística”. (BAKHTIN, 2013b, p. 211, grifos do autor).

²⁵ “O discurso objetificado é igualmente orientado exclusivamente para o seu objeto, mas ele próprio é ao mesmo tempo objeto de outra orientação, a do autor”. (BAKHTIN, 2013b, p. 216).

Educação Básica em nosso país, trazem em seu bojo esse mesmo princípio fundado na interação social entre os sujeitos. No entanto, na prática pedagógica, o entendimento do que é a linguagem viva em perspectiva bakhtiniana tem gerado muita resistência entre os docentes e equívocos no estudo dos gêneros discursivos.

No próximo capítulo, discutiremos a relação entre a perspectiva dialógica da linguagem e o contexto de ensino. Teoria e prática parecem não falar a mesma ‘língua’ quando se trata do dialogismo nas salas de aula de língua portuguesa (do Brasil) e, até mesmo, quando se trata do ensino da língua materna através dos gêneros discursivos.

3 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM EM CONTEXTO DE ENSINO

A linguagem sempre foi objeto de muitos estudos e pesquisas ao longo dos anos que trouxeram grandes contribuições para o ensino da língua, seja materna ou estrangeira. Alguns desses estudos se consolidaram institucionalmente, constituindo-se como política linguística norteadora do ensino, visando ao cidadão o direito à *língua do Estado*, sem, contudo, se abster da diversidade de “línguas” usadas em âmbito pessoal e territorial. A política linguística se estabelece através de *leis linguísticas* em que se ancoram, juridicamente, os *planejamentos linguísticos*.

As políticas linguísticas fazem parte da organização da sociedade e das relações de poder. As escolhas linguísticas, antes de tudo, são escolhas políticas, primeiro nascidas das necessidades sociais, depois aplicadas ao *planejamento linguístico* nacional. Por meio de leis linguísticas, uma língua é graficamente fixada, o uso das variantes linguísticas é “regulamentado” (o que deve ou não ser usado em determinados momentos e/ou lugares) e se estabelece uma identidade linguística. De acordo com Calvet (2007, p. 85 – grifos do autor),

O fato de não falar a língua do Estado priva o cidadão de inúmeras possibilidades sociais, e consideramos que todo cidadão tem direito à *língua do Estado*, isto é, que ele tem direito à educação, à alfabetização etc. Mas o princípio de defesa das minorias linguísticas faz com que, paralelamente, todo cidadão tenha *direito a sua língua*.

Assim, a partir de compreensões responsivas ativas com documentos que normatizam a Educação Básica brasileira, como o Plano Nacional de Educação (PNE) e

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC, 2018), elaborada por especialistas de várias áreas do conhecimento, trata-se de um documento normativo fundamentado em princípios éticos, estéticos e políticos, em busca de uma formação humana integral.

A BNCC (2018) está voltada para o sujeito sócio-historicamente situado²⁶ e, nesse sentido, se propõe a atualizar, por exemplo, as orientações para o ensino da língua portuguesa²⁷ na Educação Básica, considerando pesquisas recentes na área e o desenvolvimento das práticas de linguagem ampliadas com o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação. Dialogando com as reflexões bakhtinianas sobre as relações intrínsecas entre sujeito e linguagem, o documento assume a *perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem*, já adquirida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, tanto a BNCC (2018) quanto os PCN's (BRASIL, 1998, p. 20) tomam a linguagem como “[...] uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história”. Assim, esses documentos se comprometem com um estudo da linguagem ancorado nas relações dialógicas próprias das interações comunicativas entre sujeitos sociais em contextos discursivos específicos. Aqui podemos observar uma aproximação do documento normativo que rege a Educação Básica brasileira com as reflexões empreendidas por Bakhtin e o Círculo acerca das questões que dizem respeito à linguagem, como encontramos em Dantas e Santos (MACABÉA, 2020).

Ao destacar que “Tal proposta assume a *centralidade do texto* como unidade de trabalho [...]”, a BNCC (2018, p. 67 – grifos nossos) coloca o texto no centro das investigações da atividade de linguagem, considerando a necessidade de “[...] sempre relacionar os textos a seus contextos de produção [...]” (BRASIL, 2018, p. 67). Com esse posicionamento, o documento chama a atenção de que o produto do ato de

²⁶ De acordo com Sobral (2013, p. 22) “A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção ‘negociada’ do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.”.

²⁷ Limitamo-nos a tratar das questões que envolvem o ensino da língua portuguesa pelos objetivos aos quais nos propomos nesta tese.

linguagem encontra-se estritamente vinculado ao processo e ao agente de linguagem, como postulam os estudos bakhtinianos.

As reflexões filosóficas da linguagem, desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo, ancoram-se na investigação e compreensão de um processo, um produto e um agente, imprescindíveis para o estudo de uma língua concreta, como nos explica Sobral (2009a, p. 25),

Ao contrário de algumas filosofias da ação, ou do processo, a filosofia de Bakhtin pode ser considerada, como já afirmei, uma “filosofia humana do processo”, ou seja, uma filosofia do processo em que o agente do processo, e não apenas o processo, ou o produto, tem sua importância reconhecida.

Desde as concepções embrionárias de linguagem, sujeito, valoração, (BAKHTIN, [1920-24] 2010a; VOLOCHÍNOV, [1926] 2013) entre outras, o Círculo bakhtiniano promove embates com os conhecimentos da filosofia, da psicologia, da linguística de sua época, defendendo a singularidade humana e, por conseguinte, a unicidade do ato de linguagem de sujeitos igualmente únicos. Constitutivamente singular e irrepetível, todo ato se estabelece em situações históricas e sociais específicas, a partir de um horizonte social também específico. Dessa forma, Sobral (2009a, p. 25) nos lembra que

[...] ao contrário de outras filosofias, de caráter mais formalista, vinculadas com a forma, (ou de caráter mais teórico), o produto do ato, ou o aspecto comum a todos os atos, não é o elemento mais importante, mas sim as características singulares de cada ato. Isso acontece porque, para Bakhtin, a vida, o mundo concreto, é a vida de sujeitos concretos, é vida prática, e seu entendimento pela teoria não pode por isso ser abstrato, ou seja, tão geral que perca de vista os atos concretos realizados por sujeitos concretos em situações concretas que as teorias não podem abarcar de uma vez por todas.

Dessa forma, estabelecendo uma relação crítica com uma visão estreita de língua, como as reflexões promovidas pelas correntes linguístico-filosóficas do objetivismo e do subjetivismo já discutidas em nossa tese, Bakhtin (2013b) defende que os estudos da linguagem devem ser mediados por procedimentos metodológicos que nos permitem percorrer caminhos com vistas à compreensão da vida da linguagem. Em pesquisa de Mestrado, Saldão (2017) investiga as dificuldades de estudantes do Ensino Médio com a leitura de textos multimodais, propondo atividades dialógicas de leitura.

Além disso, o estudioso Augusto Ponzio (2020), na obra *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*, nos apresenta reflexões sobre a linguagem e o ensino ancoradas em uma dimensão filosófica da linguagem, envolvendo as políticas públicas e as práticas de ensino promovidas no interior do ambiente escolar. Essa é uma educação pela linguagem e para a linguagem, uma educação comprometida e voltada para as práticas sociais de sujeitos múltiplos, constituídos pela sua relação dialógica com o outro e com o mundo.

Para tanto, Bakhtin (2013b) propõe uma nova disciplina para o estudo da linguagem, a *metalinguística* ou *translinguística*, a fim de transcender a análise do sistema, dos elementos linguísticos abstratos, mas necessários do discurso. Em uma trilha metodológica, o autor assevera que o discurso é o fenômeno analisado tanto pela linguística quanto pela *metalinguística*, mas sob um ponto de vista diferente. Assumindo, assim, uma perspectiva teórica, metodológica e analítica de estudo da linguagem, Bakhtin (2013b, p. 207) nos apresenta, então, a nova disciplina

[...] subtendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística.

Para isso, a nova disciplina apresenta como seu objeto de análise as relações dialógicas, buscando contemplar os aspectos extralinguísticos no discurso. O próprio Bakhtin (2013b, p. 209) justifica a escolha desse objeto de estudo da metalinguística, afirmando que “[...] as relações dialógicas são extralinguísticas”. Em outros termos, fica clara a preocupação do filósofo com aspectos sociais, históricos e culturais que constituem a linguagem. Concebida como uma construção social, a língua é repleta de relações dialógicas, impossíveis de se realizarem nas construções do sistema.

O Círculo bakhtiniano propõe o estudo da linguagem a partir das relações estabelecidas entre enunciados concretos, próprios da língua real, e comprometido com o processo de produção, circulação e recepção da linguagem. É no contexto dessa comunicação discursiva real, atual (considerando o surgimento de diferentes textos *multissemióticos* e *multimidiáticos*, nascidos, especialmente, com o desenvolvimento das novas tecnologias) que deve estar ancorado também o ensino da língua. Perceberemos essas relações do processo de produção nas análises do *corpus* desta

pesquisa. Nesse sentido, a BNCC (2018, p. 67-68 – grifos do autor) orienta a abordagem da língua na Educação Básica, determinando que

Ao componente **Língua Portuguesa** cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Propondo aprofundar o estudo da língua portuguesa promovido no ensino fundamental da Educação Básica, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 499) de Língua Portuguesa orienta, para o Ensino Médio, o desenvolvimento de habilidades com a língua em uso, considerando “[...] a complexidade das práticas de linguagens e dos fenômenos sociais que repercutem nos usos da linguagem (como a pós-verdade e o efeito bolha) [...]”. O documento pontua a ampliação das *referências éticas, estéticas e políticas* agregadas à interação humana, a fim de promover a participação e intervenção crítica dos jovens nas diferentes práticas das (os) esferas (campos) sociais.

Considerando o papel das relações próprias do sistema da língua e imperativas para a materialização dos enunciados, Bakhtin (2013b, p. 210) ressalta que “As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem as relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irredutíveis a estas e têm especificidade própria.” Ou seja, nem os enunciados concretos se resumem aos elementos abstratos da língua, nem estes se bastam para a construção do sentido, resultante do ato de linguagem.

Como cada campo da criação ideológica – a arte, a ciência, a religião, a política – responde a leis e métodos específicos para a produção da linguagem, o estudo dessas manifestações ideológicas deve estar alicerçado no caráter sociológico da linguagem. Medviédev (2012, p. 44) discute essa questão, destacando que “O que falta é justamente um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica.”.

E esse estudo só é possível, conforme o autor, com a aplicação de um *método sociológico* que abarque as especificidades de cada campo da criação ideológica, considerando a estrutura das suas manifestações ideológicas, nos mais ricos detalhes. Refletindo sobre o estudo sociológico da linguagem, Medviédev (2012, p. 173) sugere visitar os conceitos de conteúdo e forma, transformados em *material e procedimento* pelos formalistas.

Neles, a tendência dominante na construção do conceito de material é a seguinte: remeter ao material tudo aquilo que é dotado de significado ideológico imediato e que antes era considerado o mais essencial na literatura, seu conteúdo. Atualmente, o conteúdo é somente o material, somente a motivação do procedimento, plenamente substituível e, no limite, totalmente dispensável. Desse modo, a tendência fundamental do conceito formalista de material é o rebaixamento do conteúdo. Detrás do material e do procedimento, reconhecemos, sem dificuldade, a antiga díade da forma e do conteúdo, e, além disso, em sua interpretação realista mais primitiva. Os formalistas somente a viraram do avesso.

Apresentando uma relação estreita com o estudo da linguagem no campo da literatura e considerando a natureza social do texto artístico, Medviédev (2012) propõe uma *poética sociológica* com vistas a desnudar a estrutura poética das obras literárias, revelando suas particularidades, incluindo a reflexão do contexto ideológico da obra e a refração evidenciada por seu propósito artístico, como ocorre no gênero crônica literária que será analisado nesta pesquisa. Nesse contexto, o autor (2012, p. 75) aponta ainda que

A história da literatura deve partir de conhecimentos precisos sobre a essência das estruturas ideológicas cuja história concreta está acompanhando. Mas, ao mesmo tempo, a própria poética sociológica, para não se tornar dogmática, deve orientar-se para a história da literatura. Entre essas duas ciências deve haver interação constante.

Seguindo a proposta de delinear observações metodológicas para o estudo da linguagem, Volóchinov (2017, p. 145) defende que as *indicações metodológicas* antecedam à construção e à compreensão do conceito de linguagem e assevera que “Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social”. E assim, a situação social mais próxima e o contexto social mais amplo da comunicação discursiva se encarregarão em imprimir sentido ao fato de linguagem. Atento às questões metodológicas na abordagem da língua viva, o autor alerta, em nota de rodapé, que

Em linhas gerais, na metodologia de ensino prática e funcional, uma forma deve ser assimilada não como idêntica a si nem no sistema abstrato da língua, mas na estrutura de um enunciado concreto, como um signo mutável e flexível. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 180).

Lembrando que o signo ideológico, constituído pelo momento de produção de linguagem e por diferentes contextos nos quais ele aparece, constitui a consciência do falante e a compreensão do ouvinte na prática da língua real. No processo de ensino e aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, um elemento linguístico retirado de seu contexto de uso, a fim de investigar sua significação de dicionário ou atribuir-lhe uma classificação sistemática, transforma o signo em sinal, convertendo a língua concreta em pura abstração.

É clara a atenção dos membros do Círculo bakhtiniano, não apenas com a construção de uma reflexão da filosofia da linguagem, mas com toda uma observação metodológica no estudo da linguagem, a fim de possibilitar a análise da língua concreta, real, norteando a compreensão da teoria. Nesse sentido, “A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado.” (BAKHTIN, 2011c, p. 274 – grifos do autor).

Discurso e enunciado encontram-se imbricados na enunciação viva dos sujeitos do discurso. O que delimita o enunciado no interior de uma comunicação discursiva é a “alternância dos sujeitos do discurso”, o que lhe dá o acabamento, possibilitando uma atitude responsiva ativa do ouvinte, atrelada ao “[...] todo orgânico do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero de acabamento.” (BAKHTIN, 2011c, p. 281).

Dessa forma, a responsividade ativa do falante ou do ouvinte nos campos de comunicação discursiva revela a corrente de elos dialógicos entre enunciados concretos. Mas como se caracteriza esse enunciado? Bakhtin (2011c, p. 289) nos diz que, antes de mais nada, o projeto enunciativo do autor com foco no objeto e no sentido, determinam a escolha dos elementos linguísticos e do gênero discursivo.

Em seguida, conforme o autor, a composição e o estilo do gênero são determinados pela “[...] relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. (BAKHTIN, 2011c, p. 289). Por fim, a relação com o ouvinte, não menos importante que as outras, é também determinante para a constituição do enunciado, gerando ressonâncias dialógicas.

O empenho do Círculo bakhtiniano em trilhar, metodologicamente, a análise da língua real insere a perspectiva dialógica da linguagem em um contexto de estudo (ensino) prático, real, que conduz à compreensão dos fatos de linguagem, considerando

relações intra e extradiscursivas imprescindíveis para a construção do sentido. Nessa perspectiva, discutiremos as relações que se estabelecem entre discurso e ensino, amparados, responsivamente, por posições axiológicas evidenciadas pelo dialogismo.

3.1 Dialogismo, discurso e ensino

Vimos no decorrer das discussões aqui empreendidas, que o dialogismo é o princípio fundamental da linguagem humana, pois o falante responde a discursos alheios (dos outros) e a seus próprios discursos, com os quais dialoga, promovendo respostas outras na efetivação de seu projeto enunciativo. A fim de explicar essa ativa posição responsiva do sujeito falante, Bakhtin (2011c) recorre à metáfora da *corrente de elos* produzida entre enunciados passados e os que estão por vir, indicando os laços enunciativos inerentes à comunicação discursiva real.

Os fios dialógicos constitutivos da comunicação discursiva transitam nas vias dos enunciados, definidos pela alternância entre os sujeitos do discurso, não pelas unidades da língua ou pelos limites da oração. “Essa alternância, que emoldura a oração de ambos os lados, converte-a em um enunciado pleno.” (BAKHTIN, 2011c, p. 277). Em cada alternância dos sujeitos falantes se constrói uma posição responsiva ativa à espera de outra resposta, ou seja, da responsividade ativa do ouvinte, realizada através de um outro enunciado.

Nesse ponto, ressaltamos o problema da construção de sentido, exclusivamente, por meio das unidades da língua ou do sistema linguístico. Conforme acentua Bakhtin (2011c, p. 276) “Essas relações entre enunciações plenas não se prestam à gramaticalização [...]”, não são possíveis entre as unidades da língua. Trazendo para essa discussão questões que envolvem o ensino da língua portuguesa, vemos com estranheza a ênfase atribuída, por alguns livros didáticos²⁸ e práticas de ensino, ao aspecto abstrato da língua, quando os documentos oficiais, norteadores da Educação Básica de nosso país como os PCN’s (1998-1999) e a BNCC (2018), orientam, como vimos, um ensino de língua centrado no texto e em relações discursivo-enunciativas que o constituem. Na esteira das discussões empreendidas pelos PCN’s

²⁸ Na dissertação desenvolvida no curso de Mestrado sob o Título: ESTUDO DO GÊNERO: UMA ABORDAGEM DO ESTILO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO (NASCIMENTO, 2016), encontramos em nossas análises atividades centradas apenas nos aspectos formais dos gêneros discursivos, relegando as relações sócio-históricas constitutivas da produção dos discursos.

(1998), a BNCC (2018, p. 67) assume a *perspectiva enunciativo-discursiva* da linguagem, comungando com

[...] a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

A relação da oração com o contexto extraverbal só acontece através do conjunto do enunciado. Por questões metodológicas e de princípio, Bakhtin (2011c) comenta sobre a necessidade de refletir a propósito da distinção entre a oração, como unidade da língua, o enunciado, como unidade real da comunicação e o discurso, constituído pelas enunciações dos sujeitos falantes. Vale lembrar que, “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.” (BAKHTIN, 2011c, p. 274).

Com uma das maiores contribuições para o estudo da linguagem, a Análise Dialógica do Discurso²⁹ ancora-se nas relações discursivo-enunciativas entre história, cultura, sujeito e ideologia, evidenciando uma linguagem para além daquela concebida pela linguística da época. Nesse sentido, em *O discurso em Dostoiévski*, Bakhtin (2013b, p. 207) elege o discurso como objeto de estudo, pois se propõe a analisar

[...] a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.

Assim, ao tomarmos o discurso como objeto de ensino e de aprendizagem da língua, devemos considerá-lo nas enunciações reais dos sujeitos, evidenciando o tom emotivo-volitivo do autor e discursos outros inseridos em uma rede dialógica de enunciados concretos. É nesse sentido que a BNCC (2018) orienta a prática pedagógica de ensino da língua, dispondo o texto (o gênero, o discurso) como um lugar de materialização das manifestações da linguagem. Por isso,

²⁹ Segundo Brait (2012b, p. 10) “Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/Teoria Dialógica do Discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar em seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas.”

[...] o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. (BRASIL, 2018, p. 67).

O documento oficial orientador do ensino da língua pontua que os *conteúdos, habilidades e objetivos*, trabalhados a partir do texto, assumido como discurso vivo, real, devem considerar o gênero discursivo em questão e a esfera/campo³⁰ social de atividade de uso da linguagem. Ou seja, as unidades da língua e os conteúdos de maneira geral precisam ser relacionados aos gêneros e, conseqüentemente, às habilidades e competências necessárias ao uso da língua, evidenciando relações dialógicas entre textos/gêneros e tessituras dialógicas entre esferas/campos da comunicação discursiva.

Asseverar o discurso como o espaço de discussões, estudos e análises dos fenômenos linguísticos e enunciativos próprios da língua concreta contribui expressivamente para a reestruturação e o fortalecimento de um ensino cada vez mais significativo da língua. Esse posicionamento, além de ressignificar o ensino da língua materna, reivindica, conseqüentemente, o estudo da perspectiva estilística através dos gêneros do discurso.

3.2 O estilo e o ensino de Língua Portuguesa pelos gêneros do discurso

A proposta de ensino de língua portuguesa apresentada pela BNCC (2018), além de buscar atualizar-se com relação às pesquisas desenvolvidas na área e a práticas de linguagem surgidas, especialmente, com o advento das novas tecnologias, prioriza o desenvolvimento das práticas de letramentos que possibilitem a participação do aluno/cidadão nas mais diversas práticas sociais. Nesse sentido, a Base enfatiza que

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2018, p. 67).

³⁰ Cf. Grillo. (2012).

No centro dessa proposta encontram-se os gêneros do discurso, na esteira das reflexões bakhtinianas que fundamentam esta pesquisa, também apresentados como gêneros textuais, atendendo a discussões teóricas de outra natureza (como da Linguística Textual). Considerar o ensino da língua na perspectiva dos gêneros do discurso significa atender a sua exterioridade linguística que lhe é constitutiva: a relação com o ouvinte ou auditório (presumido), o contexto social, histórico e cultural e a situação imediata da produção de linguagem.

Nessa perspectiva, a abordagem estilística do gênero contribui significativamente com estudos e análises das manifestações da linguagem a partir do tom emotivo-volitivo empregado pelo autor e das especificidades estilístico-composicionais características de cada gênero do discurso. Essa compreensão emerge de uma *estilística sociológica* dos gêneros, inteiramente comprometida com a realidade da língua, indo muito além das escolhas disponíveis dentro do sistema linguístico ou da expressividade individual do falante, conforme dissemos alhures.

Assim, defendemos o ensino de língua ancorado nessa *estilística sociológica* proposta pelo Círculo, uma vez que concebemos a língua na perspectiva dialógica, considerando, entre outras coisas, o posicionamento valorativo do sujeito falante perante o conteúdo do objeto de seu enunciado. A estilística surgida no século XX que tem como um de seus fundadores Charles Bally, discípulo de Saussure, revela uma estreita relação com a linguística tradicional, apresentando como cerne a expressividade dos elementos linguísticos, uma visão atualmente superada pelos documentos norteadores do ensino de línguas.

Contudo, pelo cenário atual que ocupa o nosso país quanto aos índices de alfabetização e letramento³¹, muito ainda tem a ser feito com relação a práticas pedagógicas e metodologias de ensino efetivas de leitura e de escrita da língua materna.

³¹ Em entrevista ao Portal Desafios da Educação (em abril de 2019) sobre a nova proposta de alfabetização a partir do método fônico e a investida de suspender o Saeb – o Sistema de Avaliação da Educação Básica, a professora e pesquisadora Magda Soares, referência nacional e internacional em Alfabetização e Letramento, esclarece que “Em primeiro lugar, não se pode pretender, penso, que os brasileiros estejam hoje mais alfabetizados que antes, se se entender por alfabetização algo mais que saber codificar e decodificar. Em segundo lugar, julgo muito difícil separar alfabetização de letramento, no estágio atual das teorias da leitura e da escrita: a alfabetização, segundo essas teorias, se desenvolve em contexto de letramento, que dá sentido ao aprender a ler e escrever, portanto, ser alfabetizado supõe ter também pelo menos algum nível de letramento. O que se pode dizer é que os níveis de letramento, tal como os níveis de alfabetização, são ainda muito baixos na população brasileira, como têm mostrado os resultados de pesquisas sobre índices de alfabetismo (letramento)”. Os temas Alfabetização e Letramento, sempre muito bem desmistificados por Magda Soares, dialogam com a perspectiva do ensino a partir dos gêneros do discurso, mas não serão aqui aprofundados por não fazerem parte dos objetivos de nossa pesquisa.

Os princípios teórico-metodológicos da linguística e da estilística tradicional permaneceram, durante muito tempo, arraigados ao ensino de língua, cujos efeitos ainda são visíveis.

Uma reportagem publicada pelo site G1 no dia 03/12/2019, por Ana Carolina Moreno e Elida Oliveira, revela um resultado desanimador dos estudantes brasileiros no PISA (sigla em inglês) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. Além de cair em matemática e ciências, o resultado de leitura mostra-se estagnado nos últimos dez anos. De acordo com a reportagem, “Em **leitura**, o Brasil conseguiu manter sua posição de 2015, mas ainda está atrás de mais de 50 países e regiões econômicas.”. (MORENO; OLIVEIRA, 2019 – grifo das autoras). Isso mostra que os letramentos e multiletramentos orientados pelos documentos oficiais no ensino da língua e reivindicados nas práticas sociais ainda não são uma realidade na vida desses e de muitos outros estudantes.

Na busca por atualizar o posicionamento da estilística de sua época, Bakhtin (2015, p. 21) ressalta que “A estilística não operava com a palavra viva, mas com seu preparado histológico, com a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor”. Tratava-se, assim, de uma abordagem puramente linguística, disposta a partir da consciência do autor. Nessa perspectiva, Cunha (2006, p. 118 - grifos da autora) destaca duas correntes que se desenvolveram, ao longo do século XX: a estilística linguística e a estilística literária. De acordo com a autora,

A primeira estuda os fatos da expressão utilizados pelo autor para produzir efeitos sobre o leitor. São analisados os valores expressivos das formas linguísticas – fonemas, léxico, construções sintáticas, exclamações, figuras de linguagem, etc. -, sem levar em conta a unidade estilística do todo na prosa ficcional. A segunda, ligada ao romantismo, considera a obra literária como expressão da consciência do escritor. O estudo da obra, através da construção das frases, levaria à intenção, à consciência e à visão de mundo do escritor. Os diferentes conceitos e métodos de análise da **estilística literária** são ferramentas associadas, sobretudo, ao texto em verso.

Ambas as correntes desconsideram o todo, capaz de atribuir propriedades estilísticas à obra. O projeto discursivo do falante determina o gênero de discurso que traz à tona especificidades do campo comunicativo ao qual ele pertence. Além disso, a orientação a um horizonte social específico (ou presumido) e a situação concreta de interação entre os sujeitos também constituem o gênero e, consequentemente, o estilo escolhido pelo autor na comunicação discursiva.

A relação indissolúvel entre gênero e estilo assevera a necessidade da abordagem sociológica do estilo, especialmente em uma proposta de ensino que se apresenta discursivo-enunciativa (BRASIL, 2018). Bakhtin (2011c, p. 268) afirma que “Onde há estilo há gênero” e, nesse contexto, o ensino da língua portuguesa, através dos gêneros do discurso, torna o enfoque estilístico indispensável para o domínio discursivo dos estudantes na construção do enunciado.

Falamos apenas através de gêneros do discurso, os mais variados, que aprendemos em nossas interações sociais. No entanto, “*Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência”. (BAKHTIN, 2011c, p. 282 – grifos do autor). Dessa forma, “Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos [...]”. (BAKHTIN, 2011c, p. 285).

Já vimos que os gêneros podem ser reacentuados ou misturados a outros gêneros, marcando o posicionamento emotivo-volitivo do falante e tornando ainda maiores e mais evidentes as flutuações dos gêneros. Somado a isso, o reconhecimento das escolhas gramaticais como opções estilísticas possibilita uma produção de enunciados muito mais criativa e rica de significado estilístico.

No artigo intitulado *Questões de estilística no ensino da língua*, traduzido direto do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova, Bakhtin (2013a) nos revela uma experiência de ensino da perspectiva estilística da língua materna na Educação Básica russa (que corresponde ao nosso 9º ano do ensino fundamental e aos três anos do Ensino Médio). A fim de desenvolver a preferência dos estudantes pelos efeitos estilísticos do período composto por subordinação sem conjunção, o autor nos apresenta uma sequência metodológica desprovida de classificações terminológicas.

Em uma de suas análises com frases *paralelas* e *comutativas*, Bakhtin (2013a, p. 25 – grifos nossos) destaca que “[...] é preciso entender os aspectos *estilísticos positivos e negativos*, isto é, a especificidade estilística de cada uma dessas duas formas.” Além disso, o autor ressalta ainda que “O professor deve mostrar, de um modo que seja bem acessível aos alunos, *o que perdemos e o que ganhamos* ao escolhermos uma ou outra dessas frases”. (BAKHTIN, 2013a, p. 25 – grifos nossos).

As análises realizadas por Bakhtin (2013) com seus alunos evidenciam a necessidade da abordagem estilística nas formas gramaticais com o objetivo de superar o que o autor chama de *escolasticismo*, estudos debruçados sobre uma língua abstrata, em nada produtivos. Entretanto, ao chamar a atenção para os *aspectos estilísticos*

positivos e negativos e para o que *ganhamos ou perdemos* com nossas escolhas linguísticas, o autor ressalta a flutuação da expressividade de uma língua viva, situada sócio-historicamente.

Como essa aula de Bakhtin remonta ao contexto do Bakhtin professor na primeira metade de 1940, as discussões revelam que os problemas que envolvem a estilística e o ensino da língua não são uma novidade, nem exclusividade da educação russa, mas perpetuam em diversas metodologias de ensino de língua no mundo, inclusive no Brasil. Na apresentação do artigo de Bakhtin (2013a), Brait (2013, p. 8) menciona que

[...] além de tratar de problemas vivos no universo escolar até hoje, propondo uma metodologia para solucioná-los, o autor estabelece uma relação entre o procedimento metodológico e a perspectiva dialógica da linguagem oferecida pelo Círculo de Bakhtin – o grupo de teóricos liderado pelo autor nos anos 1920 -, interligando gramática, leitura, escrita, produção de sentidos e autoria.

Indo de encontro ao ensino mecânico de língua em sua época, que não oferecia explicações estilísticas, por exemplo, à escolha de orações desenvolvidas por reduzidas e vice-versa, Bakhtin (2013a) propõe a realização de uma interpretação estilística para cada uma dessas escolhas, percebendo o valor semântico de elementos constitutivos do discurso inseridos no enunciado como um todo. Através da escuta e da avaliação de enunciados de Púchkin (maior poeta russo da época romântica) e Gógol (escritor do Império russo), Bakhtin analisa, detalhadamente, com seus alunos, o efeito estilístico dos períodos compostos sem conjunção elaborados por esses autores, mostrando uma quebra da expressividade quando acrescida a conjunção nos períodos avaliados.

A partir das análises apresentadas por Bakhtin (2013a), seus próprios alunos foram capazes de perceber as mudanças estilísticas nas escolhas de uso da língua. A expressividade e representatividade da língua oscilam conforme a empregamos valorativamente em nossos enunciados, ou seja, conforme nos posicionamos axiologicamente no *mundo da cultura* ou no *mundo da vida*³². Além disso, Bakhtin

³² Para Bakhtin (2010b, p. 43 – grifos nossos), todas as atividades de linguagem estão sócio-historicamente situadas no domínio ético, estético ou cognitivo. “Como resultado, dois mundos se confrontam, dois mundos absolutamente incommunicáveis e mutuamente impenetráveis: o *mundo da cultura* e o *mundo da vida* (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla vive e morre) – o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepelivelmente, ocorre, tem lugar.”

(2013a, p. 38) acena para as escolhas linguísticas, *emocionalmente valorativas* do sujeito falante, em uma perspectiva histórica da linguagem, concluindo que

Então, é possível contar aos alunos, de modo acessível, sobre o significado das formas sintáticas da subordinação sem conjunção na história da linguagem literária russa e mostrar a eles como as épocas complexas hipotáticas frias e retóricas do século XVIII dificultavam a aproximação entre a linguagem literária elevada e a linguagem viva e coloquial; mostrar que o embate entre a natureza livresco-arcaica e a natureza viva coloquial da linguagem literária estava ligado de modo inseparável ao confronto entre as construções complexas (períodos) e as formas simples – em sua maioria sem conjunções – da sintaxe coloquial.

A pluralidade de estilos nos discursos do mundo da vida ou no mundo da cultura (da arte) é determinada pelo projeto enunciativo do falante, pela relação valorativa com o conteúdo do seu enunciado e por seu auditório, o horizonte social. Como uma compreensão ativa e responsiva a outros gêneros e, conseqüentemente, a outros estilos, o uso da língua (cor) responde ao contexto histórico e às demandas sociais, ou seja, sempre empregamos um estilo situado.

Assim como Bakhtin (2013a) realiza uma abordagem estilística da língua a partir dos clássicos literários a fim de desenvolver a criatividade e a expressividade no estilo de linguagem utilizado por seus alunos da Educação Básica, Cunha (2006) nos apresenta uma abordagem enunciativa do discurso, a partir de elementos da estilística da enunciação³³ para o estudo da prosa ficcional no Ensino Médio.

Após estudo do *tratamento dado à estilística nos livros didáticos para o Ensino Médio*, em que se encontra o *predomínio de uma abordagem da estilística tradicional*, a autora analisa fragmentos de romances de diferentes épocas da literatura clássica brasileira. Experiências com a leitura em perspectiva dialógica no Ensino Médio também podem ser observadas em Souza (2015), que se reporta à leitura como construção de sentidos constituída pelas relações dialógicas entre os interlocutores e o meio sócio-histórico.

Utilizando como categorias de análise as vozes mostradas e demarcadas e as vozes mostradas e não demarcadas, recuperando o conceito de vozes precursoramente empregado no livro didático para o Ensino Médio por Platão e Fiorin (1996), Cunha

³³ Cunha (2006, p. 118 – grifos da autora) define a estilística do gênero de Bakhtin como estilística da enunciação “[...] uma vez que a teoria bakhtiniana enfatiza a **enunciação dialógica** e não o sistema abstrato da língua”.

(2006) analisa essas vozes em fragmentos de romances de diferentes épocas e autores. Nas análises, a autora destaca os marcadores gráficos que registram a fala dos personagens, como o uso do travessão ou aspas e como estes se materializam na superfície do texto.

A recorrência de marcações tipográficas pode revelar o estilo de uma época, conforme destaca a autora (2006, p. 128): “Alencar, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis seguem esse modelo: a réplica do diálogo é marcada com um travessão, sem aspas, e o discurso do narrador forma um novo parágrafo”.

No decorrer das análises realizadas por Cunha (2006), observamos a variação dos recursos tipográficos na marcação das vozes e uma consequente complexidade na introdução da fala dos personagens que se tornam menos visíveis nos enunciados. O efeito de bivocalidade na mistura de vozes do narrador e do protagonista, materializado no discurso indireto livre, além do discurso direto dos personagens, realizado nas palavras do autor, são manifestações das vozes evidenciadas nas análises da autora. As vozes presentes nos enunciados constituem pontos de vista do autor, do personagem ou do narrador na organização da enunciação. Nesse sentido, Cunha (2006, p. 133) salienta que

Na prosa contemporânea, encontramos uma pluralidade de recursos usados pelos autores para controlar a recepção da alteridade, de modo que o leitor perceba as vozes do narrador e das personagens, uma vez que as vozes sociais se sucedem em diálogos que nem sempre são separados da narrativa por alíneas, travessões ou aspas, ou seja, não são visíveis, mas se fazem ouvir claramente. E cada autor tem seu sistema.

Essa múltipla emersão de vozes nos enunciados concretos é propícia para o ensino do estilo na Educação Básica através dos gêneros do discurso, seja no campo da vida ou da arte, como esclarecem Cunha (2006) e Bakhtin (2013a). A pluralidade estilística de representação das vozes sociais é apagada pelos cânones que, além de limitar a criatividade na produção da linguagem, obscurecem a construção do sentido na percepção da inserção do discurso de outrem no enunciado. Como objeto de ensino da leitura, a heterodiscursividade³⁴ pode ampliar, significativamente, a compreensão dialógica do texto.

³⁴ Cf. Bakhtin, (2015).

3.3 O ensino dialógico da leitura

Concordamos com Almeida (2013b, p. 15) de que “A leitura na concepção do dialogismo é processo interativo de construção de sentido.”, uma interação que se estabelece entre o autor, o ouvinte/leitor e o contexto social refletido e refratado na produção da linguagem. O ato de ler sugere um processo de compreensão do sentido do discurso decorrente do posicionamento *responsivo e responsável* do ouvinte/leitor desde as primeiras palavras do texto. Nesse sentido, Bakhtin (2011c, p. 271) considera que

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta.

Esse processo interativo do qual nos fala Bakhtin (2011c) é contemplado pela BNCC (2018, p. 72), considerando como prática leitora “Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer [...]”. Dessa forma, o ensino dialógico da leitura, evidenciado no documento orientador da Educação Básica brasileira, anseia efetivar-se na prática pedagógica, a fim de se tornar uma realidade no processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Em pesquisa realizada sobre *Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva: Leituras do jornalismo político no Ensino Médio*, Xavier (2018, p. 122) defende que, apesar dos discursos do senso comum dizer o contrário, o ato de ler é frequente entre os jovens, “O que falta, a nosso ver, é a escola reconhecer as práticas de leitura demonstradas pelos alunos, para, através delas, expandi-las a outras possibilidades de leituras.”.

Em busca dessa ampliação, a BNCC (2018) propõe o aprofundamento das habilidades leitoras dos estudantes do Ensino Médio, a partir da consolidação e complexificação de práticas de linguagens, acentuando métodos de análise, compreensão e posicionamento crítico na leitura. Nesse nível de ensino, as abordagens do funcionamento real da linguagem aproximam-se mais das práticas sociais. Alargar o horizonte de leitura³⁵ dos estudantes, apesar de ser orientação da BNCC (2018) para o

³⁵ “Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em

Ensino Médio, um direito do aluno e uma necessidade constatada de diversas pesquisas realizadas na área, revela-se como uma fragilidade ainda não superada pela escola.

Quando Bakhtin (2013b, p. 209) afirma que “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam.”, ele aponta para o *verdadeiro campo da vida da linguagem*. São justamente nesse campo em que estão situados os atos de leitura em um permanente confronto entre autor e leitor na construção do sentido de gêneros diversos, cada vez mais *multissemióticos* e *multimidiáticos*³⁶. No processo de produção de textos, o autor delimita o potencial de significação da linguagem, conduzindo, em certa medida, a compreensão e a interpretação do leitor. Nas palavras de Almeida (2013b, p. 17),

Isso quer dizer que não se dá qualquer sentido a um texto, nem se tem acesso ao texto a não ser pelo efeito que ele causa sobre cada um de nós. É assim que o leitor pode sempre reconstituir o contexto de produção, reacentuá-lo, à sua maneira, desvelar o feixe de determinações de sentido ou as diversas acentuações que um texto propõe.

Ancorados na concepção dialógica da linguagem, consideramos o texto como lugar privilegiado da interação discursiva concretizada nas práticas sociais cotidianas. Isso significa que o ato de ler pressupõe o reconhecimento de um sistema linguístico, e dos efeitos estilísticos dentre as inúmeras possibilidades de uso, e de relações dialógicas estabelecidas com enunciados alheios, além de considerar a pluralidade semiótica que constitui ou envolve os textos.

Assim, promover a proficiência leitora na escola significa oportunizar o desenvolvimento das competências *investigativa* e *compreensiva* do aluno-leitor, a fim de superar procedimentos pedagógicos vazios de apreensão do significado e classificação gramatical de palavras. Tais métodos estão sempre à espera de um sentido pronto, gerado por uma leitura monológica e fechado a possibilidades de interpretações e refrações. Por outro lado, para prática pedagógica promotora de uma *compreensão ativa* dos enunciados, Jurado e Rojo (2006, p. 39 – grifos das autoras) defendem que

No contato com textos, isto se traduz em ser capaz de *refletir sobre as possibilidades de usos da língua, analisando os elementos que determinam esses usos e as formas de dizer*: o contexto, os

movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”. (BRASIL, 2018, p. 72).

³⁶ Cf. Rojo (2020).

interlocutores, os gêneros discursivos, os recursos utilizados pelos interlocutores para dizer o dito e o não dito.

Não realizamos leituras neutras. Pelo contrário, interagimos e nos constituímos através do texto por meio do conhecimento e da cultura que trazemos, de experiências com outras leituras, e nos posicionamos diante dele, refletindo e refratando o posicionamento do autor do texto. “Para ler, colocamos o ponto de vista individual para dizermos que essa é a *minha leitura* dentre outras tantas possíveis”. (ALMEIDA, 2013b, p. 19 – grifos nossos). Uma leitura e um leitor determinados, revelando uma compreensão responsiva ativa pessoal diante do texto.

Assim, a depender da relação entre autor, texto e leitor, há diferentes possibilidades de construção de sentido dos textos, por serem também diferentes as recepções, os objetivos e os modos de ler os enunciados. As interferências do outro já são esperadas pelo autor (o conteúdo *presumido*, do qual nos fala BAKHTIN, 2011c) que antecipa ao máximo as respostas do outro durante o processo de construção do enunciado, numa tentativa de conduzir a compreensão do leitor. A esse respeito, considerando os aspectos constitutivos da produção de sentido, Chartier (1998, p. 9 – grifo do autor) defende que

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.

Ao mencionar que todo falante é um respondente de si mesmo, porque ninguém foi o primeiro a violar o silêncio do universo, Bakhtin (2011c) nos lembra da constituição dialógica revelada no inacabamento dos nossos enunciados, em que se evidenciam espaços para a inserção de posicionamentos valorativos do outro, por meio de pressupostos e subtendidos característicos dos movimentos de leitura. Esse funcionamento da linguagem pressupõe o ensino dialógico da leitura que estimula a criticidade e autonomia do estudante no ato de ler.

Por isso ler é um ato, uma atividade de intenso diálogo com o outro, com o discurso do outro e com o mundo, em que a compreensão não se encontra nem no

sistema da língua, nem na realidade objetiva, mas na *faísca* produzida no encontro das vozes do autor com as dos interlocutores, no embate com as *contrapalavras* do leitor. (GERALDI, 2001). Assim, o posicionamento ativo emocionalmente valorativo do sujeito autor surge no emprego da palavra viva, efetivamente dialogada, manifestando seu valor expressivo, independente de seu significado na língua. Esses aspectos são determinantes para a compreensão da leitura em perspectiva dialógica.

No ambiente escolar, a concepção de leitura é encontrada, na maioria das vezes, vinculada aos discursos naturalizados sobre a leitura, discursos do senso comum, tomados como verdadeiros, como o enunciado: “Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”, atribuído a autores renomados, apresentando-se um discurso de autoridade, revelando um abismo social entre o leitor e o não-leitor. Essa discussão é resultado de um estudo realizado por Sousa (2009) sobre o *discurso que professores e alunos constroem acerca da leitura*. A autora dialoga discursos naturalizados sobre a leitura com a concepção e o objeto de leitura dos participantes da pesquisa.

A discussão revela que a escola está equivocada ao reverenciar a leitura como essencial para a formação humana, desprezando o não-leitor, além de afirmar, repedidas vezes, que os alunos não leem, não gostam de ler ou têm muita dificuldade com a leitura. Nesse sentido, Sousa (2009, p. 2268) destaca que “[...] é preciso reconhecer que professores e alunos estão imersos em uma cultura letrada cujo acesso à leitura funciona como um pressuposto para o exercício das funções de professores e alunos.” A leitura não realizada, inacessível, de difícil compreensão, que *preencheria a alma humana* que professores e alunos se referem, não seria de qualquer texto, conforme aponta o estudo.

Nos discursos coletados para realização da pesquisa, Sousa (2009) evidencia que o objeto da leitura é silenciado pelos discursos naturalizados sobre a leitura e não o ato de ler. A autora afirma que é a leitura do texto literário ou a leitura por puro prazer (de *textos relacionados às livres escolhas*) que os sujeitos almejam. Isso revela a complexidade e diversidade dos aspectos que envolvem a leitura, compreendidos entre o prazer e a obrigação. O desenvolvimento do prazer de ler perpassa por conteúdos de textos de interesse de professores e alunos e por práticas pedagógicas que conduzam o estudante nessa jornada.

Concordamos com Sousa (2009) de que “*não lemos apenas por prazer*”, além disso, nossas práticas sociais cotidianas estão envoltas de atividades de leitura, mas devemos desmistificar conceitos cristalizados sobre leitura na escola e na vida que escondem os limites e as possibilidades do sujeito-leitor. É preciso explorar as leituras

realizadas pelos estudantes e, a partir delas, ampliar o repertório de textos e a diversidade de linguagens evidenciadas pelo ensino dialógico da leitura, norteado pelo professor no processo de compreensão e interpretação de textos.

4. UMA PROPOSTA DIALÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Seguindo Bakhtin (2013a), que defende a mediação dos estudos da linguagem por procedimentos metodológicos, percorremos, neste capítulo, os caminhos do estilo dos gêneros com vistas à compreensão da vida da linguagem. Enfatizamos, para tanto, o discurso alheio e o tom emotivo-volitivo como recursos estilísticos utilizados como estratégias enunciativas do autor. Dividimos o capítulo em seções que abordam o trabalho com gêneros do discurso literário e do discurso jornalístico, além de refletir sobre a compreensão do estilo em crônicas e em reportagens e a complexidade da leitura, apresentando uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o aprofundamento da leitura dos gêneros em pauta no Ensino Médio.

4.1 Trabalhando gêneros do discurso crônica literária

Em se tratando da análise estilística de enunciados do campo artístico, “Em que medida as definições linguísticas (puras) da língua e de seus elementos podem ser empregadas na análise artístico-estilística?”. (BAKHTIN, 2011d, p. 328). Como aponta BAKHTIN (2011c), a princípio, as unidades da língua são utilizadas para a descrição, mas não descrevem o fundamental, o enunciado. Para tanto, esses elementos não são mais considerados unidades da língua, mas elementos do enunciado. Essa reflexão é essencial no campo do ensino. Na atividade de leitura dos gêneros, esses fios dialógicos entre os enunciados constroem a compreensão responsiva do leitor.

Assim, adotamos o estilo do gênero, com ênfase nos tipos de discurso e no tom valorativo, como categoria de análise desta tese. Tal categoria é fundamental para o estudo da constituição do enunciado e se apresenta como coluna central na construção de nossa proposta de ensino da leitura para o Ensino Médio.

Desde as suas primeiras formulações, Bakhtin e o Círculo fundaram suas reflexões sobre o discurso estético, defendendo a imanência histórica, social e cultural

da atividade estética, contrapondo a perspectivas puramente linguísticas do fazer artístico, apartado de seu caráter histórico, social e cultural. Em um de seus textos, Bakhtin (2011, p. 330) destaca que “A linguística opera com texto mas não com obra”. Segundo o autor, todo enunciado expressa um juízo de valor que emerge das relações que ele estabelece com a realidade, com enunciados alheios e com seu auditório, nunca das relações puramente linguísticas. Nesse sentido, Faraco (2011, p. 21) destaca como foram significativas as contribuições de Bakhtin para o debate sobre a atividade estética.

É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico, o cultural elementos imanes do objeto estético. Nesse sentido, Bakhtin se afasta de uma tradição que assume o pressuposto da necessidade de se separar o estudo imanes da arte do estudo de sua história e de sua inserção social e cultural. Haveria, na arte, segundo essa tradição, uma especificidade absoluta, um em-si estético (livre de qualquer interferência do social, do cultural e do histórico) que deveria ser o efetivo objeto de atenção e análise. O estudo da história da arte e de sua inserção sociocultural não deveria ser misturado com o estudo da especificidade da arte, do em-si estético.

Em todo enunciado, seja do *campo ético*, *estético* ou *cognitivo*, a forma arquitetônica “[...] se refere à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico e o ouvinte [...]” (SOBRAL, 2009a, p. 68). Além disso, ela é indispensável para a compreensão responsiva ativa, revelada pelo posicionamento axiológico do leitor (que nos interessa nesta pesquisa) diante do enunciado do outro.

Em relação ao discurso literário, a forma arquitetônica cria um *objeto estético*, enformado pelo autor-criador em uma forma composicional correspondente (romance, crônica, drama, etc.), com o qual o leitor irá interagir no processo de compreensão ativa. Sobre esse objeto estético do qual nos fala Bakhtin (2010b), Faraco (2011, p. 23) esclarece que

Enquanto o artefato é uma coisa, um ente factual, um dado, o objeto estético não o é. Mas não é também uma essência metafísica. Ao contrário, trata-se efetivamente de um conjunto de relações axiológicas (o objeto estético é, portanto, uma realidade relacional) que se concretiza no artefato. Ou, em outras palavras, trata-se de uma arquitetura, de um conteúdo axiologicamente enformado pelo autor-criador numa certa composição concretizada num certo material.

“Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade.” (BAKHTIN, 2011a, p. XXXIII). Isso significa que, tanto o discurso ético (como é o caso da reportagem, da qual trataremos mais tarde), quanto o discurso estético (como é o caso da crônica literária), que nos interessam nesta pesquisa, constituem a unidade da responsabilidade do autor-criador, legitimada pela relação social, histórica e cultural do autor com o herói. Ou seja, na arte literária, o autor-criador estabelece relações valorativas entre o herói e seu mundo.

Esse posicionamento axiológico do autor-criador também se evidencia no gênero crônica. Por sua própria orientação terminológica, a crônica é um discurso narrativo comprometido com questões contemporâneas e fatos do cotidiano, que se movimenta entre o universo jornalístico, de natureza circunstancial, e o universo literário, podendo ultrapassar as fronteiras da temporalidade.

No século XIX, quando o jornal amplia sua maior circulação no país, a crônica passa a fazer parte desse veículo de comunicação, não mais narrando grandes feitos históricos, como é o caso da crônica de viagem de Pero Vaz de Caminha que anuncia o nascimento do Brasil, mas aderindo a um caráter mais cotidiano. Dentro da diversidade do gênero crônica, destacamos dois tipos mais conhecidos: a crônica jornalística e a crônica literária.

Segundo Antônio CANDIDO (2003), no ensaio *A vida ao rés-do-chão*, a crônica era inicialmente um “folhetim”, de caráter efêmero, comentando fatos do cotidiano no espaço discursivo do jornal, diferente do que conhecemos atualmente. Nesse percurso, adquire liberdade e leveza evidenciadas em uma linguagem aparentemente descompromissada e solta, transformando o simples em esplêndido, indo de um acontecimento banal a mais profunda crítica social. O propósito de informar cede espaço para o entretenimento em que verdade e poesia caminham de mãos dadas. A vida é vista do “rés-do-chão”, através da lente da literatura, diluindo qualquer possibilidade de fronteira estanque entre a crônica literária e a jornalística.

Em textos curtos, com poucos personagens, as crônicas não foram feitas para os livros, mas neles, elas são surpreendidas com a possibilidade de durar mais que o previsto, impetrando dimensões ideológicas outras a depender do contexto sócio-histórico em que são inseridas. De acordo com Bakhtin (2011d), o autor de um enunciado pleno pressupõe, responde, antecipa, em diferentes graus, a compreensão responsiva do destinatário (o segundo da interação discursiva) e de um

supradestinatório que está para além do tempo histórico do enunciado. É um trabalho com a palavra que tem por finalidade superá-la, conforme nos lembra Bakhtin (2010a, p. 50 – grifos do autor):

O enorme trabalho do artista com a palavra tem por objetivo final a sua superação, pois o objeto estático cresce nas fronteiras das palavras, nas fronteiras da língua enquanto tal; *mas essa superação do material assume um caráter puramente imanente*: o artista liberta-se da língua na sua determinação linguística não ao negá-la, mas graças ao seu aperfeiçoamento imanente: o artista como que vence a língua graças ao próprio instrumento linguístico e, aperfeiçoando-a linguisticamente, obriga-a a superar a si própria.

Assim, na seção seguinte, vamos analisar duas crônicas literárias, produzidas em momentos sócio-históricos distintos, considerando que cada enunciado é individual, mas cada campo da comunicação elabora seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, a fim de perceber as flutuações do gênero relativas às transformações sociais, mudanças de perspectivas do auditório social e de posicionamentos do próprio autor, pois, como afirma Bakhtin (2010a, p. 69), “A forma artisticamente criativa dá formas antes de tudo ao homem, depois ao mundo, mas mundo somente enquanto mundo do homem”.

Assentados em uma abordagem dialógica interpretativista, passamos às análises do estilo do gênero crônica, com ênfase nos tipos de discurso (discurso alheio) e no tom emotivo-volitivo do sujeito autor do enunciado. Buscamos reconhecer aspectos históricos, sociais e culturais encontrados na forma do material das obras artísticas e construir uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero em questão. Estamos de acordo com Bakhtin (2010a, p. 33 – grifos do autor) ao dizer que “[...] *de fato, a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja.*”

Seguimos para as análises das crônicas literárias, recuperadas de contextos sócio-históricos específicos, ilustrando as nuances da manifestação artística da crônica na década de 1960 e suas reverberações na atualidade. Recortamos o *corpus* para textos que, a nosso ver, são sensíveis às questões humanas.

4.1.1 A compreensão do estilo em crônicas e o ensino

Nesta seção, analisamos o estilo da crônica *O amor acaba* de Paulo Mendes Campos, publicada no periódico *Manchete* em 16 de maio de 1964 e o estilo da crônica *A sorte do encontro* de Miriam Leitão, publicada no Blog do Matheus Leitão em 24 de setembro de 2016, nessa ordem. Ancorados no aporte teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso recuperado nesta tese, iniciamos nossas análises com um breve panorama do contexto de produção da obra, descrevendo, analisando e interpretando os mecanismos linguístico-enunciativos na composição dos enunciados.

Interpretamos o gênero à luz da teoria discutida neste trabalho e elaboramos uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura da crônica literária. Em convergência com as reflexões bakhtinianas sobre o estudo da linguagem, evidenciamos as relações dialógicas responsáveis pelo processo de produção do enunciado, apresentada, pelo documento oficial, como política linguística de *Estado*.

Considerando a relação do gênero a uma esfera ideológica, espaço e tempo determinados, buscamos situar o processo de produção, circulação e recepção da crônica em análise (como faremos com os demais enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa). *O amor acaba* compõe o conjunto de uma obra intitulada *O amor acaba – crônicas líricas e existenciais* de Paulo Mendes Campos escritas, em sua maioria, entre os anos de 1950 e 1960 e publicadas em periódicos cariocas de destaque à época, como revista *Manchete*, *Jornal do Brasil*, *Diário Carioca*, *Diário da Tarde*.

Essa coletânea, organizada pelo jornalista Flávio Pinheiro (2013), em que, como tantas outras crônicas, o autor se reporta às transformações político-socioculturais ocorridas em sua época. As crônicas de Paulo Mendes Campos refletem e refratam com singular maestria seus posicionamentos axiológicos diante da realidade do mundo da vida de sua época, especialmente de acontecimentos ocorridos no Brasil dentre as décadas de 1950 e 1960. Segundo Pinheiro (2013, p. 12), Paulo Mendes Campos “Viu a Belo Horizonte da sua juventude perder a inocência, a voragem urbana embrutecer o Rio de Janeiro, o paroxismo tardio do modernismo consumir Brasília”. Vamos encontrar referência a essas vivências do autor na obra em análise.

No Posfácio da obra, Ivan Marques (2013) salienta o caráter duradouro das crônicas de Campos, conservando sua atualidade, e destaca a volta ao passado e as

transformações sociais como temáticas constantes de um exímio mobilizador das palavras. Conforme destaca Marques (2013, p. 269),

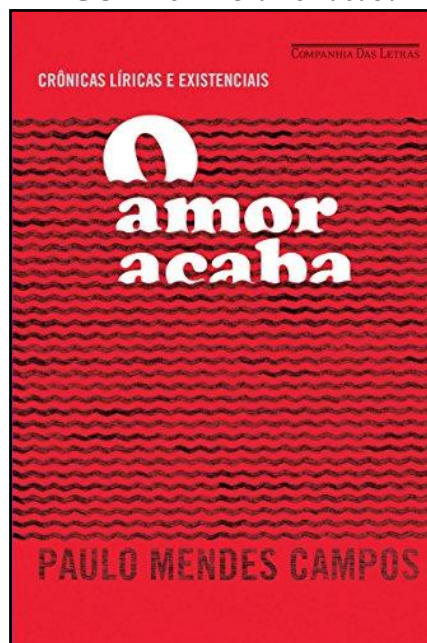
Paulo Mendes Campos ajudou a alargar os limites do gênero. Para ele, de fato, crônica podia ser tudo: tanto as digressões líricas e cômicas como as páginas de reflexão dedicadas à condição humana, às novidades do mundo moderno, às descobertas científicas e antropológicas etc. Leitor cultíssimo e atualizado, o cronista-ensaísta tem alma de pesquisador, vocação para inventar teorias e disposição para pensar sobre tudo [...].

Paulo Mendes Campos iniciou na esfera literária pela poesia, com as publicações de *A palavra escrita* (1951) e *O domingo azul do mar* (1958). Seu ingresso como cronista resulta de seu ofício como repórter, revelando uma prosa repleta de lirismos que convidam o leitor a desvelar os sentidos embutidos em metáforas, comparações, antíteses, paralelismos, etc. No exercício como poeta e cronista, o autor vivia uma busca incessante pela harmonia entre suas duas posições autorais, além de desenvolver também a função de tradutor, roteirista e servidor público.

Com a sensibilidade de fazer brotar “poesia” nas coisas mais simples da vida do homem e um estilo de produção literária singular, o autor passa do conservadorismo da produção artística de sua época à modernização temática, estilística e composicional, subvertendo o gênero crônica a uma escrita atemporal. (CANDIDO, 2003). Para percebermos tais flutuações do gênero, defendemos que um olhar mais apurado do texto amplia o sentido dado pelo leitor (ALMEIDA, 2013b), tornando o ensino de leitura mais significativo.

Nossos procedimentos de análise se desenharam por etapas. A princípio, realizamos uma leitura expressiva da crônica selecionada, na busca por estabelecer contato com as valorações apresentadas pelo autor. Em seguida, passamos à descrição do texto, destacando os elementos e a forma de organização da materialidade discursiva, iluminados pelo estilo do gênero com ênfase nos tipos de discurso e no tom valorativo. Em um terceiro momento, analisamos os dados evidenciados no projeto discursivo do autor, apontando as interpretações do texto situadas em um contexto sócio-histórico específico de produção da linguagem. Assim, a partir desse procedimento analítico, sistematizamos uma proposta dialógico-discursiva para o ensino da leitura no Ensino Médio.

Passemos, então, à descrição, análise e interpretação da crônica *O amor acaba* de Paulo Mendes Campos.

FIGURA 01 – O amor acaba

Fonte: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13404.pdf>> Acesso em: 30/04/2020.

O amor acaba

Paulo Mendes de Campos
(16 de maio de 1964)

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlata das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de

gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova York; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fosse melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na 24 dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

Dizer tudo de uma só vez, em um único parágrafo, reflete, de forma interdiscursiva, a interdição da linguagem, fortemente vigiada, censurada nessa época. Parecia importante dizer, desnudar verdades atravessadas em comportamentos sociais aparentemente comuns. O autor nos fala da efemeridade e da eternidade do amor, pronto a acabar e a recomeçar nos lugares mais triviais, e em um tom inesperado e estilo artístico.

Logo no início do texto, o autor evidencia seu posicionamento axiológico sobre o amor, conduzindo o leitor a uma certeza: “O amor acaba”. O verbo utilizado no tempo presente eterno, atemporal, propagador de verdades, revela esse tom emotivo-volitivo

categórico e pessimista de um amor que pode começar, mas principalmente terminar em qualquer hora e lugar. Enquanto sujeito do existir-evento (BAKHTIN, 2010b), o autor assume posições sociais avaliativas, evidenciando a imanência sociológica da linguagem no discurso estético.

Nas descrições fragmentadas sobre o fim do amor, Campos revela um ceticismo amoroso que reflete as transformações socioculturais de seu tempo e o complexo tema da solidão humana. Na crônica em análise, as rupturas das relações amorosas surgem como saltos de instantes do cotidiano, em uma linguagem poética que mistura tradição e modernidade, uma herança daquele que é considerado pela crítica como o maior cronista da modernidade: Rubem Braga. (CANDIDO, 2003).

Através da sucessão de assertivas, divididas por ponto e vírgula, o enunciado é orientado para seu auditório com tom emotivo-volitivo específico que consideramos, pelo contexto sociocultural da crônica em questão, um público privilegiado pelo acesso à leitura do periódico (*Manchete*³⁷) em que a crônica foi publicada. O autor se posiciona responsivamente, antecipando, ao máximo, as interações (respostas) possíveis de seus interlocutores, estabelecendo com eles e com discursos outros da mesma esfera ou de esferas distintas de produção da linguagem, réplicas dialógicas. Ou seja, há um fundo aperceptível para o qual o sujeito falante procura orientar seu discurso.

Com períodos curtos, inversões e ricas descrições, o autor marca o tempo e o espaço (o *cronotopo*³⁸) em que o amor acaba: “Numa esquina”, “em cafés engordurados”, “nas sorveterias”, “no olhar do cavaleiro errante”, “nos braços torturados de Jesus”, “no elevador”, “no andar diferente da irmã dentro de casa”, “à beira da piscina”, “em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas”, “depois que se viu a bruma que veste o mundo”, etc., e quando isso acontece: “num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio”, “de repente”, “às vezes”, “quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia”, “no sábado”, “a qualquer hora”, etc.

O autor convoca um conjunto de cenas em que o amor acaba, enfatizados por um paralelismo enunciativo, que possuem uma *conclusibilidade específica*, na

³⁷ “Manchete foi uma revista semanal de grande circulação, lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 26 de abril de 1952, tendo circulado regularmente até 29 de julho de 2000. Criada pelo imigrante ucraniano Adolpho Bloch, fugido da Revolução Russa, a publicação se estabeleceu como principal concorrente da então extremamente bem-sucedida revista O Cruzeiro, dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, a qual viria a superar.” (BRASIL, 2019).

³⁸ “Chamaremos de *cronotopo* (que significa ‘tempo-espaço’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura.” (BAKHTIN, 2018, p. 11 – grifos do autor).

constituição do conjunto da obra. A cada enunciado “O amor acaba”, nos lugares mais simples e inesperados, nos mais diversos momentos. No entanto, como “A palavra é uma espécie de ‘cenário’ de certo acontecimento” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 87), cada lugar e cada momento são únicos e valorados discursivamente pelo autor. Nesse sentido, seja “Na esquina” ou “em cafês engordurados”, “num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio” ou “de repente”, demandam uma responsividade ativa do sujeito leitor (o interlocutor do texto), sócio-historicamente situada.

Na crônica, o amor começa e termina em lugares antagônicos: “acaba em *cafês engordurados*, diferentes dos *parques de ouro* onde começou a pulsar”. O tom emotivo-volitivo de negatividade é expresso em relação a todos os lugares e momentos em que o amor acaba, inclusive na decepção amorosa “na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio”. E “de repente” em um ataque de fúria dele e uma cólera um pouco mais contida dela, refletem-se e refratam-se as relações socioculturais existentes à época, inclusive silenciando relações homoafetivas, um posicionamento ideológico retomado na metáfora da “epifania da pretensão ridícula dos *bigodes*; nas *ligas*, nas *cintas*, nos *brincos* e nas *silabadas femininas*” e, então, o amor acaba “polvilhando de cinzas o escarlate das unhas” expresso através do discurso alheio característico à época.

No *cinema*, nas *sorveterias*, no *elevador* e até nos *braços torturados de Jesus* e na *epifania da pretensão ridícula dos bigodes*, o amor acaba em lugares quase sempre urbanos, dialogando com os mesmos lugares e momentos em que o amor costuma, culturalmente, começar. Esse recurso dialógico-estilístico orienta a construção dos sentidos, visto que a compreensão se constrói na diferença, respondendo a discursos alheios da corrente enunciativa. Nas palavras de Volóchinov (2017, p. 232 – grifo do autor) “A compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante”. Essa compreensão acontece no uso efetivo da linguagem, determinante no ensino de leitura dos gêneros.

O contexto social da produção estética é fortemente percebido em várias passagens do texto como, por exemplo, na representação ideológica e antitética dos *bigodes* e das *ligas* e *cintas*, valorados axiologicamente nos discursos da década de 1960. A relação eu (autor) e outro (leitor) se estabelece no horizonte social avaliativo, inserido no processo de interação verbal, evidenciando o caráter dialógico da linguagem. Isso também deixa claro que a estrutura do enunciado é eminentemente social. (VOLÓCHIVOV, 2017).

O estilo de linguagem ou estilo do gênero (BAKHTIN, 2011c) manifesta-se na estratificação discursiva da linguagem revelada pelas nuances dos lugares e momentos em que o amor acaba, recebendo um acabamento social. As vozes sociais que ressoam no enunciado dialogam axiologicamente com outros enunciados da época, considerando a produção social da linguagem.

A representação das mãos dos namorados no cinema “como dois polvos na escuridão” situa o contexto sócio-histórico da crônica marcado por atos singulares de sujeitos únicos no mundo da vida.

Até aqui, já podemos afirmar que, no material estético, realidade é refletida e refratada pelo autor a fim de concretizar seu projeto discursivo do dizer. O amor, ora apresentado como tema central, ora percebido como personagem principal do texto, em que todas as ações recaem sobre ele, compreende um ato responsivo e responsável do autor na sua relação com o mundo da vida. Como assevera Volochínov (2013b, p. 141 – grifos do autor), a linguagem “*É o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou*”.

Em refração mais explícita aos acontecimentos do mundo da vida, o autor recupera enunciados como: “em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero”; “no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro”. Tais passagens refletem e refratam o contexto político, histórico e social de repressão e violência do regime militar que comandava o Brasil na época.

Cada lugar descrito axiologicamente. Situando a produção da crônica a um período de ditadura militar, pela qual passava nosso país, consideramos que tais enunciados emitem o tom emotivo-volitivo do autor sobre os eventos político-sociais que afligiam o país na época, os quais o autor testemunhou. Nesse sentido, vale lembrar que as palavras que usamos em nossos enunciados, “Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo [...]”. (BAKHTIN, 2011c, p. 292 – grifos do autor).

Narrador e autor se confundem valorativamente com propósito de refratar as intenções do autor-criador, dissolvendo os discursos alheios no discurso autoral e desfazendo, quase que totalmente, as fronteiras entre esses discursos, ratificando o *estilo pictórico* (VOLÓCHINOV, 2017) da crônica. Esse posicionamento discursivo-enunciativo evidencia o tom emotivo-volitivo dado pelo autor ao texto: como o

orquestrador das vozes que constituem o enunciado concreto, o autor se apresenta como uma voz uníssona, manifestando uma verdade (*pravda*³⁹), experienciada responsabilmente no mundo da vida e refratada pelo discurso estético.

Em vários lugares do mundo: Paris, Londres, Nova York, e na particularidade de cada estação do ano, o amor acaba. Por vezes, o amor toma fôlego e se arrisca: “o filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores”; “o amor se eriça”; e “às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo”. Mas a “qualquer hora”, “por qualquer motivo” e “a qualquer minuto”, “o amor acaba para recomeçar em todos os lugares”.

Longe de esgotar as possibilidades de análise, em toda a crônica de Paulo Mendes Campos, o autor-criador posiciona-se valorativamente diante do objeto de seu discurso, em relação dialógica com seu destinatário presumido, com as particularidades do gênero (como o conteúdo temático e a construção composicional), na convergência entre forma e conteúdo evidenciada pelas análises, conforme defendida pela estilística sociológica em que se ancora esta tese.

As imagens expressas em todo o texto e a reacentuação da linguagem, dialogicamente marcadas por um tempo histórico, assinalam *a expressividade típica do gênero* (BAKHTIN, 2011c) crônica literária, com flutuações refletidas no estilo individual do autor que se apropria de uma linguagem recheada de paralelismos, comparações e antíteses para realização do seu projeto enunciativo.

A análise seguinte envolve o mesmo gênero: a crônica literária. No entanto, a fim de verificarmos as relativas estabilidades do gênero, optamos por um texto cronologicamente mais atual, evidenciando, em nossas análises, aspectos sociais, históricos e ideológicos de um contexto imediato que se revela na produção enunciativa. Estamos nos referindo à crônica *A sorte do encontro*, publicada no Blog de Matheus Leitão em 24 de setembro de 2016, que faz parte do livro de crônicas *O refúgio no sábado* da escritora Miriam Leitão. Apesar da sua íntima relação com o jornalismo, a autora

³⁹ “A verdade (*pravda*) do evento não é, em seu conteúdo, uma verdade (*istina*), identicamente igual a si mesma; é, ao contrário, a única posição justa de cada participante, a verdade (*pravda*) do seu real dever concreto”. (BAKHTIN, 2010b, p. 104 – grifos do autor).

adotou o gênero crônica literária para mostrar uma forma toda particular de ver o mundo.

Miriam Leitão é jornalista, escritora e apresentadora de televisão. Natural de Minas Gerais, mudou-se para Vitória, no Espírito Santo, a fim de iniciar sua carreira profissional, marcada pela prisão e perseguição durante a Ditadura Militar, após seu envolvimento com o movimento estudantil capixaba. Sua atuação como jornalista a levou a cidades como Brasília (onde se formou em jornalismo pela *UnB*) e São Paulo, trabalhando em jornais e revistas de destaque em nosso país, como o jornal *O Globo* e a *Revista Veja*.

Miriam ganhou vários prêmios por sua atuação como jornalista e pelas publicações em *livro-reportagem* (LIMA, 2009), conquistando a 54ª edição do *Prêmio Jabuti* em 2012. A autora também se dedica a escrever crônicas aos sábados para o Blog do filho Matheus Leitão. Repletos de lembranças e emoções, os textos são leves e remetem a uma conversa íntima com o leitor sobre sentimentos do sábado, início de um momento pessoal de cada um.

O fato da crônica em questão circular em um Blog da internet já situa o texto em um contexto sócio-histórico e ideológico específico, no século XXI, na era da tecnologia e de mudanças significativas nas práticas sociais. Essa produção de Miriam Leitão se realiza, especificamente, aos sábados, como colaboradora do Blog, uma atividade, a nosso ver, de puro deleite, mas, como todo enunciado, produto de relações dialógicas. Nesses contextos, os enunciados são reelaborados e reacentuados com sentidos outros, por outras relações intersubjetivas no uso da língua.

Na crônica de Miriam Leitão também é possível perceber o elemento expressivo do enunciado, a *relação subjetiva emocionalmente valorativa* da autora com o conteúdo do seu objeto. Essa expressividade já aponta convergências estilístico-composicionais do gênero crônica literária com discursos nascidos em contextos sócio-historicamente distintos que recuperamos em nossas análises.

A experiência traumática vivida por Miriam no período da Ditadura Militar no Brasil (Miriam Leitão foi presa, ocasião em que estava grávida de seu primeiro filho Vladimir Netto, e torturada com uma cobra jiboia pelos militares⁴⁰ do 38º Batalhão de Infantaria do Exército no Espírito Santo, entre dezembro de 1972 a fevereiro de 1973),

⁴⁰ Documentário exibido no canal por assinatura HBO Mundi, no dia 15/10/2020, readaptado do livro *Em nome dos pais* de Matheus Leitão e apresentado pelo mesmo autor da obra que é filho de Miriam Leitão e Marcelo Netto (também preso e torturado no Regime Militar).

pode estar evidenciada por algumas marcas estilísticas, no texto em análise, reportando-se, sutilmente, ao passado sombrio da autora. No conjunto, sua escrita dialoga com as perspectivas sociais, em uma atividade responsiva ativa com um auditório social contemporâneo, refletidos em seus posicionamentos axiológicos.

Passemos, então, à descrição, análise e interpretação da crônica *A sorte do encontro* de Miriam Leitão.

FIGURA 02 – A sorte do encontro



Fonte: < <http://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/sorte-do-encontro.html> > Acesso em: 15/07/2020.

A sorte do encontro

Miriam Leitão

Lerei você enquanto atravesso o oceano e nem verei as águas que poderão me tragar na travessia. Estarei com suas palavras que vão me contar o que nem imagino. A vida vai cessar as interrupções e eu voltarei no tempo, sem interconexões planetárias, para ouvir apenas a história. Lerei. Lerei por horas a fio e não chegarei ao final porque, como um cavalo que refuga no momento que pressente o perigo, vou parar antes do fim, para ficarmos suspensos no ar. Eu e você. Nós.

Lerei, como nos velhos tempos em que o mundo tinha a delicadeza de interromper qualquer movimento, suspender todos os ruídos, congelar as horas, para deixar o livro e seu leitor postos em sossego. Depois do oceano haverá outro e outro. Serão sete, os mares. Não lerei como hoje em que vejo o escorregão, a palavra inexata, as inconstâncias, as contradições, o ponto e a vírgula imperfeitos, as dissonâncias. Entrarei no livro como quem abre uma porta para uma enorme morada, há muito esperada, e atravessa corredores, descobre cantos e recantos, corre atrás das sombras, se

esconde nos umbrais, debruça-se sobre janelas. Depois, vencidos os segredos, me sentarei na sala, esperando o anoitecer que vai nos guardar dos curiosos.

Sei que ao fim, entenderei o que não sabia e repassarei mentalmente o gosto do mundo novo, visto e intuído. Então seguiremos juntos. Eu agradecerei a sorte do encontro, porque sem ele seria menos do que posso ser. Os outros que nada viram serão apenas os outros. Olharei para eles à distância, feliz por não estar entre eles. Mas isso será depois, porque a verdade encontrarei enquanto faço a travessia. E é nesse meio do caminho que quero estar nas próximas horas e dias.

Lerei você enquanto cruzo de trem as montanhas, os vales, as pontes e os rios. De vez em quando, olharei para fora e o campo verde, parado no tempo, me fará apenas pensar sobre as novas descobertas. O trem com seu sacolejo leve e sua sonoridade calma, vai me embalar enquanto andarmos juntos em alguma parte do mundo, muito longe daqui. E então olharei para mim à distância, como pessoa outra, e essas angústias que me consomem vão se apagar lentamente.

Caminharei atrás de você na sociedade dos escritores que aqui sempre estiveram, porque ninguém os deixaria partir. Farei pessoalmente buscas na biblioteca dos livros esquecidos, certa de que sua existência tem apenas a finalidade de me encontrar. Seremos aliados na busca da sobrevivência. Nos agarraremos um ao outro para não sermos tragados pelo silêncio.

Quando nos encontrarmos não terei idade. Serei um ser pelo qual o tempo passa como se ficasse, porque será o mesmo o sentimento que trago de outros encontros, desde o primeiro. Serei curiosa como uma criança, apaixonada como um jovem, serena como um velho. A marca dos anos que trago no rosto e na vida, que me distancia dos demais e me particulariza, deixará de fazer sentido. Seremos nós e nossas circunstâncias. Imagens gêmeas num espelho.

Talvez chova suavemente, enquanto atravessamos terras e oceanos e isso vai aumentar o aconchego. Talvez alguém me traga um copo de vinho. Eu olharei em silêncio agradecida. Talvez alguém feche a janela para espantar o vento mais forte. Perceberei então que o frio chegou, sem que eu houvesse sentido. Talvez alguém acenda a luz e então notarei que escureceu e que o dia é quase findo. E esquecerei as dores que carrego, as dúvidas que me dividem, as horas fatais, as tarefas irrecorríveis. Seremos por algum tempo companheiros inseparáveis e, depois, onde quer que você esteja, de certa forma estará comigo, porque saberei o que compõe sua natureza. Haverá um

momento em que terei saudades. O reencontro será o suficiente para refazer o elo que nos uniu, quando atravessávamos o oceano, sem medo das águas.

A narrativa se desenvolve em torno de dois centros de valores: o leitor (eu) e o livro, com os quais se relacionam os tons emotivo-volitivos dedicados ao texto. O posicionamento exotópico do sujeito estético (o autor objetivado) realiza ativamente a empatia estética, responsável pela enformação arquitetônica da crônica literária em análise. Buscando atender as refrações da autora na construção do enunciado, o discurso alheio é objetificado e diluído no contexto autoral, salientado pelos verbos em primeira pessoa, estabelecendo um *estilo pictórico* de transmissão discursiva.

A escolha dessa posição valorativa da narração é salientada por uma expectativa presente em todo texto, um ponto de vista ideológico sobre o leitor e o livro. Nesse sentido, o estilo é pictórico nas crônicas literárias, porque individualiza mais o discurso do autor, como expresso em *O amor acaba* (1964) e de *A sorte do encontro* (2016), lidos nesta seção. Além disso, o sentido do enunciado alheio é acentuado, evidenciando sua materialização linguística e estampando nas crônicas um tom de familiaridade.

Na crônica de Miriam, o livro personificado faz parte de todas as ações que a autora se propõe a realizar em um futuro que parece próximo: “Lerei você”. A recorrência ao verbo “Lerei”, no decorrer de toda a narrativa, reforça na narrativa o desejo de ler, metaforizada em uma “travessia” arriscada “Lerei você enquanto atravesso o oceano e *nem verei* as águas que poderão me *tragar* na travessia” e fortemente almejada a ponto de não querer chegar ao final, “E é nesse meio do caminho que quero estar nas próximas horas e dias”. Assim, o enfoque dado aos enunciados, estruturados, ora em uma só oração, ora em composições maiores e desenvolvidas, coaduna com a proposta enunciativa da autora que se posiciona ideologicamente, expondo sua paixão pelo livro e pelo ato de ler com tom artístico.

O enunciado concreto como um todo estabelece relações dialógicas com enunciados outros na corrente da comunicação discursiva. E os discursos “Lerei por horas a fio”, “Serão sete, os mares”, “E é nesse meio do caminho que quero estar”, “Caminharei atrás de você na *sociedade dos escritores*”, “Seremos por algum tempo *companheiros inseparáveis*”, recuperados das esferas social, filosófica, artística, exemplificam diálogos com discursos outros recuperados na construção *heterodiscursiva* do enunciado.

Assim, a constituição do sentido da crônica *A sorte do encontro* é organizada pelo projeto discursivo da autora e seu horizonte social, em uma relação alteritária, intersubjetiva entre sujeitos sociais. A autora manifesta seu posicionamento ideológico no seu ato de linguagem responsivo e responsável mantido nas relações dialógicas com a situação mais imediata e mais ampla do contexto de produção e com seu leitor.

Como a crônica de Miriam é veiculada em um Blog da internet, seu público leitor pode ser bastante diversificado, tendo em vista a amplitude de interlocutores alcançada pelos meios virtuais na contemporaneidade. Contudo, a autora tem em vista um público presumido do Blog, com o qual interage dialogicamente, orientando sua produção enunciativa na busca por atender os propósitos de leitura desse público específico.

Essa avaliação social, determinada pelo contexto sócio-histórico de produção da linguagem, estabelece as escolhas linguísticas e a organização do enunciado como um todo. Trata-se de uma orientação avaliativa que constitui o tema e é também determinante para o estilo do gênero. Destacamos que as escolhas linguístico-enunciativas e a própria organização dos enunciados alheios convocados para a crônica literária produzida por Miriam Leitão revelam as flutuações do gênero crônica literária na contemporaneidade. Esse “tom de modernidade” encontra-se refletido nas referências às “interconexões planetárias”, aos “sete mares”, ao trem e na construção do sentido da expectativa do ato de ler, recorrente em todo texto.

Afirmamos que não se trata apenas de diferença entre estilos individuais, que certamente existem. Contudo, salientamos que os autores e seu projeto discursivo do dizer estão situados em contextos sócio-históricos específicos, cronologicamente distintos e refletidos na relação valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. (BAKHTIN, 2011c). Como tipos flexíveis e plásticos que são, os gêneros se adaptam às condições de produção e ao tom avaliativo que o autor imprime ao texto, sendo, possível perceber fissuras na estabilidade de gêneros de uma mesma época.

Constitutivos da arquitetura do gênero, tema, composição e estilo expressam um modo todo particular de ver o mundo através de enunciados que dialogam com o passado e com o futuro. Bakhtin (2010b, p. 108) nos lembra que “[...] viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsavelmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir.”.

Como é típico do gênero crônica, a autora associa seu tempo sócio-histórico às imagens da “travessia” construídas ao longo de todo o texto, como podemos observar em “interconexões planetárias”, “suspensos no ar”, “cruzo de trem as montanhas”, “Imagens gêmeas num espelho”, em que mantém relações dialógicas com o momento sócio-histórico de construção do enunciado.

Lançando mão de metáforas e comparações, a voz autoral também marca, valorativamente, a leitura com atos grandiosos, desbravadores, ao longo do texto, como em “Lerei você enquanto *atravesso o oceano*”, “por horas a fio”, “o mundo tinha a *delicadeza de interromper* qualquer movimento, *suspender* todos os ruídos, *congelar* as horas”, “Depois do *oceano* haverá outro e outro. Serão sete, os *mares*”, “Entrarei no livro como quem abre uma porta para uma *enorme morada*”, “repassarei mentalmente o gosto do mundo novo, visto e intuído”.

Leitora e livro constroem imagens expressivas de um mundo à parte em que, enfim, se concretizará o prazer de ler. Além da criação desse universo todo particular, chama a atenção o efeito dessa leitura enformado pela autora, já ressignificado, pois “*Não lerei como hoje* em que vejo o escorregão, a palavra inexata, as inconstâncias, as contradições, o ponto e a vírgula imperfeitos, as dissonâncias.” O ato de ler enuncia agora outros valores: “Depois, vencidos os segredos, me sentarei na sala, esperando o anoitecer que vai nos guardar dos curiosos.”, “Eu agradecerei a *sorte do encontro*, porque sem ele *seria menos do que posso ser*. Os outros que nada viram serão *apenas os outros*. Olharei para eles à distância, *feliz por não estar entre eles*.”.

No interior da construção composicional da crônica literária em análise, a orientação avaliativa da leitora e do livro situa o tema do texto e seu estilo se desenha em um tom emotivo-volitivo artístico, expressando uma dramaticidade dinâmica que nos insere na narrativa. As relações dialógicas instituídas com o contexto social confirmam as flutuações dos gêneros em questão, configurados como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, produto das relações sociais estabelecidas em sociedade. Essas considerações são bastante significativas em contexto de ensino de leitura. Afinal,

[...] a palavra concebida mais amplamente, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser uma coisa centrada em si mesma e já não pode ser compreendida independentemente da situação social que a tem engendrado. (VOLOCHÍNOV, 2013a, p. 75).

O olhar da autora para fora de si verá o outro “menor”, verá a si mesmo uma “pessoa outra” e o mundo trará a possibilidade de “novas descobertas”. O mundo “visto e intuído” na leitura o fará melhor que “outros que nada viram”, por isso agradecerá a “sorte do encontro”. O olhar em tom não empático observará “à distância, feliz por não estar entre eles”. Com o jogo valorativo do olhar e o tom otimista, de um futuro promissor proporcionado pelo livro e pela leitura, a voz autoral delineia seu projeto discursivo que enaltece o leitor, o livro e o ato de ler na criação literária. Esse posicionamento axiológico está relacionado ao conteúdo do objeto e, principalmente, ao destinatário. Como destaca Volochínov (2013a, p. 87) “[...] a enunciação reflete em si a interação social entre o falante, o ouvinte e o herói, e vem a ser o produto e a fixação de sua interação viva no material da palavra”.

Como na crônica literária de Paulo Mendes Campos, em *A sorte do encontro* a autora também se utiliza de paralelismos com peso entonacional na produção do sentido do texto: “Serei curiosa como uma criança, apaixonada como um jovem, serena como um velho”. Cada fase humana marca um tom emotivo-volitivo positivo do encontro da autora com o livro. No mesmo sentido, o uso da palavra “Talvez”, que em outros contextos carrega um tom de incerteza, seguida de insegurança, na crônica analisada o advérbio modaliza possibilidades sócio-historicamente harmonizadas com o ato de ler, a exemplo de: “Talvez chova suavemente, enquanto atravessamos terras e oceanos e isso vai aumentar o aconchego. Talvez alguém me traga um copo de vinho”.

A experiência vivida por Miriam Leitão de prisão e tortura durante o Regime Militar parece ecoar sutilmente na narrativa em uma das expectativas do encontro com o livro: “E esquecerei as dores que carrego, as dúvidas que me dividem, as horas fatais, as tarefas irrecorríveis”. Como produto do discurso interno do homem com suas relações sociais, o estilo, materializado no enunciado, ratifica o princípio dialógico da linguagem. Nesse sentido, discursos ético e estético dialogam no contexto da língua viva de estilo expressivo.

As relações dialógicas também marcam o início e o fim do texto, como um ciclo que se abre “enquanto atravesso o oceano” e se fecha no “reencontro”, “suficiente para refazer o elo que nos uniu, quando atravessávamos o oceano, sem medo das águas”. A plenitude do enunciado ressignifica o existir-evento do mundo da vida da autora, atribuindo significado estilístico aos recursos empregados na crônica, resultado do campo de visão autoral e dos confrontos enunciativos *em um plano de sentido*.

A propósito, *A sorte do encontro* do leitor com o livro reacende a reflexão, que recuperamos em nossa tese, de um discurso naturalizado sobre a leitura⁴¹, em que esta se apresentaria com uma áurea positiva quase que inquestionável. Além disso, as análises das crônicas que compõem o *corpus* desta pesquisa demonstram o quanto as atividades de ensino leitura em perspectiva dialógica podem aprofundar a compreensão do discurso estético, relacionando o texto as suas condições de produção, evidenciando como os mundos da arte e da vida se constituem simultaneamente.

4.1.2 Proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero crônica literária

Os conceitos convocados nas análises das crônicas *O amor acaba* de Paulo Mendes Campos e *A sorte do encontro* de Miriam Leitão encontram-se imbricados na Análise Dialógica do Discurso desenvolvida por Bakhtin e o Círculo. Assim, consideramos que essas análises já se configuram como uma proposta dialógica de leitura⁴² com ênfase no estilo do gênero crônica literária, capaz de contribuir com o ensino de leitura nas aulas de língua materna nos três níveis do Ensino Médio da Educação Básica.

No entanto, cômicos das práticas pedagógicas que estruturam a atividade do gênero aula, metodologicamente, a partir de comandos, por exemplo, sistematizamos uma abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura dos gêneros crônica literária, a fim de fomentar a prática de leitura na perspectiva dialógica dos gêneros discursivos artísticos.

Nossa proposta segue caminhos trilhados pelo Círculo de Bakhtin, considerando as regularidades do gênero crônica literária e buscando destacar as flutuações manifestadas por esses gêneros discursivos a partir das transformações sociais, históricas e culturais dos sujeitos que se reverberam na linguagem.

Como todo processo de ensino e de aprendizagem, sugerimos um planejamento pedagógico flexível às realidades educativas, delineado pelas *políticas linguísticas* nacionais e para além delas. Adotando, inicialmente, a crônica *O amor acaba* de Paulo Mendes Campos, sugerimos realizar uma atividade prévia ao contato direto com o texto

⁴¹ Cf.: Sousa (2009).

⁴² Assim como Puzzo (2011), que considera as análises do estilo dos gêneros *Capa e Reportagem interna* como uma proposta de leitura na perspectiva dialógica dos gêneros discursivos em questão.

com uma roda de conversa a respeito da seguinte questão: Quando o amor acaba? A indagação objetiva estimular os estudantes a convocarem os fios dialógicos do tema com as experiências do cotidiano. O tempo para a realização desta tarefa em sala de aula pode variar entre uma ou duas aulas (de cinquenta minutos cada), a depender da interação e do número de participantes.

O mesmo processo pode ser realizado com a crônica *A sorte do encontro* de Miriam Leitão. Desta vez, a ideia é discutir a concepção de leitura dos alunos (SOUSA, 2009), como: O que é a leitura? Você costuma ler com frequência? O que você gosta de ler? Após a escuta dos comentários dos estudantes sobre o tema em pauta, convém aproximar leitor e texto e estabelecer um diálogo entre o *eu* e o *outro*. Recomendamos que o estudo do próximo texto siga esse mesmo caminho, a fim de confrontá-los no segundo itinerário.

Após ativar do conhecimento prévio, fundamental para a compreensão dos enunciados, propomos a interação do leitor com o texto, com finalidade de perceber o(s) tom(ns) do enunciado que será confirmado pelo estilo adotado na crônica literária, uma narrativa que mostra grandeza no que há de mais simples nas pessoas e nas coisas. (CANDIDO, 2003). Com base na obra de Bakhtin (2013a), para realização desse diálogo leitor/texto, indicamos a seguinte rota de leitura:

- 1) Realizar a leitura da crônica literária *O amor acaba* de Paulo Mendes Campos ou *A sorte do encontro* de Miriam Leitão com o máximo de expressividade, a fim de perceber o tom valorativo dos autores na produção do enunciado e a reação (ativa posição responsiva) do leitor.
- 2) Relacionar os elementos *típicos* do gênero: o tema, a construção composicional e o estilo às marcas individuais e sócio-históricas de um sujeito autor e um horizonte social específicos, a partir de questões como: Qual a finalidade do texto? Que relações dialógicas são estabelecidas entre os interlocutores? Onde e quando foi produzido o texto? Qual tema tratado? Quais os desdobramentos da narrativa? Que elementos textuais (e/ou imagéticos) foram convocados e como estes foram organizados para a construção do sentido do enunciado?
- 3) Promover inversões e substituições entre os signos (verbais, no caso), no intuito de perceber o peso entonacional dado às palavras, à forma

enunciativa e ao *significado estilístico* das escolhas realizadas pelo enunciadador no conjunto da obra.

- 4) Analisar o tom emotivo-volitivo do enunciado evidenciado pelos recursos linguístico-enunciativos de que o autor se apropria para imprimir expressividade ao gênero.
- 5) Reconhecer a assimilação do discurso alheio para composição do enunciado e do projeto discursivo do autor.

O tempo proposto para realização varia de acordo com o posicionamento *responsivo e responsável* dos estudantes de cada movimento de leitura. Consideramos uma semana de aula um período razoável para esse processo de apreciação ética e estética (BNCC, 2018), recuperando a compreensão de sentido construída em cada aula para prosseguir com o trajeto.

Vale salientar que, no percurso acima, procuramos, inicialmente, estabelecer relações dialógicas entre o leitor-aluno e o texto, levando-os a perceber o acento valorativo dos autores e seus projetos enunciativos no campo estético. Em seguida, sugerimos relacionar os elementos estruturantes do gênero como o tema, a construção composicional e o estilo às inflexões subjetivas do autor motivadas pelo contexto sócio-histórico de produção, circulação e recepção dos textos e, principalmente, por seu horizonte social. Consideramos, ainda, que as inversões e substituições do material verbal (ou imagético, se for o caso) contribuem com o ensino da compreensão do significado estilístico encontrados nos signos verbais e não-verbais convocados pelo autor. Por fim, com ênfase no tom emotivo-volitivo e na assimilação do discurso alheio, propomos a análise dos recursos estilísticos de que cada autor se apropria para imprimir expressividade ao texto.

Um segundo itinerário para abordagem do estilo no ensino da leitura do gênero crônica literária confere um “acabamento” a nossa proposta e demanda, a nosso ver, mais três aulas de estudo do gênero. O roteiro consiste em:

- a) Possibilitar a leitura de outros textos do mesmo gênero, contemporâneos ou de épocas distintas.
- b) Confrontar os textos lidos quanto ao propósito discursivo do autor, às condições de produção, circulação e recepção dos textos e, principalmente, às relações dialógicas com o endereçamento.

- c) Reconhecer os acentos dos recursos linguísticos de que cada autor se apropria em seu modo de dizer, estabelecendo um diálogo entre os textos acentuados pela singularidade do autor e pelo tom do enunciado.

Esse caminho conduz às relações interdiscursivas dos textos em análise e evidencia os recursos estilísticos de cada autor e as regularidades e flutuações do gênero, desenvolvendo as competências *investigativa* e *compreensiva* do aluno-leitor. O aprofundamento no ensino da leitura nos três níveis do Ensino Médio é muito mais que uma determinação dos documentos oficiais, é um direito de cada estudante para exercício de sua cidadania.

Essa leitura, aqui entendida como um ato dialógico-discursivo, promove uma *compreensão ativa* dos enunciados que revela o dito e o não-dito. A perspectiva dialógica da leitura reforça a ideia de que a língua está a serviço do dizer, não o inverso. Os recursos linguísticos do texto fazem parte da arquitetura do enunciado, por isso o sentido não deriva da palavra, mas de um contexto social, histórico e ideológico de uso.

Não tencionamos exaurir as possibilidades de abordagem dialógica do estilo do gênero crônica literária, mas ampliar as sugestões já existentes, a fim de contribuir com a leitura de gêneros discursivos do campo estético e ético, como veremos a seguir. Aqui reside a novidade de nossa proposta, evidenciada no modo de ler, de analisar, a partir de rotas (sequências) de ações interativas com o gênero crônica literária e, posteriormente, com o gênero reportagem.

Através dessas rotas, o leitor é conduzido a desvelar o texto e o sentido construído na leitura por meio dos traços estilísticos do autor e do gênero em diálogo estreito com as condições de produção. Tais itinerários são constituídos por um conjunto de atos de leitura que, realizados adequadamente (respeitando o ritmo de aprendizagem de cada turma) nos três níveis do Ensino Médio, podem contribuir, significativamente, com a compreensão responsiva ativa dos estudantes, estimulada nas práticas de leitura das salas de aula de língua portuguesa.

Defendemos que a abordagem do estilo do gênero na perspectiva dialógica, além de contribuir com o ensino da compreensão de uma leitura responsiva ativa, também influencia no emprego adequado da língua, iluminando os recursos linguísticos com significado estilístico. Dessa forma, as escolhas verbais fazem mais sentido para o estudante, despertando nele maior interesse pela leitura e um posicionamento crítico sobre o texto. Estamos de acordo com Bakhtin (2013a, p. 42) ao defender que

[...] é necessário tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para colocá-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva. A linguagem livresca, impessoal e abstrata, que ainda por cima se gaba ingenuamente da sua erudição pura, é sinal de uma educação pela metade.

Considerando as múltiplas realidades de ensino da leitura em língua portuguesa em nosso país, entendemos que a proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo por nós apresentada requer ajustes (conhecimento de conceitos básicos da Análise Dialógica do Discurso já instigados pelos documentos orientadores do Ensino Médio) na busca por atender às especificidades de professores e alunos. Assim, não trazemos uma fórmula pronta para ser implantada ao ensino da língua materna, mas caminhos que conduzem o leitor a interagir com o texto e compreendê-lo. Estamos de acordo com Sobral e Giacomelli (2017, p. 467-468 – grifos dos autores) de que

Por fim, cabe dizer que não recomendamos que se leve o material aqui apresentado diretamente aos alunos do elementar e médio, e mesmo da graduação, porque o objeto de ensino aqui é **como** ensinar, e não **o que** ensinar, algo que depende de adaptação. Os alunos são usuários de gêneros, e, os professores de Letras, especialistas em gênero. Cabe aos professores conhecer uma terminologia técnica e parâmetros teórico-analíticos, mas não para usá-las com os alunos.

O conhecimento teórico orienta a prática docente de ensino de língua e, por isso, é tão significativo para a formação inicial e continuada dos profissionais de letras. E a formação continuada em serviço fomenta a reelaboração e atualização de teorias e pesquisas sobre o estudo da língua e as práticas pedagógicas a serem implementadas pela escola, sob a prescrição de documentos oficiais.

Apesar de a Análise Dialógica do Discurso proposta pelo Círculo bakhtiniano estar assegurada nesses documentos como norte para a prática pedagógica, perpetua, em nossas escolas, um ensino de língua que não atende a realidade do contexto de uso, arraigado ao sistema linguístico. Assim, no intuito de contribuir com a qualidade do ensino de língua que se apresenta, seguimos com apreciações e apresentação de uma proposta de abordagem do estilo para o ensino da leitura do discurso jornalístico.

4.2 Trabalhando gêneros do discurso reportagem

Na análise estilística de enunciados da esfera midiática (como em todos os campos da produção discursiva), consideramos que o enunciado não é um todo acabado que se basta em si mesmo, uma mera representação, mas “Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor [...]”. (BAKHTIN, 2011d, p. 326), ou seja, com as “visões de mundo” do autor sobre algo que lhe é dado em um contexto sociocultural específico.

Na arquitetônica do mundo da vida, a dimensão axiológica orienta o ato responsivo e responsável de sujeitos únicos, sem álbi na existência (BAKHTIN, 2010b). Na relação do *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e *eu-para-o-outro* se constroem os valores do mundo da vida e do mundo da cultura. Assim, “O ato responsável, ou ato ético, envolve o conteúdo do ato, o processo do ato, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato”. (SOBRAL, 2013, p. 104).

Este também constitui o ato ético do autor do gênero jornalístico reportagem, que ao recortar determinada realidade, atua sobre ela valorativamente, imprimindo-lhe seu estilo individual no interior das regularidades típicas do enunciado. Esse estilo do autor, determinado pela situação imediata da interação e pelo auditório, possibilita variações nos gêneros discursivos que podem implicar mudanças na própria concepção do gênero que vai se “ramificando” (como o caso da crônica: descritiva, narrativa, humorística, literária, jornalística) até formar um gênero outro. Isso acontece porque, como afirma Bakhtin (2011c, p. 262),

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

O enunciado analisado nesta seção é o gênero discursivo reportagem. Localizado no campo midiático, a reportagem, tencionando objetividade, aborda um tema social sob a ótica pessoal de um repórter. Não há imparcialidade na linguagem. Em diálogo com a notícia, a reportagem é um dos gêneros mais importantes do jornalismo, cujo papel social é informar. No entanto, a notícia é, geralmente, mais curta,

imediate e efêmera, pois informa fatos atuais, que surgem a todo o momento no mundo da vida.

Segundo Lima (2014, p. 13), “Em alguns casos, observamos que a mensagem é mais longa, detalhando mais as ocorrências, constituindo então um tipo específico de texto jornalístico, a reportagem. Isto é, um relato mais aprofundado”. Para isso, a reportagem traz a opinião de testemunhas, especialistas ou outros envolvidos no tema tratado, ou seja, convoca para o texto discursos alheios, selecionados ideologicamente⁴³ que correspondam ao projeto discursivo do autor e às refrações ideológicas de jornais, revistas, sites, etc. por onde esse gênero circula. A escolha do gênero discursivo reportagem como *corpus* de nossa pesquisa deve-se ao propósito de convocar também para nossas análises um gênero do discurso jornalístico (da esfera ética) e produzir uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo da reportagem.

Com efeito, quando estamos diante de um texto jornalístico, esperamos encontrar um retrato mais próximo da realidade, um conteúdo informativo organizado em modelos de textos comuns a essa esfera comunicativa. No entanto, Lima (2014, p. 14 – grifos nossos) defende que há uma diversidade de modelos e estilos de textos jornalísticos e “Um deles, marcadamente diferente do formato noticioso, é o *jornalismo literário*”.

Embora tenham o objetivo habitual de comunicar, o *jornalismo convencional* e o *jornalismo literário* realizam esse propósito de maneira diferente. Enquanto o primeiro utiliza uma espécie de *sumário* para informar de modo rápido e objetivo onde e quando aconteceu um fato, o segundo se apropria da *cena* para sensibilizar o leitor, estimulando seus sistemas sensoriais e mobilizando suas emoções. Dessa forma,

Em lugar de *contar* indiretamente o que aconteceu, *mostra*. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor *dentro* do acontecimento. Busca fazer com que o leitor *viva* um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou. Reproduz o clima de como as coisas aconteceram, tem um dinamismo próprio. O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade. (LIMA, 2014, p. 15 – grifos do autor).

Carregado de emoção, o intuito do jornalismo literário é *contar* uma *história* que tem como centro o homem e seus conflitos sociais. Com uma produção eficiente e atraente, o jornalista literário nos revela sua arte de escrever que amplia nosso olhar

⁴³ Cf. Nascimento (2019).

para a realidade e nos ajuda a enxergar o significado das coisas, dos atos humanos. Nesse caso, o repórter é também um escritor, um autor que se envolve com suas narrativas, deixando vir à tona as suas emoções.

Percebemos com clareza as peculiaridades do jornalismo convencional comparado ao jornalismo literário nas reportagens analisadas na seção a seguir. Como cada campo da comunicação discursiva elabora seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, as duas reportagens propostas para análise mantêm recursos comuns ao gênero, sendo a primeira mais próxima ao jornalismo convencional e a segunda, um exemplo de jornalismo literário.

Assim, veremos que as flutuações do gênero não se devem apenas ao momento sócio-histórico de produção, mas, junto a isso, às transformações sociais, às mudanças de perspectivas do auditório social e de posicionamento do próprio autor. De acordo com Faraco (2009, p. 52), “A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão”.

Nossas experiências com o ensino e com a formação continuada de professores de língua portuguesa do Ensino Médio na Educação Básica permite-nos afirmar que a reportagem também faz parte do universo dos gêneros discursivos mais utilizados no ensino de língua materna, com os objetivos mais diversos, inclusive analisados pelos livros didáticos do Ensino Médio. E em muitos casos, o gênero é visto apenas pelo viés da manifestação do sistema da língua.

Ancorados na Análise Dialógica do Discurso, desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, e no método de abordagem interpretativista, iniciemos as análises do estilo do gênero reportagem, com enfoque nos tipos de discursos (discurso alheio) e no tom emotivo-volitivo do sujeito autor do enunciado. Buscamos demonstrar os aspectos históricos, sociais e culturais evidenciados na forma do material do ato ético (do mundo da vida) e construir uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo do gênero em questão. Essas relações valorativas constituem o enunciado da vida, em um diálogo ininterrupto consigo mesmo, com o outro e com o mundo, partindo do princípio de que “[...] viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsavelmente participante, afirmar o seu não-álbe real e compulsório no existir”. (BAKHTIN, 2010b, p. 108).

Seguimos para as análises das reportagens recuperadas de contextos sócio-históricos específicos, delineando os tons da reportagem na década de 1960 e suas reverberações na atualidade.

4.2.1 A compreensão do estilo em reportagens e o ensino

Nesta seção, analisamos o estilo da reportagem *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade* publicada em 29 de agosto de 1969 no jornal *O Estado de S. Paulo* (*O Estadão* desde 1875), curiosamente não assinada por um jornalista, e o estilo da reportagem *A mulher que alimentava* de Eliane Brum e Marcelo Min (fotos), publicada no dia 14 de agosto de 2008, nessa ordem. Em nossas análises, traçamos um breve panorama do contexto de produção do enunciado, descrevendo, analisando e interpretando os mecanismos linguístico-enunciativos (verbo-visuais) mobilizados pelo autor à luz da Análise Dialógica do Discurso. A partir das orientações metodológicas de Bakhtin e o Círculo para estudo da linguagem, elaboramos uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo do gênero em discussão.

Considerando a relação do gênero a uma esfera ideológica, espaço e tempo determinados, situamos o processo de produção, circulação e recepção do enunciado em análise. A reportagem *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade* de 29 de agosto de 1969 faz parte do acervo de publicações do jornal digital *O Estado de S. Paulo* (*O Estadão*), com acesso apenas para assinantes. Optamos pelo *O Estadão* por ser o jornal mais antigo do país e de maior circulação na década de 1960.

Além disso, esse jornal foi perseguido e censurado pelo Regime Militar. *O Estado de S. Paulo* foi impedido de circular em 1968 e, no ano seguinte, publicou poemas de Camões na primeira página em substituição dos textos censurados. Nos cem anos de existência em 1975, o jornal comemorou apenas 95, desconsiderando os cinco anos em que foi comandado pela arbitrariedade dos militares brasileiros. O *Jornal da Tarde*, lançado em 1966, era uma extensão do *Grupo Estado* dedicada aos problemas da cidade. Neste janeiro de 2021, *O Estado de S. Paulo* completou 146 anos de comunicação discursiva construída por relações dialógicas com a história da cidade, do estado e da nação.

Nesse contexto da década de 1960, o Brasil vivia sob a repressão do Regime Militar que perseguia movimentos estudantis e de trabalhadores, ocasionando prisão,

tortura e morte dos seus opositores. Após a promulgação do Ato Institucional⁴⁴ nº 5 (AI-5) em 1968, os confrontos entre governo e oposição se acirraram, coagindo os que ameaçassem a Ditadura Militar. Em 1969, houve a terceira eleição do Regime Militar. Com chapa única e voto indireto (votavam apenas os parlamentares), o militar Emílio Garrastazu Médici foi eleito.

Ressaltamos esse contexto sócio-político e ideológico do nosso país, pois ele constitui o processo de produção, circulação e recepção da reportagem recuperada do acervo de *O Estadão*, uma vez que cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados aos quais responde em determinado campo da comunicação ideológica. Assim, no campo do discurso jornalístico, o ensino da leitura guiado pela estilística proposta por Bakhtin e o Círculo, contribui, significativamente, para desvendar os implícitos do texto e para mostrar como o ensino da leitura pode ser uma atividade motivadora e interessante na escola e além dela.

Seguindo os modelos adotados pelos Livros Didáticos, sistematizamos uma mesma proposta para o ensino da leitura, desta vez, com o gênero reportagem. Assim, seguimos os mesmos procedimentos de análise adotados com o gênero crônica literária. Inicialmente, realizamos uma leitura expressiva da reportagem, na busca por estabelecer contato com as valorações apresentadas pelo autor. Na sequência, fizemos descrição do texto, destacando os elementos e a forma de organização da materialidade discursiva, iluminados pelo estilo do gênero com ênfase nos tipos de discurso e no tom valorativo. Em uma terceira etapa, analisamos os dados evidenciados no projeto discursivo do autor, apontando as interpretações do texto situadas em um contexto sócio-histórico específico de produção da linguagem. A partir desse procedimento metodológico, elaboramos nossa proposta dialógico-discursiva para o ensino da leitura no Ensino Médio.

Vamos à descrição, análise e interpretação da reportagem *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade*.

⁴⁴ O AI-5 foi um decreto emitido em 13 de dezembro de 1968 pela Ditadura Militar, deliberando o fechamento do Congresso Nacional e permitindo a demissão de servidores públicos e a cassação de mandatos políticos. Foi o período mais duro do regime militar com censura à imprensa da época e a prática de prisão e tortura à oposição ao regime implantado pelas forças armadas brasileiras.

FIGURA 03 – Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade

Fonte: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690829-28954-nac-0014-999-14-not>>
Acesso em: 03/09/2020.

Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade⁴⁵

O 50.º transplante de rim, realizado na semana passada no Hospital das Clínicas, sob a direção do dr. Campos Freire, veio confirmar que o transplante desse órgão no Brasil está em pleno desenvolvimento, com uma sobrevida acima da média em todo o mundo. Dos 50 transplantados, 35 ainda vivem, sendo que muitos destes já estão há 4 ou 5 anos levando uma vida absolutamente normal.

Graças a esses sucessos todos, um numero cada vez maior de pessoas com doenças renais graves, algumas sem esperança de vida, está procurando o Hospital das Clínicas – que é o mais adiantado centro de transplantes, não só de rim, de todo o Brasil. Para o professor Campos Freire, este tem sido, realmente, um problema muito grave, uma vez que o numero de transplantes de rim que o Hospital das Clínicas pode fazer é bem limitado, pelo tempo e pelo espaço.

Esse problema levou os responsáveis por transplantes daquele hospital a criar uma comissão, constituída de 7 membros e que tem como presidente o próprio dr. Campos Freire, cuja única finalidade é a de selecionar os casos enviados para transplante renal. Assim, à medida que se vão dando as vagas, os transplantes vão saindo paulatinamente.

⁴⁵ Salientamos que a reportagem em tela foi transcrita conforme ortografia original.

E, também, não fosse esse mesmo problema e não haveria a necessidade de selecionar os candidatos a transplante por varios criterios de prioridade, entre os quais o de valor social. Esse criterio de seleção segundo o valor social do candidato não surgiu gratuitamente, mas como resultado da experiencia dos medicos. Um transplante - diz o dr. Campos Freire - não pode ser feito, pelo menos nesse estagio primeiro, em qualquer pessoa: é preciso que seja uma pessoa intelectual e socialmente em condições de entender aquilo que foi feito nela, para comparecer com frequencia ao HC.

Um caso acontecido antes que essa comissão de seleção fôsse criada é realmente significativo. Um paciente fôra transplantado e evoluia muito bem. Para comemorar o sucesso, uma festa no sitio onde trabalhava. E, para demonstrar que estava "nôvo em folha", o transplantado passou a noite inteira toureando bezerros, sob os aplausos e vivas dos seus convidados.

- Já imaginou o risco que essa pessoa correu, tendo no abdomen um rim transplantado? Uma só cabeçada do bezerro e a morte seria certa.

A verdade atrás disso é que o tal "toureador" não tinha condições quaisquer nem para entender a gravidade da intervenção que lhe havia sido feita. Por outro lado, há o problema das drogas que os pacientes têm de tomar. São drogas bastante caras ainda. Espera-se, até, que o govêrno federal atenda o apêlo do Clube dos Transplantados, presidido por Valter Mendes de Oliveira: ele quer isenção dos impostos que pesam sobre a importação de "Imuran". Anteontem, o ministro Delfim Netto já determinou providencias nesse sentido. Essa droga, que só é feita na Inglaterra, custa, no momento, 5 cruzeiros novos cada comprimido. Se o governo atender a esse apelo, a droga deverá custar bem menos, por volta de 1,50 cruzeiro novo.

Como o numero de pacientes transplantados é grande e como precisam tomar a droga, intermitentemente, para evitar o problema da rejeição, os gastos com tais comprimidos importados aumentam a cada nôvo transplante realizado.

Legislação

Afora o problema da falta de tempo e espaço com que luta o HC – o dr. Campos Freire sugeriu a criação de um Hospital de Transplantes de Rim exclusivamente - a ausencia legislação federal, que regulamente o assunto dos transplantes e os facilite, pesa ainda sobre todos os cirurgiões brasileiros.

Recentemente, os médicos Campos Freire e Jesus Zerbini estiveram na Guanabara liderando uma comissão de cirurgiões, a fim de dar sugestões sobre a matéria. Estas sugestões foram levadas ao ministro da Saude, para serem encaminhadas ao presidente da Republica. Na verdade, é uma lei, que para a ser posta em vigência só necessita a sanção presidencial, e cuja elaboração, pelos medicos do H. C., levou 5 anos.

Essa lei permite que os transplantes possam ser feitos sem o constrangimento que ainda existe no momento. Essa é a razão pela qual sómente no Hospital das Clínicas estão sendo feitos transplantes. Muitos rins retirados no HC poderiam ser aproveitados em outros hospitais, por pacientes que estejam sendo atendidos por grupos competentes de médicos. Mas isto não está sendo possível, exatamente porque não existe uma legislação que permita a retirada de um órgão num hospital e a remessa para outro.

Envio de órgãos

Se o envio de órgãos para outros hospitais fôsse possível no Brasil, o exemplo dos Estados Unidos podia ser seguido, com benefícios para pacientes e para o próprio processo da medicina de transplante. Nesse caso, haveria então, como na América, uma espécie de banco de órgãos. Nêsse banco, os órgãos seriam estocados e conservados – prontos para uma transplantação.

Na Universidade de Richmond, Virginia, o dr. Yume tem um centro de transplantes funcionando com um cérebro eletrônico, que faz comunicação instantanea com todos os hospitais num raio de 500 km. Nesse centro, é retirado um ou dois rins de um paciente, que é tipado. Se os rins não servirem para nenhum paciente ali internado, faz-se a comunicação com outros centros. Imediatamente, os rins são conservados em camaras especiais e enviados depois ao hospital necessitado. Na Europa existe também algo semelhante, o Eurotransplante, cuja sede é em Amsterdam. No Brasil, êsse centro seria em São Paulo.

Em nosso Pais, sómente em São Paulo no Rio de Janeiro são feitos transplantes. No Paraná, está-se formando uma equipe para transplantes de rins, chefia da pelo dr. Atila Rocha. Essa equipe costuma vir a São Paulo frequentemente. Sempre que há um transplante de rim a ser realizado pela equipe do dr. Campos Freire, os cirurgiões paranaenses são avisados. Até á noite, de avião, êles têm vindo, a fim de

assistir e estudar o transplante. Curitiba, então, será próximo centro de transplantes do Brasil.

A rejeição

Em grande parte, o sucesso dos transplantes de rim se deve ao fato de que a rejeição do órgão transplantado pode ser evitada, salvando-se a vida do paciente. Dois são os tipos de rejeição, não apenas no caso de transplante de rim: a rejeição aguda, que aparece depois do 5º dia e que, no caso do rim, os médicos sabem não somente como diagnosticá-la, combatê-la mas, muitas vezes, até como preveni-la; e a rejeição tardia, que pode aparecer 2 ou 3 anos depois do transplante. Essa rejeição tardia, provavelmente, foi aquela que matou o dr. Blaiberg. A rejeição que leva á morte do paciente não acontece no transplante de rim. Já houve casos de os médicos do HC terem removido, após 3 anos, o primeiro rim transplantado e colocado no paciente um novo rim.

No caso do rim, há máquinas que permitem manter o paciente vivo no caso de rejeição. Essa máquina chama-se diálise. No caso do coração, quando sobreveem a rejeição, há a parada cardíaca e o paciente morre. Por isso é que os médicos não se atemorizam com as consequências da rejeição do rim transplantado. Se isto acontece, êles retiram o rim "expulso" e mantem o doente vivo com a diálise que realiza todas as funções purificadora do rim. Então, quando aparece o doador certo, é feito um segundo transplante.

Posição do Brasil

Segundo o dr. Campos Freire, a posição do Brasil em transplante é muito boa em relação a outros países. Ainda recentemente, o dr. Yume, chefe do centro de transplantes mais adiantado do mundo, esteve em São Paulo e convidou o médico Campos Frei para fazer uma serie de conferências na Universidade de Richmond. Pediu, Inclusive, que o cirurgião brasileiro levasse para lá o filme do cineasta Benedito Duarte sôbre os transplantes de rins, "que êle achou muito bom". Do ponto-de-vista laboratorial, todavia, e só nesse ponto, o Brasil ainda precisa muita coisa.

Atualmente, no Hospital das Clínicas, há 5 doentes esperando para receber novos rins. Ainda outros 20 estão incluídos no programa de transplantes daquele hospital. Mas não será possível atender a todos. Por isso, muitos dêstes morrerão.

A comissão de seleção do HC não está aceitando doadores voluntários. Só aceitam doadores familiares. Os estranhos geralmente se apresentam – a experiencia assim tem demonstrado - com intuito financeiro. O dr. Campos Freire tem várias cartas de indivíduos dispostos a ceder um dos rins. Mas para isso pedem milhões de cruzeiros.

Como se observa, mesmo em uma leitura apressada, a escrita de algumas palavras na reportagem (especialmente no que diz respeito à acentuação) difere da forma como as produzimos atualmente, assim como outros enunciados que reelaboramos e reacentuamos. Estamos em 1969, em pleno domínio do exército brasileiro sobre a nação, que iniciara mesmo antes do golpe militar em 1964. A reportagem *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade* revela peculiaridades dessa época, como observamos nas análises que se seguem.

O título em tom de alívio vem acompanhado de um subtítulo em tom comemorativo e otimista quanto ao desenvolvimento do transplante de rim em território nacional. No interior da reportagem, o jornalista apresenta os avanços dos transplantes de rim realizados no Brasil, especificamente no Hospital das Clínicas de São Paulo. A reportagem se constitui uma réplica à comunidade médica e à elite da época.

No entanto, já nas primeiras linhas do texto, quando ainda se parecia comemorar o sucesso da intervenção renal pelo aumento de pacientes que procuravam o Hospital das Clínicas (referência no tratamento na época), ressoa a voz de um especialista para enunciar que essa busca pela cura é um problema.

Por via indireta, esse discurso de autoridade levanta o problema no aumento dessa demanda pelo limite de pacientes para transplante de rim que o hospital comportava. Apesar de soar como uma quebra de expectativas, a fala de um conhecedor no assunto parece pertinente para a continuidade do sucesso no número de transplantes realizados pelo hospital. Foi criada, então, uma comissão “médica” para resolver o problema, selecionando os pacientes e continuar “*dando as vagas*” para transplante.

Segundo o autor do texto, “E, também, não fosse esse mesmo problema e não haveria a necessidade de selecionar os candidatos a transplante por varios criterios de prioridade, entre os quais o de *valor social*.” Isso mesmo, para ter a oportunidade de se submeter a um transplante de rim no Hospital das Clínicas em São Paulo em 1969 o

candidato, paciente (“não cidadão”) precisava preencher o requisito de valor social. Com discurso direto, o médico, referido em todo o texto como doutor (“dr.”), explica o tal critério: “Um transplante - diz o dr. Campos Freire - não pode ser feito, pelo menos nesse estagio primeiro, em qualquer pessoa: é preciso que seja uma *pessoa intelectual e socialmente em condições de entender* aquilo que foi feito nela, para comparecer com frequencia ao HC.”

As passagens do texto resgatadas até aqui evidenciam o posicionamento axiológico do sujeito autor com relação ao outro e ao contexto sócio-histórico e cultural de sua produção discursiva. Os limites de tempo e espaço para realização das cirurgias renais podem revelar a falta de investimento dos militares (governo na época) na saúde. Além disso, que tipo de pessoa atenderia ao critério estabelecido pelo hospital para realização do transplante? Os ricos e instruídos. O discurso direto do “dr. Campos Freire”, nome de referência destacado em toda a reportagem, explicando que a intervenção cirúrgica não é para “qualquer pessoa”, possui um tom persuasivo, afinal é o discurso de uma autoridade no assunto.

A seleção de pacientes também é justificada pelo “caso acontecido” com o “tal ‘toureador’” que “não tinha condições quaisquer nem para entender a gravidade da intervenção que lhe havia sido feita”. Essa situação é reforçada com o discurso direto persuasivo da autoridade médica: “- Já imaginou o risco que essa pessoa correu, tendo no abdomen um rim transplantado? Uma só cabeçada do bezerro e a morte seria certa.” Os discursos alheios convocados para o enunciado coadunam com o projeto discursivo autoral a fim de compor um todo enunciativo.

Assim, percebemos que o público com acesso à saúde e à educação na época (como vimos nas análises de crônica de Paulo Mendes Campos) era, de fato, bastante seleto. O conceito de cidadania ou era vista como algo abstrato, do mundo das ideias ou simplesmente não existia. Parece até que éramos inquilinos de um país dos outros. A reportagem, com seus vários subentendidos, reflete e refrata esse período sombrio a partir das relações valorativas do autor com o conteúdo e com seu destinatário. Isso mostra como o ensino da leitura do gênero reportagem, iluminado pelo estilo em Bakhtin e seu Círculo, possibilita uma leitura mais apurada do texto.

No fluxo da comunicação discursiva, a relação com o outro e com a situação extraverbal constituem o enunciado, determinando as ressonâncias dialógicas emitidas pelo texto. O “apelo do Clube dos transplantados” ao governo federal mostra uma aparente isenção do regime político da época com a questão dos transplantes, um

posicionamento reforçado pela voz autoral em “Como o numero de pacientes transplantados é grande e como precisam tomar a droga, intermitentemente, para evitar o problema da rejeição, *os gastos com tais comprimidos importados aumentam a cada nôvo transplante realizado.*”

A reportagem também se dirigia a um público exclusivo, com condições econômicas e ‘intelectuais’ para adquirir o exemplar de um dos jornais impressos mais influentes da época. O papel social de informar não exime o jornal, e o jornalista, de demonstrar suas posições ideológicas em um contexto sócio-histórico do mundo da vida, já que não há neutralidade na linguagem e que pensamos através de enunciados, elos de uma corrente comunicativa ininterrupta. Além disso, como todo gênero, a reportagem apresenta *determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais* que a integram.

Ao longo do texto, vamos observando as regularidades e singularidades na constituição da reportagem em tela. O tom emotivo-volitivo da voz autoral é de consenso com a temática apresentada e com o posicionamento valorativo dos ‘responsáveis’ pelo transplante de rim, corroborando o pensamento ideológico da imprensa e dos leitores na época, pois “Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral.*”, (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205), ou seja, ela é orientada tanto pelo falante quanto pelo auditório social.

A reportagem é composta por seções breves - *Legislação, Envio de órgãos, A rejeição, Posição do Brasil* - que legitimam o conteúdo temático e o estilo estampados no enunciado. Na seção *Legislação*, o jornalista salienta que a falta de regulamentação dos transplantes de rim é mais um problema enfrentado pelos *cirurgiões brasileiros*, impedindo que o órgão retirado em um hospital possa ser aproveitado por outro. Mais uma vez a voz do autor obscurece, dialogicamente, as necessidades e dificuldades dos pacientes, pondo em evidência a *competência* do grupo de médicos pelos quais estão sendo atendidos.

Quinze dias após a publicação dessa reportagem, em 14 de setembro de 1969, O Estadão divulga a carta de um leitor, médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ressaltando a contradição do jornal ao dizer que “sómente no Hospital das Clínicas estão sendo feitos transplantes”, quando em 04 de agosto de 1968, o mesmo periódico noticia que a “Beneficência Portuguesa faz transplante”. Não é nosso interesse realizar uma análise mais precisa da carta, que está recheada de elogios à Beneficência Portuguesa e, especialmente, à equipe médica ‘especializada’

nos Estados Unidos e na Europa. Lançamos mão desse fato no intuito salientar as vozes que ocupam o espaço discursivo do jornal na década de 1960 e, conseqüentemente, os posicionamentos ideológicos que circulavam na sociedade da época.

Na seção *Envio de órgãos*, o autor se reporta aos *Estados Unidos e à Europa* como *exemplos* para o Brasil, “Se o envio de órgãos para outros hospitais fosse possível”. Virginia (nos Estados Unidos) e Amsterdam (na Europa) “tem um centro de transplantes” que “No Brasil, esse centro seria em *São Paulo*”, valorado, no decorrer da reportagem, como referência nacional para outros estados brasileiros. Durante o Regime Militar no Brasil, as forças armadas buscavam seguir os modelos norte-americanos e europeus. A elite militar acreditava que os Estados Unidos era um grande modelo para o resto do mundo. A música *Copacabana Beach* (de Armando Cavalcanti/ Klécio Caldas), gravada em 1958 pela cantora Dalva de Oliveira, retrata um pouco essa realidade. Nesse sentido, percebemos uma repercussão ideológica do contexto de produção, circulação e recepção na arquitetura do enunciado em análise.

Na seção *A rejeição*, o sujeito autor reforça “o sucesso dos transplantes” realizado pela equipe médica do Hospital das Clínicas, que pode evitar a rejeição do órgão e, até mesmo, “preveni-la”. Por fim, o autor destaca a *Posição do Brasil* em relação a outros países que, segundo o enunciador “é muito boa”, pois o parâmetro utilizado para essa avaliação veio do “chefe do centro de transplantes mais adiantado do mundo”, nos Estados Unidos. Ironicamente, o país que ocupava uma ‘boa’ posição no cenário mundial de transplantes de rim na época era o mesmo que tinha *apenas* “cinco doentes” aguardando transplante, vinte incluídos “no programa de transplantes” e “muitos destes morrerão”.

Em toda a reportagem atuam forças centrípetas com o propósito de monologizar enunciado, com tom emotivo-volitivo de comemoração e consagração e com o tipo de discurso escolhido na narrativa, e forças centrífugas, revelando sentidos outros de uma língua dinâmica, sócio-historicamente situada e, por natureza, dialógica. O estilo do texto busca atender a expectativa de leitura de seus interlocutores presumidos, inseridos em uma situação comunicativa imediata. Retomando Bakhtin (2013b, p. 221), ao defender o caráter bivocal da língua, através de análises da obra de Dostoiévski, o filósofo acentua que “Esse traço comum consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para suas próprias intenções”. Esses fenômenos da vida do enunciado são fundamentais para uma compreensão responsiva ativa.

Por isso, no ato de ler, estabelecemos relações dialógicas com o autor, seu horizonte social e a materialidade linguístico-discursiva, entendendo o enunciado como uma réplica a outros já-ditos ou que ainda estão por dizer. Aos fatos a que se reportam inserem-se um viés valorativo, apresentados sob a ótica do enunciador. Assim, ler é um exercício de diálogo incessante que ultrapassa as fronteiras da materialidade verbal para desvendar o dito e, principalmente, o não-dito.

O estilo narrativo da voz autoral em discurso indireto, que se pretende neutro, consiste em uma estratégia discursiva do autor que organiza a estrutura sintática, estilística e composicional do enunciado para inserir a palavra alheia. Segundo Bakhtin (2011c, p. 289), “Nos diferentes campos de comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vários e grau vários de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível”.

A ênfase valorativa visa construir uma verdade (ou verdades), uma realidade absoluta sobre os fatos narrados, fruto de uma avaliação social do autor. Conforme acentua Puzzo (2011, p. 1520), “A objetividade da informação pregada pela imprensa cria a ilusão de isenção total na apreensão e na transmissão das notícias”. Mas, em todo ato de linguagem assumimos uma posição ideológica frente ao mundo da vida.

Percebemos os aspectos relativamente estáveis da reportagem, mas apontamos para as características singulares do enunciado, o elemento mais importante para a filosofia da linguagem de natureza bakhtiniana (SOBRAL, 2009a). O estilo e a composição empregados pelo repórter se encarregam de evidenciar essa singularidade, enfatizada pela entonação que organiza a construção do sentido do enunciado. Desde o título, a reportagem apresenta um enfoque subjetivo com tom valorativo no alcance do número de transplantes, uma entonação orientada para atender à demanda comercial do jornal na época. As inflexões valorativas do autor refletem as flutuações do gênero na esfera discursiva em que ele circula.

Assim, nossas análises já se configuram como um modo dialógico de ler, iluminado pelas reflexões sobre estilo encontradas na Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e o Círculo, que nos conduzem a uma compreensão responsiva mais ampla do conjunto do enunciado. As valorações individuais do leitor no processo de compreensão geram outras possibilidades de leitura, outros modos de ler que tem seu limite de interpretação imposto pelo próprio texto. (ALMEIDA, 2013b).

Para concluir nosso repertório de análises, adotamos mais um gênero discursivo reportagem. *A mulher que alimentava*, publicada pela *Revista Época* em 16 de agosto de 2008, é uma reportagem produzida por Eliane Brum com registros fotográficos de Marcelo Min. A repórter nos conta os últimos 115 dias da vida de Ailce, uma merendeira de escola, com muita leveza e eficiência. Os momentos finais da vida da personagem foram expressos por uma sensibilidade e delicadeza estilística singular. Uma representação literária da vida real que nos levou à escolha desse texto.

O subtítulo da reportagem *ÉPOCA acompanhou os últimos 115 dias da vida da merendeira Ailce de Oliveira Souza, morta há um mês* enuncia a representação dos jornalistas na cobertura desse evento do existir. Há um endereçamento que, junto à voz autoral, orienta a estrutura estilístico-composicional do enunciado. A *Revista Época*, conhecida em todo território nacional, concorre com periódicos impressos e digitais que circulam em diversas mídias sociais, cada um deles empenhado em alcançar o maior público possível.

Nessa empreitada, tendo em vista seu papel social de comercialização da informação, a revista busca satisfazer as expectativas do público leitor na procura por textos criativos que rompem com os padrões estruturais do gênero. A linguagem se esforça para acompanhar tantos avanços tecnológicos neste nosso século que parecem parados no tempo quando se trata da cura do câncer. Aliás, só alguém com muita sensibilidade para tratar de um assunto tão delicado, com pessoas anônimas e extrair, desse contexto, reportagens memoráveis.

Eliane Brum é essa jornalista extraordinária. Filha de professores e apaixonada pelos livros desde a infância, Eliane optava pela produção incomum, sempre fugindo dos padrões jornalísticos, revelando um estilo que se escreve com a alma. Já no início de seu estágio, em uma redação de jornal, escrevia histórias formidáveis encobertas pela normalidade da vida. Para isso, as relações intersubjetivas vividas pela autora, ao longo de sua vida, foram determinantes. A paixão por contar histórias surgiu no final do curso de jornalismo (na PUC), aprendizado que a autora atribui ao professor Marques Leonam, um divisor de águas na vida de Eliane.

Além disso, as inúmeras narrativas lidas desde menina, as memórias da família preservadas pelo pai e, especialmente, as conversas com a avó materna, que gostava de lhe contar, reiteradamente, as histórias de *Pedro Malazarte*, (KOTSCHO, 2006), definiram o posicionamento ético e estético da autora. A sensibilidade com o tema, a

empatia com sua fontes e a escrita magistral (RECH, 2006) conferiram aos textos de Eliane um estilo excepcional.

As matérias notáveis sobre pessoas anônimas produzidas para o Jornal Zero Hora (em 1998) compõem agora a coletânea *A vida que ninguém vê* (2006), reconhecida com o Prêmio Jabuti 2007, obra, aliás, que indicamos para as práticas pedagógicas de ensino da leitura nos três níveis do Ensino Médio. Esse *jornalismo literário* (LIMA, 2014) adotado por Eliane Brum, apesar da resistência de alguns críticos brasileiros em reconhecer nele qualidade literária, nos revela uma matéria criativa e com expressividade à flor da pele, que, às vezes, se confunde com a crônica, como a que apresentamos a seguir.

Com poesia, metáforas e muita sensibilidade, vamos conhecer a história de Ailce sob a ótica e a moldura estilística da repórter Eliane Brum.

FIGURA 04 – A mulher que alimentava



Fonte: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10410-15257,00-A+MULHER+QUE+ALIMENTAVA.html> > Acesso em: 05/06/2020.

A mulher que alimentava

ÉPOCA acompanhou os últimos 115 dias da vida da merendeira Ailce de Oliveira Souza, morta há um mês

Eliane Brum e Marcelo Min (fotos)

FIGURA 05 - Sem tempo

Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

A doença surpreendeu Ailce quando ela acreditava estar mais perto de seus sonhos.

Como a maioria de nós, ela descobriu que adiara demais

“É tão estranho”, ela diz. “Passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado”.

Ela está intrigada com essa traição da vida. Sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. E agora a morte chegava exigindo metáforas.

Lá fora faz sol, e os vizinhos vivem na primeira parte do poema de Manuel Bandeira. *Quando o enterro passou/Os homens que se achavam no café/Tiraram o chapéu maquinalmente/Saudavam o morto distraídos/Estavam todos voltados para a vida/Absortos na vida/Confiantes na vida.* Lá dentro, sentadas uma diante da outra, eu e ela vivemos o segundo ato. *Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado/Olhando o esquife longamente/Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade/Que a vida é traição.*

Ailce nunca deixou de se sentir traída por “essa doença”, como se expressa na maior parte das vezes, ou “o tumor”. Não pronuncia a palavra câncer. Quando nos conhecemos, em 26 de março, faz quase um ano que sua pele amarelara e ela se enchera de náuseas. Ailce se revolta contra Deus. É dele a traição.

Seu câncer é uma pedra no meio do caminho das vias biliares. O tumor obstrui a passagem e, sem ter por onde escoar, a bile é lançada no sangue, e a deixa inteira amarela. Quando ganha essa cor solar, Ailce ainda não tem 66 anos. E acredita viver o melhor tempo de sua vida. “Sem filhos, sem marido, aposentada, livre”, diz. Ela planeja conhecer as obras de Aleijadinho, nas cidades históricas de Minas Gerais, e a Espanha dos filmes de Sarita Montiel. Quando a paisagem passa veloz pela janela do ônibus, sente que está indo para um lugar que sempre quis, não importa o destino. “Você já reparou como a gente muda quando viaja? Parece que me liberto de tudo”.

Ailce anda de ônibus por todo lado, dança em bailes da terceira idade, vive um romance com um homem mais jovem. “Você acredita que, quanto mais eu danço, mais tenho vontade de dançar?” Ela dança sozinha pela liberdade de rodopiar pelo salão sem que ninguém a conduza. Sempre quis conduzir ela mesma sua vida. Escolhe seus passos no salão de baile enquanto suas células a traem no silêncio de seu corpo.

Se câncer é a palavra que não diz, liberdade é a palavra que repete. Ailce está presa, literalmente. Sua vida depende de duas mangueiras fincadas dentro dela. Elas drenam a bile para fora de seu corpo. O líquido amarelo escoar em dois recipientes de plástico que ela carrega numa sacola de supermercado nas andanças dentro de casa, numa bolsa decorada com as princesas da Disney quando passeia. Um dia um segurança olha feio para sua bolsa achando que ela está furtando produtos da prateleira. E devagar Ailce vai deixando de sair. Desliga a música dentro de casa. E não dança mais.

Estar presa a horroriza. Passou a vida esperneando para escapar de uma prisão metafórica. E agora está amarrada não aos fios invisíveis que a ligam às convenções do mundo, como a todos nós, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o rio poluído de seu interior. “A gente não vale nada. Olha o que sai de mim”.

Quando entrou na sala de cirurgia, achava que faria apenas um exame complicado. “Lembro que o médico cantava pra me acalmar. Não lembro a música. Eu dormi com a anestesia e quando voltei estava numa maca, no corredor. Eu sentia um frio muito grande. Tremia. Vi os drenos e descobri que estava presa”.

Ela logo descobre que sou um terceiro fio na vida dela. Ela nunca tinha falado muito de si mesma. Desse dreno de palavras ela gosta. “A gente fica guardando coisas por toda a vida. Quando eu falo, parece que elas vão se soltando dentro de mim. Me liberto”.

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dá um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o Pico do Everest, nem desvendou a espiral

do DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu.

Na narrativa de sua história, ela começa a decifrar pequenas singularidades despercebidas numa existência em que o tempo foi devorado em turnos de trabalho. Ailce percebe que não há como dar sentido à morte, mas ela pode dar sentido à vida. Só assim poderá suportar a superfície fria de um fim que já toca com as mãos. Para viver tão perto da morte, ela precisa adivinhar a tessitura da vida. Do contrário, só lhe restam aquelas mangueiras sintéticas.

Ailce sempre desejou se “libertar” e, como muitos de nós, nunca conseguiu definir muito bem de quê. “Eu gosto de ir pra frente”, diz. Descobre então que terá de enfrentar não a Medicina, mas a Poesia: *Temos, todos que vivemos/Uma vida que é vivida/E outra vida que é pensada/E a única vida que temos é essa que é dividida/Entre a verdadeira e a errada.*

Intuitivamente ela sabe que sua sanidade depende de enfrentar o caos da vida, mais do que o da morte, que é só um ponto final em geral improvisado. E então, com esforço e não sem sofrimento, ela poderá se reconciliar com os pontos soltos, os padrões interrompidos, as costuras tortas da trama do vivido. Para ela, o mais difícil é aceitar que alguns bordados ficarão por fazer. Ou, pior, serão tecidos sem ela.

Ela é a quarta filha de nove, a penúltima com o nome iniciando por “a”. Ailton, Amilton, Adailton, Ailce... “Eu sentia falta de espaço, de um canto só meu”. No final de sua vida, ela tem não apenas um canto, mas uma casa só sua. Ampla, dois andares, é a encarnação em concreto de seus esforços. Pela casa ela sacrificou muito. Mas quando adoeceu descobriu que a casa transformara-se numa prisão. Agora quer se libertar da casa. Mas, a cada semana, a cada mês, seu espaço encolhe. Primeiro, o portão da rua marca a fronteira de seu mundo. Depois, a porta da frente. Em seguida, seu território é circunscrito ao 2º andar. E, por fim, tudo o que tem é o quarto.

Ailce então fecha a janela na cara do sol e não sai mais da cama. Nessa época, ela descobre que é possível viver na memória. E refaz o itinerário de sua vida. Ela nascera em São Romão, cidadezinha mineira forjada em histórias de sangue. E sua infância cabia num vão entre a largueza do São Francisco e um riacho de nome Escuro, que banhava a fazenda da família. Crescera cercada de água por todos os lados, mas tinha medo de nadar. Seu pai havia sido capitão de porto, delegado de polícia, juiz de paz. Sua mãe fora uma mulher forte, que fugira do primeiro casamento, aos 13 anos,

com a pequena Maria pela mão. Mantinha a casa e os filhos asseados, as toalhas bordadas bem alvas, a cozinha mergulhada numa névoa de vapores perfumados.

Essa memória olfativa feita de temperos, toicinho e doçura engendrada nas panelas da mãe acompanhou Ailce por toda a vida. Perto da morte tornam-se mais vivas. Quando as toxinas liberadas pelo tumor envenenam o corpo, e ela enjoa de tudo, lembra o feijão gordo, o pão de queijo, os biscoitos de polvilho. E sua boca castigada é afagada por uma saliva de infância. Ailce, que já não consegue comer, lambuza-se em banquetes de lembranças. Mais tarde, 18 quilos mais magra, e já sem forças para andar até o banheiro, ela ainda suspira por uma broa de dona Santa.

Ailce deixou a casa dos pais aos 18 anos. Diante de suas ânsias de mulher jovem, a cidade criara paredes. “Eu queria conhecer coisas novas”, diz. “Ser independente”. Escorregou no mapa e desembarcou em Guarulhos, São Paulo, na casa de um irmão. E de novo sentiu-se confinada. Mudara de geografia, mas não de sina, e para ela os 60 não foram anos loucos. Costureira, moça de fábrica, entre linhas, agulhas e bobinas teve as primeiras revelações sobre sexo, quando ao voltar da lua-de-mel uma colega relatou que não só doía como jorrava um líquido branco do membro do homem. Ailce arquivou a informação para não fazer cara de surpresa quando sua hora chegasse.

Nessa época, Ailce se apaixonou por um rapaz de olhos verdes, e ela, que sempre foi muito prática, deu para devaneios. Espremida na cama de armar que dividia com uma amiga, falava de amor e ria à toa. No sábado, anunciava: “Vamos ao baile de vestido novo”. Costurava então uma saia bem rodada para cada uma, orgulhosa da cintura de 54 centímetros. Muito mais tarde, Ailce vai esquecer os fios sintéticos fincados em seu fígado ao lembrar de seu vestido de organza azul. Mas o moço bonito não queria saber de casamento, e Ailce chaveou o coração.

Desde aqueles dias, Ailce jamais deixou de sair de casa impecável. “Ailce vem à consulta muito bonita, cabelos pintados, brincos, salto alto”, escreve a médica Maria Goretti Maciel no prontuário da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, em 2 de abril. Mais de uma vez Ailce entra no hospital com as pernas bambas, mas sobre saltos. E, quando ainda não pronuncia a palavra morte, usa a metáfora “cair”. “Eu não aceito cair”.

"Você acredita que, quanto mais eu danço, mais sinto vontade de dançar?"

Aos 23 anos, ela tomou uma decisão pragmática. Casou-se com um operário chamado Jaime, rapaz alinhado que não botava a cabeça fora de casa sem brilhantina, sem um lustro nos sapatos. “Eu queria ter uma casa só minha”, diz Ailce. “Ele era

honesto, trabalhador, andava de terno e gravata, tinha uma família boa. Casei”. Ailce não adivinhou que um moço tão distinto teria ganas de beber além da conta. Nem que uma parte do futuro seria gasta nas tribulações de mulher de alcoólatra. No caso dela sina ainda mais triste porque nada tinha da originalidade que planejara para si. Assinou o livro do cartório convencida de que romance era incompatível com a vida adulta. E essa foi sua primeira capitulação diante de seus sonhos.

FIGURA 06 – Do fim



Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>
Ailce no quintal de sua casa, em abril, um ano depois dos primeiros sintomas do câncer

Esse marido “era da raça de espanhol, tinha sangue quente”. E esse fogo acabou incinerando Ailce, que já casou com o primeiro filho aconchegado numa curva da barriga. Só mais tarde ela soube que havia um nome para o que sentiu quando Marcos nasceu de cesariana. “Eu não queria aquela vida, queria uma vida diferente”, ela diz. “Então rejeitei”. Ailce chorou, envergonhada de seus pensamentos. Só décadas depois, perdoou a si mesma ao descobrir que tivera uma depressão pós-parto, comum a muitas mulheres, e não uma crise existencial em que questionava o que fora feito de suas grandes esperanças. Quando as primeiras semanas viraram meses, foi tomada por um amor tão grande por aquele filho que, perto do fim, ainda acredita que ninguém cuida tão bem dele quanto ela.

Quando a segunda vida pediu passagem dentro dela, Ailce chorou de novo. O marido bebera demais e escalara a cama para deitar-se com ela. Ailce agarrou um cobertor e enrolou-se no chão. Sentia-se presa numa teia que não planejara tecer. “Chorei. Não era essa vida que eu queria pra mim”, diz. “Pensei então que meu bebê poderia ser uma menina e me acalmei”. Luciane nasceu miúda, alérgica a leite e com o

gênio forte das mulheres da família. Menina estranha, desde os 7 anos escondia-se na cama da mãe para não ser assaltada por coisas do outro mundo.

Esses dois filhos dão a Ailce as duas pontas com as quais ela amarra o final de sua vida. Marcos, funcionário de escola como ela, cuida das feridas do corpo. Aos 42 anos, é um homem quieto, que tranca as emoções em algum lugar entre o coração e o estômago. Ao entrar numa sala, ocupa um canto. Quando a mãe adoece, ele aprende a fazer os curativos e a limpar os drenos, administra seus remédios e prepara o café-da-manhã. Quando ela se torna mais fraca, passa a lhe dar banho. “Não fica com vergonha da mãe”, diz Ailce. “A mãe também deu muito banho em você”. É esse filho silencioso, com a coragem de enfrentar a carne da mãe, que transforma o horror da doença num carinho cotidiano. Pelo toque, ele torna possível para Ailce suportar um corpo em que a bile escorre no lado externo.

Ao igualar-se a um corpo infantil para vencer a interdição entre mãe e filho, Ailce assinala a perda do feminino nela. “O tumor me tirou tudo. Eu perdi peito, bunda, cintura, tudo”, diz. Ailce agora se preocupa cada vez menos com a nudez de um corpo que a trai de todas as maneiras possíveis. E que parece pertencer somente à doença.

A figura miúda de Luciane está sempre no centro. Como a mãe, ela encontra sentido na ação. Depois de crescida, apaziguou-se com o sobrenatural virando mãe-de-santo no candomblé. Luciane vasculhou a história da família e descobriu que a avó materna era cigana. No Rio de Janeiro, onde vive com o marido, Jorge, faz uma festa anual em homenagem a uma ancestral chamada Carmen que fala espanhol pela sua boca. Ailce aceita o mistério. E ela, que nunca aprendeu espanhol, conversa com a cigana como uma velha amiga.

Luciane dá à mãe essa dimensão mística da vida. Pelas mãos dessa filha ela encontra significados para um estar no mundo que para ela foi sempre tão concreto. Luciane lhe dá uma história que avança além da sua, e lhe dá um lugar nessa história. Perto do fim, sua pequena vida faz sentido numa trama maior. A cada novembro é ela quem acende a fogueira da ancestralidade, vestindo saias coloridas, e sua figura se reveste de uma solenidade que resiste ao comezinho de uma vida de cartão de ponto. Depois, ela rodopia ao som do violino cigano e ali, finalmente, apalpa com os pés no ar uma liberdade que até então ela só pressentira. E, por ter um passado antes do nascimento, terá um futuro depois da morte.

Do meu lugar de observadora de um quadro familiar, ora na cena, ora fora dela, me pergunto se esses filhos, cada um a seu modo, compreendem o tamanho do que dão à mãe. Ailce precisa do que cada um deles pode dar, até o fim.

Ela só descobriu o tumor quando foi enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, depois de enfrentar sete meses de tratamento em outro setor do hospital. Ailce suspeitava do diagnóstico, mas preferia não ter certeza. Na Enfermaria, a verdade a encurrala. “Antes, os médicos falavam lá na língua deles. Eu escutava a palavra tumor, mas não perguntava. No Paliativos, me contaram que eu tinha um tumor num lugar que não podia ser mexido. Fizeram um desenho. Eu pensei que faria quimioterapia e ficaria boa. Então disseram que eu não poderia fazer. Me revoltei. Achei que Deus não existia. Eu sempre quis ir além e agora não posso mais ir a lugar algum”.

Ailce conta – e imediatamente “esquece” o diagnóstico. Nas visitas seguintes, ela me testa: “Acho que não tem nada dentro de mim”. Ela deseja muito que eu confirme seu pensamento mágico. Nessas horas, eu sinto dor na garganta, pelas palavras que não posso pronunciar, mas que gostaria muito de dizer.

Incapaz de enfrentar meu silêncio, ela contemporiza. “Ainda bem que eu não tenho dor”. Lourdes, que limpa a casa, cozinha e cuida dela, a socorre: “Você não tem câncer. Eu tinha uma tia com câncer e ela gritava de dor. E tinha um cheiro tão horrível que ninguém chegava perto. Você não tem cheiro nenhum”. São duas mulheres sozinhas na casa – e uma delas tem uma sentença de morte. Elas me observam com o canto do olho, temerosas de que eu desmanche com palavras o frágil equilíbrio de seu milagre.

É início de abril, e Ailce está feliz porque o apetite voltou. É resultado do tratamento paliativo, que ameniza os sintomas. “Repeti o prato na hora do almoço”, anuncia. Ailce mima suas orquídeas, conversa com as plantas, comparece às festas de família, quer comprar roupas novas. Suspira por atos banais, mas que agora se enchem de raridades: um banho de chuveiro sem preocupação com os fios; dormir de bruços, que já não pode mais. Ailce vive dias ensolarados. Está comendo, está curada.

E eu também preciso comer. Ela não permite que eu saia de sua casa sem antes repetir o bolo. Criada no interior, esse é um ritual que compreendo. Só mais tarde percebo que, para Ailce, oferecer comida é a chave de uma vida. Ela tornou-se merendeira de escola depois de passar num concurso público com nota 9,5. Por 27 anos ela alimentou crianças carentes. Na segunda-feira, acolhia-as com uma caneca de leite, para que tivessem forças de entrar na sala de aula. Era dela a missão de mantê-las

vivas, era ela quem operava o milagre de fazer crianças quase desmaiadas correr pelo pátio.

Ailce adorava isso. Seu pai queria pagar seus estudos de professora, ela não quis. Queria ser enfermeira, não conseguiu. Encher a barriga de crianças famintas emprestava grandeza a sua vida. “Nunca cheguei atrasada, trabalhava doente porque precisavam de mim. Eu fazia sopa, leite com cacau, sagu. Às vezes, fazia seis caldeirões de 40 litros. E as crianças comiam tudo, com tanto gosto. Ficavam sábado e domingo sem se alimentar e na segunda-feira muitas desmaiavam. Eu não podia fazer nada fora da escola, mas dentro elas comiam à vontade”.

Antes de ser enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, um médico, sem coragem de contar a ela a verdade, lhe disse: “Você precisa comer bastante para ganhar peso. Então, quando estiver mais forte, vamos operá-la”. Ele não sabe o que fez. Comer, ficar forte e melhorar é o mantra de Ailce. Entre um médico que lhe acenou com a possibilidade de cura e todos os outros que só têm a verdade para dar, é óbvio que ela acredita no primeiro.

Em meados de maio, Ailce piora. Os enjôos retornam, a comida não passa na garganta. A equipe de visita domiciliar do Serviço de Cuidados Paliativos é cada vez mais assídua. Desentope os drenos, faz curativos, resolve o que é possível para que Ailce não gaste seus dias no hospital. Os medicamentos são substituídos em consultas ambulatoriais, mas ela está numa fase crítica. O desespero por não conseguir comer a consome, pede às médicas que lhe dêem remédio “para abrir o apetite”. Mas nenhuma comida é preparada do jeito que ela instruiu, não há tempero que não se torne amargo em sua boca. Culpa então a mulher que ocupa seu lugar na cozinha por não conseguir fazer por ela o que passou a vida fazendo pelas crianças desmaiadas. Na intimidade da casa é um tempo de grandes dramas para as duas mulheres. Ailce está num lugar insuportável: ela, que sempre alimentou a todos, morrerá porque não consegue comer.

Ailce mede 1,40 metro, mas briga como se tivesse tamanho de jogadora de vôlei. Em junho, é difícil para ela botar uma perna na frente da outra. Mas caminha. Tremendo, cheia de fúria. “Tira a mão do meu braço que eu ando sozinha”, diz. “Mas a senhora cai”, preocupa-se a filha. “Não caio”. A filha tenta lhe dar café. Ela fecha a boca. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba, mas é ela quem segura a xícara. Pergunto porque isso é tão importante. “Eu tenho de ser eu”, diz ela.

Nessa época, Ailce beira o impossível: tinha “esquecido” a doença, mas a doença não a esquecera. Culpa os médicos porque não vê “progresso”. A família cogita

consultar outros profissionais. Em seguida, desiste. Teme o que ouvirá no final da consulta.

Então a tempestade chegou. Na manhã de 19 de junho, depois de uma noite de sonhos desconstruídos, Ailce anuncia que quer morrer. Não acredito que queira. O que está dizendo, pelo avesso, é que quer viver. Do jeito dela, pede ajuda. Nos encontramos na lanchonete do hospital. Ela tem os olhos cheios de lágrimas, as mãos tremem. Duas desconhecidas lhe falam de Deus. Invocam o “deus do impossível”.

À espera da consulta no ambulatório, Ailce revolta-se: “Quero uma definição. Não vejo melhora. Por que não amarram isso dentro de mim?”. Ailce não só esquecera o que os médicos lhe explicaram muito tempo antes, como esquecera também o que havia contado a mim menos de dois meses atrás. Pela primeira vez, interfiro: “Fale tudo o que está sentindo nessa consulta. Tire todas as suas dúvidas”.

"A história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim?"

A médica abraça Ailce com carinho. O sol atravessa a janela e bate diretamente nas duas mulheres sentadas uma diante da outra, iluminadas como num palco. Ailce começa: “Eu não sei o que eu tenho”. Goretti Maciel responde: “Você não lembra a nossa primeira conversa?”. Ailce não lembra. “Eu lhe contei que tinha uma pedra no meio do caminho.” Ailce ouve a explicação de novo – e de novo seus olhos acompanham a mão da médica riscando no papel a arquitetura da morte dentro dela. Ela diz: “Mas não dá para pular aqui por cima e juntar aqui?”. Goretti diz: “Infelizmente não dá para fazer um viaduto”. Dessa vez, Ailce não recua: “Então não tem cura? Então isso vai até quando...”. E interrompe a frase.

Toca o celular da médica. A música é a trilha do filme *Missão: Impossível*. Ela desliga.

“Paliativo vem de palium, que quer dizer manto”, diz a médica. “É o que a gente faz aqui: jogamos um manto sobre a doença. O tumor vai lançando toxinas pelo corpo e isso provoca sintomas. Os medicamentos disfarçam os sintomas. Mas um dia não vamos mais conseguir amenizá-los. Quando esse dia chegar, meu compromisso é que a gente nunca vai abandoná-la. Vamos cuidar de você até o fim.”

Ailce deixa o consultório ereta, os olhos secos. Está de salto alto. Dessa vez, se apóia no meu braço. Mas ainda é ela: “Será que se eu engordasse um pouco não daria para fazer cirurgia?”. Desta vez, me sinto autorizada a falar: “Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Não é culpa sua. O tumor é que

está num lugar do qual não pode ser retirado”. Ela então me olha com a esquinha do olho e diz: “Acho que já tinham me contado. Mas não dá pra lembrar de tudo”.

Em julho, Ailce não sai mais da cama, nem mesmo abre a janela. Mergulhada numa escuridão que não depende da rotação do planeta, ela prefere deixar o sol do lado de fora. Usa fraldas porque não alcança o banheiro, tem frio mesmo quando faz calor. Mas ainda conta histórias e não me deixa sair de sua casa sem repetir o bolo.

Na segunda-feira 14 de julho, seu quarto tem cheiro de morte. E seu corpo parece menor sobre a cama. “Meu tempo está acabando”, ela diz. E eu sei que é verdade porque ela parou de brigar. A revolta se extingue dentro dela, a voz se suaviza. Quando ela toma água, ainda segurando o copo, o gosto é amargo. Ela sempre temera a dor, e a dor havia chegado. “Estou ferida por dentro. Sinto cheiro de podre.”

Ailce descreve todas as mortes da família. Do pai, que morreu em casa, da mãe, no hospital, do marido, de doença de Chagas, do irmão, num acidente. Depois desse inventário do fim, ela conclui: “Agora sou eu que estou no finzinho”.

À noite, a dor aumenta. Ailce pede à filha que chame o Preto Velho. Quando a entidade que assume muitos nomes nas religiões afro-brasileiras se manifesta, pela boca de Luciane, Ailce pede: “Me leva. Nada mais me prende neste mundo”. O Preto Velho brinca com ela. “Não é tão fácil assim, minha filha. No céu tem fila. Vou ver se consigo uma vaguinha para você cuidar das crianças”. Nesse contrato místico, Preto Velho promete a Ailce que a levará ainda naquela semana.

FIGURA 07 - Cenas do viver



Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

Ailce passou seus últimos meses circunscrita à casa que construiu com sacrifício. Às vezes, a casa se torna uma prisão, como na foto acima. Em outras, testemunha pequenas delicadezas, como nas duas fotos logo abaixo: a filha, Luciane, dança para a mãe num ritual cigano em sua homenagem, e Ailce cozinha para o único neto, Ramom

FIGURA 08 – Cenas do viver (Continuação)



Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

FIGURA 09 – Cenas do viver (Continuação)



Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

FIGURA 10 - Cenas do morrer



Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

Em 14 de julho, Ailce percebeu que seu tempo tinha acabado. No dia seguinte, foi levada ao Hospital do Servidor Público Estadual para morrer sem dor na Enfermaria de Cuidados Paliativos. Na foto acima, seu filho, Marcos, mostra a imagem da mãe num espelho. Abaixo, parentes e amigos contam histórias de sua vida

FIGURA 11 – Cenas do morrer (Continuação)

Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

Pensei muito em como descrever essa noite. Cheguei à conclusão que a morte é dela. Ailce tem uma fé bem ecumênica. Desde que adoecera, ela nunca recusou ajuda espiritual. Toda semana recebia hóstia de voluntárias católicas, e sempre abriu a porta para padre e pastor. Mas é quem ela chama de Preto Velho que a conforta na noite mais longa de sua vida. “Eu vou, mas volto”, diz. “Vou segurar sua mão e preparar um caminho de lírios pra você passar. Nós estamos velhinhos. Empresto minha bengala e meu banquinho. Quando eu cansar, você levanta e eu sento. Quando você cansar, eu levanto e você senta. Seu corpo está doente, sua alma está limpa. Você é uma flor”.

Na manhã seguinte, Ailce despede-se de sua casa. Desce a escada carregada, seus pés estão descalços e não mais encostam no chão. Lourdes soluça. E promete fechar bem a porta. A papagaia já não come. E o cachorro Dunga, chorando, se esconde dentro da casinha. Na despedida da mulher que a habitava, a casa parece agonizar.

No hospital, Ailce me pede que arranque suas meias do pé. “Não gosto de me sentir presa”, afirma. Ela está morrendo e suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa. Pergunta: “A história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim?”. Eu me acovardo: “Não sei”. Seus olhos amarelos me perfuram. “Não sabe?” Eu minto: “Acho que não falta mais nada”. Ambas sabemos que falta a morte.

Eu preciso dizer: “E é uma vida bonita”. Ela pede confirmação: “Você acha?”. Eu asseguro: “A senhora brigou pelo que queria, criou seus filhos, construiu sua casa, matou a fome de tantas crianças. A senhora viveu”. Ela conclui: “E nunca pedi nada para ninguém”.

FIGURA 12 - Morte

Fonte: <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-alimentava/>

Enquanto a filha lhe sussurra palavras de amor, ela fixa o olhar em sua última cena. Às 15h50 de 18 de julho, o tempo de Ailce acaba

Os remédios fazem efeito e ela escorrega para um sono tranquilo. A médica Veruska Hatanaka esforça-se para que ela não sinta dor, mas que consiga se despedir. É uma arquitetura química delicada. Luciane tem 40 graus de febre, Marcos traz a mulher para se reconciliar com a sogra. Ailce pergunta pelo único neto, Ramom. Às vezes, acorda para pedir água e faz questão de segurar o copo. “A água está mais doce agora”, diz. Ailce já não come. E isso não mais a machuca. Mas, ao abrir os olhos, tarde da noite, ela pergunta se eu comi.

Na quarta e na quinta-feira, Ailce quase só dorme. Ao redor dela se alternam os irmãos, os vizinhos, os amigos. Eles contam histórias da vida dela. Seu irmão caçula coloca uma mão grande sobre seu rosto e chora: “Eu te amo muito. Você quer que eu traga um café para você?”. Ela abre os olhos, balbucia: “Eu também te amo”. E volta a dormir. “A gente dormia na mesma cama de armar, na cozinha”, conta uma amiga. “Eu namorava um rapaz que era a cara do Elvis Presley e ela namorava o Maurício, um loiro de olhos claros”. Ri e chora. “Meu pai era muito apaixonado por ela”, diz Luciane.

Uma fotografia desse momento mostra Ailce na cama e a família ao redor. Há um movimento em cada um deles, nela nenhum. Eles falam dela, mas ela não está lá. Ailce se retira do palco, e a vida de todos seguirá sem ela. Fragmentos de sua vida esvoaçam a seu redor em forma de lembranças enquanto ela morre. Mas Ailce ainda escuta. Abre os olhos sempre que alguém pronuncia o nome do neto. E, quando ficamos sozinhas, eu digo: “Muito obrigada por ter me contado sua história. Eu vou escrever uma história linda sobre sua vida. E nunca vou me esquecer de você”. Percebo então que ninguém confiara tanto em mim. Muitas vezes eu fui a única testemunha de sua vida. Eu escreveria sua história, e ela estaria morta.

Na sexta-feira 18 de julho, Ailce desperta depois do banho. Está inquieta. É difícil entender o que diz. Pede água, mas agora é preciso umedecer um pedaço de gaze e colocar entre seus lábios. Já não há movimento nos drenos, seu corpo está parando de funcionar. Ailce se contorce, começa a arrancar a roupa. Fica nua. No final da manhã, a médica Juliana Barros a liberta dos fios sintéticos de sua vida, agora inúteis. Ailce finalmente está livre.

Quando os filhos chegam, Ailce os reconhece. Ela esperava por eles. Então volta a dormir. Às 15h50 ela abre os olhos de repente. Está lúcida. Enquanto seus olhos erram pelo quarto, Luciane diz: “Vamos dançar, mãe. Vamos botar nossa roupa pra gente dançar. A senhora está linda vestida de cigana. Já curou, mãe. Não tenha medo, eu estou segurando a sua mão. Vou lhe ajudar a atravessar. Está todo mundo esperando pela senhora. Eu te amo tanto, mãe. Muito obrigada por tudo”.

A filha desenha com pétalas brancas o contorno do corpo da mãe. O olhar de Ailce é de infinita tristeza. Seus olhos vagam pelo quarto e se cravam na câmera. E sua respiração apaga devagar.

Com tom emotivo, o título da reportagem ***A mulher que alimentava***, seguido do subtítulo ***Época acompanhou os últimos 115 dias da vida da merendeira Ailce de Oliveira Souza, morta há um mês***, grafados em negrito, convidam o leitor para conhecer a história da merendeira que passou a vida alimentando crianças para não caírem de fome e que agora morreria por não conseguir se alimentar por causa de um câncer. Ailce lutava para “ser ela mesma” e não “cair”. Este texto certamente causaria muita comoção na sala de aula, com contribuições marcantes para o ensino de leitura.

A qualidade literária da reportagem de Eliane Brum nos assegura que estamos diante do jornalismo literário, mencionado na abertura deste capítulo. Com uma estética bem peculiar e sensível às questões humanas, “O texto bonito serve também para que o leitor aprenda um pouco mais sobre o mundo e os seres humanos, quando se depara com uma boa matéria que desvende o significado das coisas.” (LIMA, 2014, p. 22). A narrativa dos últimos dias de vida de Ailce nos faz refletir sobre a fragilidade humana e sobre o que fazemos com o tempo que nos foi destinado para Viver.

A reportagem inicia pelo reconhecimento do fim. O tempo de Ailce havia acabado, justamente quando ela pensava que iria começar, depois de estar presa ao relógio “batendo ponto” por anos. A vida a havia traído. Como na poesia de

Drummond, havia uma pedra no meio do caminho, a qual evitava chamar de câncer. Preferia reverenciar a liberdade vivida na infância, na juventude, nas viagens, na dança, porque agora estava presa à doença, ao dreno, à repórter que conta sua história com as metáforas que a morte exige, cuja principal personagem jamais a lerá.

Com a história sobre seu ‘canto’, suas memórias, seu amor, sua decepção, seus filhos, “sua verdade” sobre a doença, a jornalista faz um resgate da vida de Ailce do nascimento à morte. No fim, a matéria evidencia a fé e a despedida da mulher e de seu mundo. Nesse caso, a morte concede o acabamento ao texto, descrevendo o inevitável envolvimento emocional entre narrador e personagem. Os registros do repórter cinematográfico integram o texto, captando, com a lente da câmera, cenas do tempo, da vida e da morte da merendeira.

Em uma primeira leitura, já podemos perceber que os marcadores temporais se sobressaem na reportagem. “Quando”, “Nessa época”, “enquanto”, “agora”, “sempre” registram os momentos da vida de Ailce valorados pelo olhar da jornalista (autor-criador da matéria). O discurso narrado em primeira pessoa revela uma relação próxima entre autor e personagem, as realidades vividas por uma paciente da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo que teve os últimos meses de vida acompanhados de perto por uma repórter da Revista Época.

A entonação aparece na relação entre as palavras, axiologicamente escolhidas para constituírem o enunciado, e o contexto extraverbal, estabelecendo a forma e o estilo do texto. A proximidade com o herói (aqui representado pela história de Ailce) sugere o posicionamento emotivo-volitivo do autor, delineado por seu horizonte social, e revela o estilo biográfico do enunciado. Em alguns trechos, a voz autoral evidencia sua relação próxima com a personagem, como em: “Lá dentro, sentadas uma diante da outra, *eu e ela* vivemos o segundo ato”; “Do meu *lugar de observadora* de um quadro familiar, ora *na cena*, ora fora dela [...]”; “Pela primeira vez, *interfiro*: ‘Fale tudo o que está sentindo nessa consulta. Tire todas as suas dúvidas’”.

Como boa jornalista literária, a autora nos traz um enredo emocionante, fazendo uso frequente de metáforas que ampliam o tom comovente e dramático da reportagem, como em: “Quando tive tempo, descobri que *meu tempo tinha acabado*”; “E agora *está amarrada* não aos fios invisíveis que a ligam às convenções do mundo, como a todos nós, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o *rio poluído de seu interior*”; “Crescera *cercada de água por todos os lados*”; “saliva de infância”; “Eu não aceito *cair*”; “Desse *dreno de palavras* ela gosta”.

A narrativa também dialoga com a poesia. Em tom de leveza, mas sem esquivar-se da realidade na constituição arquitetônica do enunciado, a voz autoral convoca vozes de poetas como Manuel Bandeira em *Momento num café*, Fernando Pessoa em *Tenho tanto sentimento* e Carlos Drummond de Andrade com a *tal pedra* no meio do caminho. Essas relações dialógicas compõem o projeto discursivo da autora na situação comunicativa, uma vez que as poesias, inseridas no contexto da produção jornalística, refletem e refratam os últimos dias de vida de Ailce.

Em seu empreendimento autoral, a repórter também lança mão de paralelismos e relações antitéticas com tom emotivo para sensibilizar o leitor, como podemos observar em: “*Lá fora* faz sol, e os vizinhos vivem na primeira parte do poema de Manuel Bandeira. [...]. *Lá dentro*, sentadas uma diante da outra, eu e ela vivemos o segundo ato”; “Se câncer é *a palavra que não diz*, liberdade é *a palavra que repete*”; “Essa memória olfativa feita de temperos [...]. Perto da *morte* tornam-se mais vivas”; “Muito mais tarde, Ailce vai *esquecer* os fios sintéticos fincados em seu fígado ao *lembrar* de seu vestido de organza azul”; “tinha ‘*esquecido*’ a *doença*, mas a *doença* não a *esquecera*”.

No fragmento, “O líquido amarelo escoia em dois recipientes de plástico que ela carrega numa *sacola de supermercado nas andanças dentro de casa*, numa *bolsa decorada com as princesas da Disney quando passeia*.”, chama a atenção o peso valorativo da *sacola* e da *bolsa*, relacionado a contextos cotidianos distintos. Como salienta Volochínov (2013a, p. 77), “A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito.”

Em busca de saída, Ailce questiona a vida, a repórter, a médica: “Mas não dá para pular aqui por cima e juntar aqui?” Mesmo com esse discurso retórico, ela espera ouvir uma solução para o seu problema, mas a médica é assertiva. As histórias do passado vão esclarecendo o presente da personagem e tecendo um diálogo significativo para a construção do sentido do texto e para a compreensão responsivamente ativa do leitor. A exemplo disso, estão no passado os motivos que fizeram Ailce usar salto, lutar pelo seu ‘canto’ e, agora, não aceitar ‘cair’.

A autora insere os discursos diretos (na fala de Ailce) como testemunhos do fim e o discurso de autoridade (proferido pela médica) confere credibilidade ao enunciado. Esses discursos se ligam por seu tom emotivo-volitivo a uma tragédia anunciada: a morte da merendeira, como observamos em: “A gente não vale nada. Olha

o que sai de mim”; “Infelizmente não dá pra fazer um viaduto”. Nesses trechos, a relação de sentido desses discursos com o propósito do enunciado torna-se mais evidente.

Através do discurso indireto, palavra alheia, valorada pelo posicionamento axiológico da autora, se insere no texto. Em alguns casos, essas valorações ressoam mais fortemente o discurso do outro (no caso, de Ailce), salientando o efeito da bivocalidade na linguagem, como no trecho: “Costurava então uma saia bem rodada para cada uma, orgulhosa da cintura de 54 centímetros”. Cada tipo de discurso convocado para o enunciado constitui uma estratégia enunciativa na produção do gênero discursivo, que é sintática, estilística e composicionalmente organizado para este fim.

Como em toda reportagem, a temática é desenvolvida sob a ótica da jornalista, o texto apresenta regularidades estilístico-composicionais do gênero discursivo reportagem, percebidas pelo contexto da produção, com base no campo da comunicação dialógica em que vive o enunciado. No entanto, a partir das relações valorativas entre sujeito autor e seu destinatário, o enunciado é reelaborado e reacentuado pelo tom expressivo criativo que a plasticidade do gênero permite e as flutuações do gênero se tornam claras.

Assim, o fundo aperceptível do discurso autoral pelo destinatário determina, além da escolha do gênero e sua forma de composição, o *estilo* do enunciado. (BAKHTIN, 2011c). Se confrontada com outras reportagens, esta revela um estilo particular gerado pelas inflexões da autora. Além disso, a organização autoral atende ao apelo publicitário da revista que visa à leitura da reportagem.

Assim, além da inflexão subjetiva, o tom valorativo, de certo modo, expressa também o interesse comercial da empresa em difundir seu produto atualizando o formato e o estilo genérico das reportagens. (PUZZO, 2011, p. 1528).

As imagens que compõem o enunciado, captadas pela lente da câmera do repórter cinematográfico Marcelo Min, expõem uma forma de ver o tema, estabelecendo relações dialógicas com o texto verbal para atrair o leitor. Na primeira página da reportagem, a imagem retrata a personagem principal com um olhar distante, surpreendida pela doença e **Sem tempo** (FIGURA 05). A sequência de imagens segue os passos de vida que restaram a Ailce, construindo um conjunto harmonioso para concretizar o enunciado.

A descrição da **Figura 06 - Do fim** é um prenúncio ‘do fim’ iminente, retratado pela figura estática de Ailce com sua bolsa colorida das princesas e um olhar fixo no horizonte. De pé, a mulher parece estar pronta para enfrentar mais esse desafio que a vida lhe impôs, depois de ter sobrevivido a tantas outras *tribulações*, como nos apresenta o texto verbal.

Nas **Cenas do viver** (FIGURAS 07, 08 e 09), a casa arrumada é um troféu que se transformou em prisão, mas é também o lugar em que a vida lhe proporciona momentos de alegria e prazer, como na imagem do ritual cigano e da mesa farta preparada por Ailce. O colorido das imagens anuncia a vida que ainda pulsa na personagem apesar do seu fim estar próximo. Na perspectiva verbo-visual, as imagens enriquecem ao texto verbal, construindo uma narrativa dramática, emocionante e rica em detalhes. As cenas da vida na sala, no quarto e na cozinha do seu “canto”, contrastam com o tom amarelado do quarto do hospital, que mais parece refletir o corpo doente da mulher em seu leito de morte.

As **Cenas do morrer** (FIGURAS 10 e 11), ‘amareladas pela doença’, realçam o tom chocante da morte e, ao mesmo tempo, alcançam a emoção do leitor, dando acabamento ao texto. O filho segura com carinho e apreensão o que seria a última imagem da mãe pálida refletida em um espelho. A mãe no espelho entre seus dedos está se despedindo. Mãe e filho estão paralisados diante da morte. Os momentos finais de Ailce são reconstruídos discursivamente pela resposta da autora acentuada pelo tom literário e pelas relações dialógicas que se estabelecem entre os elementos verbo-visuais que compõem o todo do enunciado.

A narrativa da vida da *mulher que alimentava* também é contada pelos parentes e amigos em torno de seu leito de morte. A imagem parece nos dizer o velho ditado: “A vida continua”, apesar de estarmos perdendo alguém querido. E apesar de estar rodeada de pessoas, conversando umas com as outras, Ailce está sozinha, talvez porque terá que fazer essa travessia sozinha mesmo. As imagens da despedida complementa o adeus da merendeira do seu cachorro, da sua casa, da sua vida.

Enfim, a **Morte** (FIGURA 12)! A fé em Preto Velho e o carinho da filha trazem tranquilidade à mulher. Com olhar fixo na câmera, Ailce se despede e a imagem capta seu último suspiro. O afago da filha mostra o quanto era amada, mas o seu tempo havia chegado ao fim. A singularidade das imagens, situadas no contexto comunicativo, reforça as relações dialógicas verbo-visuais na constituição deste jornalismo literário, que transborda de lirismo apreendido da realidade. Se o tempo é escasso para a

personagem, não parece um problema para a autora que, pacientemente, aguarda por seu desfecho. Aliás, a relação entre autora e personagem parece ser tão próxima que é à lente da câmera que Ailce dirige o olhar de despedida.

Os recursos estilísticos são valorativamente selecionados e organizados para dar forma estilística e composicional ao enunciado, conferindo um tom comovente à reportagem. Na Enfermaria de Cuidados Paliativos, a tensão, comum dos ambientes hospitalares, cede lugar à emoção, ao afeto recíproco entre pacientes, equipe médica, familiares e amigos, afinal, é um caminho de onde raramente se volta. O “manto”, na voz da médica, de cuidados e de amor, acompanha a paciente “até o fim”.

O estilo *expressivo* adotado pela jornalista salienta “[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.” (BAKHTIN, 2011c, p. 289). No caso do jornalismo literário, essa emoção do falante pode ser externada, sem a preocupação com *uma postura neutra* (LIMA, 2014), geralmente exigida pelo jornalismo convencional.

Do texto publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 1969 e o enunciado publicado pela *Revista Época* em 2008, houve um grande salto estilístico. Os tons valorativos foram dialogicamente delineados pelos contornos sócio-históricos constitutivos da situação comunicativa, compreendendo as nuances do auditório e do posicionamento do autor, a exemplo do tratamento de saúde oferecido pelo hospital público a pacientes com doenças graves e o papel da equipe médica nesse tratamento.

A reportagem de Eliane Brum oferece bem mais recursos estilísticos responsáveis pelo tom do enunciado na construção do sentido do que os que exploramos até aqui. Mas nossas análises, além de buscarem demonstrar um modo dialógico de ler (ALMEIDA, 2013b), se encaminham para uma proposta de abordagem didático-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero reportagem, buscando atender a demandas do espaço discursivo jornalístico no ensino.

4.2.2 Proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero reportagem

As análises das reportagens *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade*, publicada em 29 de agosto de 1969 no jornal *O Estado de S. Paulo* (*O Estadão*) e a reportagem *A mulher que alimentava* de Eliane Brum e Marcelo Min (fotos), publicada no dia 14 de agosto de 2008 pela *Revista Época* foram iluminadas pelas reflexões

desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo acerca do estilo, tom emotivo-volitivo, tipos de discurso, gênero e ensino. Nesse sentido, entendemos que nossas análises se constituem uma proposta dialógica de ensino da leitura com ênfase no estilo do gênero reportagem, possibilitando a compreensão responsiva ativa do enunciado e sua realização na sala de aula.

Seguimos a metodologia sugerida na proposta de abordagem do estilo para o ensino da leitura do gênero crônica literária para elaborarmos a proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura do gênero reportagem, salientando a expressividade típica do gênero e as flutuações expressivas do tom valorativo atribuído ao texto pelo sujeito falante. Os trinta e nove anos que separam uma reportagem da outra revelam as transformações sociais, históricas e culturais vividas por nosso país e refletidas na linguagem. Esta proposta visa contribuir com o ensino da leitura de gêneros discursivos jornalísticos em perspectiva dialógica.

Para ativar o conhecimento prévio, preparamos os estudantes para a leitura da reportagem *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade*, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1969, tomando como mote as seguintes questões: Havia realização de transplantes na década de 60 no Brasil? Quais seriam os critérios de prioridade para realizar o transplante de rim naquela época? Havia influência dos militares nesse processo, já que o Regime Militar comandava o país nesse período? Para realizar tais reflexões, serão estabelecidos fios dialógicos com a história, relacionando as áreas do conhecimento (BNCC, 2018), e com experiências do mundo da vida, do que é visto/vivido na contemporaneidade. Consideramos que as inferências construídas nessa atividade motivam a leitura do texto, na busca por confirmar, refutar ou reelaborar o que se pensava sobre ele. O ato responsivo e a interação entre os participantes vão determinar o tempo de duração da atividade, com tempo máximo de duas aulas.

Esse procedimento metodológico da roda de conversa pode se repetir no intuito de ativar o conhecimento prévio para a leitura do texto *A mulher que alimentava* de Eliane Brum (2008). Desta vez, a estratégia para instigar a leitura pode seguir pelas vias, não apenas do tema, mas da estrutura do texto. Enquanto a reportagem de *O Estadão* recupera a informação pelos elementos principais do acontecimento - quem, onde, como e quando aconteceu algo - a matéria de Eliane mostra o que aconteceu, aguçando os sentidos do leitor.

Cada autor se apropria de meios diferentes de relatar um acontecimento: o primeiro emprega o *sumário* e o segundo se vale da *cena* (LIMA, 2014). Assim, a roda

de leitura pode destacar os dilemas humanos e a composição da produção do gênero por meio das seguintes questões: O que fazer quando se descobre uma enfermidade em estágio terminal? Como esse acontecimento poderia ser registrado através do gênero reportagem?

Como sugerido com a crônica literária, nossa proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura pode ser iniciada pela reportagem de *O Estadão* ou pela reportagem de Eliane Brum. No entanto, após desvelar as peculiaridades estilísticas de cada gênero, recomendamos confrontá-los em um último percurso de nossa proposta.

No próximo passo, sugerimos o reconhecimento das coerções típicas do gênero reportagem, como o tema, a construção composicional e o estilo, a fim de relacioná-las às inflexões subjetivas e sócio-históricas, evidenciadas pela linguagem. Ressaltamos que esta não se constitui uma nova proposta de abordagem do estilo, mas aponta para as especificidades do gênero reportagem.

Recomendamos que a primeira leitura dos textos em sala seja feita em voz alta pelos estudantes (especialmente aqueles que apresentam melhor desempenho na leitura). A leitura rápida e, aparentemente, desinteressada dos jovens encontrará pelo caminho os percalços da escrita da década de 1960 e a comoção inevitável com a história de Ailce, sentindo as flutuações estilísticas à ‘flor do gênero’. Por isso, também com base na obra de Bakhtin (2013a), adentramos as peculiaridades estilístico-composicionais de cada matéria pela seguinte rota de leitura:

- 1) Realizar a leitura das reportagens *Rim, 50 transplantes já dão tranquilidade*, publicada em 29 de agosto de 1969 no jornal *O Estado de São Paulo* (*O Estadão*) e *A mulher que alimentava* de Eliane Brum e Marcelo Min (fotos), publicada no dia 14 de agosto de 2008 pela Revista *Época* com o máximo de expressividade, a fim de perceber o tom valorativo do autor na produção do enunciado e a reação (ativa posição responsiva) do leitor.
- 2) Relacionar os elementos *típicos* do gênero: o tema, a construção composicional e o estilo às marcas individuais e sócio-históricas de um sujeito autor e um horizonte social específicos, a partir de questões como: Qual a finalidade do texto? Que relações dialógicas são estabelecidas entre os interlocutores? Onde e quando foi produzido o texto? Qual tema tratado?

Quais os desdobramentos da narrativa? Que elementos textuais (e/ou imagéticos) foram convocados e como estes dialogam para a construção do sentido do enunciado?

- 3) Promover inversões e substituições entre os signos (verbais e não-verbais), no intuito de perceber o peso entonacional dado às palavras, à forma enunciativa e ao *significado estilístico* das escolhas realizadas pelo enunciator no conjunto da obra.
- 4) Analisar o tom emotivo-volitivo do enunciado evidenciado pelos recursos linguístico-enunciativos de que o autor se apropria para imprimir expressividade ao gênero.
- 5) Reconhecer a assimilação do discurso alheio para composição do enunciado e do projeto discursivo do autor.

A realização de um planejamento que promova as atividades de leitura de textos mais complexos em sala de aula depende da *resposta ativa* dos envolvidos a cada movimento de leitura. A linguagem arcaica do primeiro texto e a extensão considerável do segundo exige mais da competência *investigativa* e *compreensiva* do leitor e, por outro lado, oferece um novo jeito de ver o mundo que se desloca do lugar comum. Presumimos a conclusão desse itinerário em uma semana de aula, sempre recuperando a aula anterior para avançar no caminho.

Nossa proposta de ensino da leitura prossegue sobre o gênero reportagem. As análises mostraram os recursos estilísticos utilizados pelos autores que imprimiram expressividade e sentido ao texto. A linguagem dos gêneros selecionados para as análises evidenciaram as condições de produção, circulação e recepção de cada matéria. Assim, a proposta se estrutura nessas evidências, como forma de encaminhar o ensino da compreensão leitora nos três níveis do Ensino Médio, ancorado na perspectiva dialógica da linguagem.

O percurso seguinte completa nossa proposta para abordagem do estilo no ensino da leitura do gênero reportagem, sendo necessária, pelo menos, mais três aulas sobre o gênero. Ancorado nas reflexões de Bakhtin e o Círculo, o trajeto consiste em:

- a) Possibilitar a leitura de outros textos do mesmo gênero, contemporâneos ou de épocas distintas.

- b) Confrontar os textos lidos quanto ao propósito discursivo do autor, às condições de produção, circulação e recepção dos textos e, principalmente, às relações dialógicas com o endereçamento.
- c) Reconhecer os acentos dos recursos linguísticos de que cada autor se apropria em seu modo de dizer, estabelecendo um diálogo entre os textos acentuados pela singularidade do autor e pelo tom do enunciado.

Como a língua é, por princípio, dialógica, as relações interdiscursivas entre as reportagens aqui analisadas dotam os estudantes de mecanismos e estratégias que ampliam e aprofundam as habilidades de leitura, entendendo o texto como produto das ações humanas (BAKHTIN, 2010b), como apresentam as orientações oficiais para o ensino da língua materna.

A leitura é sempre um desafio a ser superado pelos atores principais da educação que são professores e alunos. Entendemos que ensinar a ler é ensinar a compreender, considerando as relações dialógicas entre autor, texto, leitor e situação comunicativa, e, como vimos, as reflexões da Análise Dialógica do Discurso contribuem bastante nesse sentido. As estratégias que nós, professores, usamos para compreender um texto podem ser caminhos para orientar os estudantes nessa construção. Apesar de os documentos oficiais, como a BNCC (2018), determinarem o estudo dos gêneros discursivos no ensino da leitura, essa não é uma prática comum na Educação Básica.

Repetimos que a abordagem dialógica do estilo do texto, além de contribuir para a compreensão de uma leitura responsiva ativa do sujeito leitor, também influencia no emprego adequado da linguagem, iluminando os recursos linguísticos (e multissemióticos) com significado estilístico e fazendo com que as escolhas verbo-visuais façam mais sentido para o estudante. Ancorado na sua experiência em sala de aula, Bakhtin (2013a, p. 40) nos assegura que

Do mesmo modo que as análises estritamente gramaticais podem ser tediosas, os estudos e exercícios de estilística podem ser apaixonantes. Mais do que isso, ao serem realizadas corretamente, essas análises explicam a gramática para os alunos: ao serem iluminadas por seu significado estilístico, as formas secas gramaticais adquirem novo sentido para os alunos, tornam-se mais compreensíveis e interessantes para eles.

Nossa experiência com o ensino de língua materna e com a formação continuada em serviço para professores de língua portuguesa da Educação Básica nos permite relatar a distância entre a perspectiva dialógica da linguagem, o estilo e a estilística e a prática de ensino de leitura em sala de aula. Caberia outra pesquisa para responder com exatidão o(s) motivo(s), uma vez que as orientações de ensino a partir dos gêneros do discurso não são recentes, os PCN's (1998-1999) já apontavam nessa direção.

Entretanto, as formações em serviço oferecidas aos professores, em casos específicos, têm diminuído, cada vez mais, essa distância entre teoria e prática. Entendemos que “O professor deve ter conhecimentos especializados justamente para proporcionar aos alunos as adaptações correspondentes a suas necessidades de cidadãos não especialistas.” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2017, p. 468).

Não estamos querendo dizer que esses encontros realizados periodicamente sob as orientações de um formador, munido da Análise Dialógica do Discurso, resolvam todas as dificuldades que se apresentam no ensino da leitura em nosso país. Mas, na nossa realidade, o enfoque da perspectiva dialógica no ensino de leitura, com ênfase no estilo dos gêneros, tem promovido a compreensão responsiva ativa de gêneros múltiplos em diferentes contextos de ensino.

O desenvolvimento da competência leitora dos estudantes se evidencia pelos depoimentos dos professores nas formações, pela participação interativa dos estudantes em situações comunicativas diversas e pelos resultados expressos pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de Pernambuco (IDEPE), avaliado anualmente. Entendemos que a confirmação dessas declarações demanda uma pesquisa dedicada para este fim, um anseio para investigações futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a sua idealização, esta pesquisa foi motivada pelo desafio de contribuir com a qualidade do ensino de leitura em língua materna ofertado pela Educação Básica, certos de que as considerações sobre o estilo nos gêneros discursivos à luz da Análise Dialógica do Discurso fornecem o aporte necessário para essa empreitada. A epígrafe do texto de Bakhtin (2011c) já aponta para o conceito de estilo adotado em nosso trabalho, em que a construção composicional e o estilo do enunciado são determinados pelas relações valorativas do autor com projeto discursivo e com seu destinatário.

Além de considerar nossas análises como uma contribuição para o ensino dialógico da leitura, nossa intenção, de maneira geral, era de elaborar uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura dos gêneros crônica literária e reportagem. E, de forma específica: descrever, analisar e interpretar as regularidades e flutuações do estilo dos gêneros crônica e reportagem, a partir do efeito de sentido evidenciados nos tipos de discurso e no tom emotivo-volitivo expressos nos textos, sistematizando uma proposta dialógico-discursiva de ensino da leitura no Ensino Médio. Compreendemos que as análises do estilo dos gêneros em perspectiva dialógica aprofundam a leitura, revelando diálogos com o contexto de produção, circulação e recepção do enunciado e trazendo à tona os implícitos evidenciados por essas relações dialógicas.

A ação autoral delinea o conteúdo e a forma do enunciado a partir do seu projeto do dizer, dos interesses do meio em que circula e do público presumido. Dessas inflexões subjetivas do autor emergem as flutuações dos gêneros, convivendo com as regularidades genéricas, mas não presas a elas. A *reacentuação* e *reelaboração* podem incidir sobre o tema, a construção composicional e o estilo, trazendo um novo enfoque ao gênero.

Como vimos nas análises das crônicas literárias, foram traçados caminhos distintos em busca da expressividade do gênero, através das escolhas de elementos e formas enunciativas, iluminadas pelo contexto sócio-histórico da comunicação e avaliadas subjetivamente pelo autor, constituindo o estilo do gênero. O mesmo se evidencia nas análises das reportagens. O estilo em cada texto atende a situações específicas da produção do enunciado que segue as mudanças sociais, históricas e culturais.

Outra intenção nossa era analisar os tipos de discursos e o efeito de sentido dessa estratégia discursiva do autor no *corpus* da pesquisa. Entendemos que os tipos de discurso adotados pelo autor e convocados para a narrativa constituem estratégias discursivo-enunciativas para a construção do sentido do gênero. A forma de expressão da voz autoral evidencia acentos apreciativos do autor sobre o seu objeto discursivo e as outras vozes inseridas no enunciado são, intencionalmente, selecionadas para coadunarem com o projeto discursivo do autor.

Nesse sentido, o tom expressivo da palavra alheia ganha um novo acento, ainda que não perca seu sentido de palavra do outro, mas agora engendra um enunciado sob a batuta de um novo maestro. Em nossas análises, percebemos vozes autorais atravessadas pelo contexto sócio-histórico da produção do gênero e, em cada autor, uma ativa posição responsiva e responsável no existir-evento singular. Esse posicionamento discursivo caracteriza o autor, concede expressividade ao texto e se materializa na forma do enunciado.

Nas análises das crônicas literárias, percebemos que o *estilo pictórico* é assumido pelo autor do discurso estético. O efeito de sentido desse posicionamento autoral se apresenta em uma aparente voz uníssona, refratando a vida pelas vias da arte. No caso das reportagens, com um discurso que se pretende imparcial, em geral, o autor adota um *estilo linear* como uma estratégia de construção da neutralidade discursiva. No entanto, essa linearidade não predomina na reportagem produzida por Eliane Brum e evidencia a plasticidade que o gênero apresenta. Em todo caso, qualquer manifestação de linguagem revela um posicionamento ideológico do sujeito falante em um contexto específico.

Nossa terceira e última intenção era investigar os tons emotivo-volitivos expressos nas crônicas e reportagens selecionadas para análise. Os tons do enunciado resultam do todo arquitetônico em que a produção enunciativa se insere. Nas crônicas analisadas, os tons emotivo-volitivos evidenciam uma forma particular de ver o mundo e atuar sobre ele. Já nas reportagens, os tons valorativos dos autores são bem diferentes. *O Estadão* traz um tom valorativo recoberto sob um manto de verdade, de apreensão de uma realidade, socialmente avaliado pelo autor. Na *Revista Época*, Eliane Brum nos revela um tom literalmente emotivo, revelado pelo envolvimento da autora com a narrativa em pauta. É mais um aspecto que evidencia a flutuação do gênero reportagem.

O tom categórico e pessimista de um amor que sempre acaba se sobressai na crônica de Campos (1964), o tom otimista do encontro entre livro e leitor, na crônica de

Miriam (2016), o tom de empoderamento, refratado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 1969, não surpreende se considerado o contexto político-social do nosso país na época, e, finalmente, o tom emocional da reportagem de Eliane Brum (2008) cativa o leitor e o desperta para repensar a vida e o tempo.

Assim, ressaltamos a pertinência deste trabalho para o estudo do estilo dos gêneros e para o ensino da leitura, sobretudo por ampliar o horizonte do leitor e da leitura, em uma realidade social que demanda, cada vez mais, reflexão e criticidade sobre o que se lê, conforme determina a BNCC (2018) para o Ensino Médio. Diante dessa demanda sócio-cultural, esperamos contribuir com os movimentos de análise para leitura de enunciados concretos, norteados por uma proposta de abordagem dialógico-discursiva do estilo para o ensino da leitura dos gêneros crônica e reportagem. Não sugerimos uma proposta rígida, inflexível, mas itinerários por onde o leitor possa percorrer, promovendo uma compreensão ativa e responsiva no ato de ler.

Nessa proposta, antes de adentrar em cada gênero analisado, sugerimos ativar o conhecimento prévio dos estudantes através de questões que tratam sobre os temas e a estrutura composicional dos gêneros em análise. Entendemos que essa atividade de pré-leitura é fundamental para a construção da compreensão do texto. Na sequência, a primeira rota de leitura conduz a interação do leitor com o texto e destaca os recursos estilísticos convocados pelo autor para a constituição das narrativas.

Esse percurso revela como as condições de produção dos gêneros discursivos determinam as escolhas linguísticas e o sentido atribuído pelo autor aos recursos linguístico-enunciativos (verbo-visuais) materializados no texto. Além de reconhecer as instabilidades dos gêneros crônica literária e reportagem, as leituras e os modos de ler aqui propostos aprofundam as *referências estéticas, éticas e políticas*, prescritas pela BNCC (2018) para as práticas de linguagem no Ensino Médio.

Nesse sentido, os textos trazem uma maior complexidade quanto à temática, à estrutura do enunciado, à relação verbo-visual e à organização das vozes, buscando a consolidação de gêneros do discurso no nível médio, inseridos na complexa estratificação da linguagem. Assim, ao avaliar as tomadas de posição axiológicas do autor frente os recursos verbo-visuais encontrados no texto, o leitor assume uma ativa posição responsiva, estabelecendo um diálogo com o discurso do outro.

Após a interação com os textos propostos, apresentamos uma segunda rota de leitura que sugere um diálogo entre, no mínimo, dois textos de cada gênero, no intuito de promover o embate de vozes e o confronto entre as regularidades e os acentos

autorais, considerando o contexto de produção, circulação e recepção dos gêneros. Essa relação interdiscursiva evidencia *a corrente* comunicativa entre os enunciados moldados pelas esferas de atividade, em permanente transformação histórica e social.

Assim, com base nas análises e na proposta apresentadas, defendemos que ensinar a ler, nesse contexto, é reconhecer o gênero do discurso como um enunciado sócio-historicamente situado e constituído através de relações dialógicas com outros enunciados. Essa totalidade arquitetônica, de que também fazem parte o tema, a construção composicional e o estilo, revela a heterogeneidade da linguagem e a relação alteritária entre os sujeitos.

Finalizamos esta tese, considerando nossa contribuição para o aprofundamento no ensino da leitura dos gêneros crônica literária e reportagem, com ênfase no estilo. Mergulhar nas relações dialógicas que constituem os gêneros discursivos é fundamental para a construção de uma ativa compreensão responsiva e para entendermos a relação do enunciado com a vida. Uma proposta de ensino de leitura para o Ensino Médio fortalece o interesse pela leitura, que passa a ser bem mais significativa e interessante para o estudante e, conseqüentemente, oportuniza a participação dos jovens nas diferentes esferas sociais em que os gêneros flutuam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Fátima. Perspectiva dialógica e ensino de línguas: questões de estilo. In: BRAIT et.al (Orgs.). **Linguagem e conhecimento** (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev). Campinas: Pontes, 2019, p. 207-232.

_____. **O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente.** João Pessoa: Ideia Editora, 2013a.

_____. Contribuições da linguística enunciativa para o ensino da leitura. In: ALMEIDA, Maria de Fátima (org.). **Leitores em interação: o processo de ressignificar a linguagem.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013b.

_____. As multifaces da leitura: a construção dos modos de ler. In.: **Revista Graphos.** João Pessoa. v. 10, n. 1, 2008, p. 65-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4304>>. Acesso em: 05/10/2020.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II:** As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. **Teoria do romance I:** a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Questão de estilística no ensino de língua.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013a.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013b.

_____. Arte e responsabilidade. In: **Estética da Criação Verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. XXXIII-XXXIV.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 3-192.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011c. p. 261-306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011d. p. 307-335.

_____. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: **Estética da criação verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011e. p. 337-357.

_____. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. 6ª ed. Tradução de A. Fornoni Bernadini, José pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução de Valdemir Miotello; Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010b.

BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. História e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, Roseli. (org.) **Comunicação e Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012b.

_____. Bakhtin e o Círculo. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas.** Texto apresentado no III Seminário da Análise do Discurso, Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA em outubro/2005. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf>>. Acesso em: 20/05/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Lei de Diretrizes e Bases Educacionais.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 19/09/2020.

_____. **Base Nacional Comum Curricular.** 3. Ed. Brasília: MEC/ SEB/CNE, 2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 06/08/2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Brasília: MEC, 1999.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL, Bruno. **MANCHETE.** 2019. Disponível em:<<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/manchete/>> Acesso em: 29/04/2021.

BRUM, Eliane; MIN, Marcelo. **A mulher que alimentava.** Revista Época, 16/08/2008. Disponível em:< <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10410-15257,00-A+MULHER+QUE+ALIMENTAVA.html>> Acesso em: 05/06/2020.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** Prefácio Marcelo Rech; posfácio Ricardo Kotscho. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. Edição do Kindle.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas.** Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.

CALVET, Louis-Jean. Os instrumentos do planejamento linguístico. In:_____. **As políticas linguísticas.** Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007, p. 61-85.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba:** crônicas líricas e existenciais. Seleção e apresentação Flávio Pinheiro; posfácio Ivan Marques. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Disponível

em:<<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13404.pdf>> Acesso em: 30/04/2020. Originalmente publicado em 1964.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução: Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 1998.

CUNHA, Dóris A. C. A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no Ensino Médio. In: CLÉCIO, Bunzen; MENDONÇA, Márcia. (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 166-183.

DANTAS, Wallace; SANTOS, Eliete Correia dos. **As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Vol.9. nº3. Macabéa, 2020. Disponível em:<<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2401>> Acesso em: 22/01/2021.

DIONÍSIO, A. P. **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores** (1. : 2001 : Brasília) Simpósios [do] Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação : formação de professores. / Marilda Almeida Marfan (Organizadora). Brasília : MEC, SEF, 2002. Simpósio 6. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>> Acesso em: 21/01/2016.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

_____. **Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Categorias de análise em Bakhtin. In.: PAULA, Luciana; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos possíveis**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2010, p. 33-48.

FRANCELINO, Pedro Farias. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa**. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2007. (Tese de Doutorado).

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUEDES, Alixandra. Reflexões acerca das noções bakhtinianas de dialogismo e responsividade e suas contribuições para o ensino. In: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Moraes; ALMEIDA, Maria de Fátima; FRANCELINO, Pedro Farias. (orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JURADO, Shirley; ROJO, Roxane. A leitura no Ensino Médio : o que dizem os documentos oficiais e o que se faz. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

JURADO, S. G. O. G. **Leitura e letramento escolar no Ensino Médio**: Um estudo exploratório. Mestrado. Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). São Paulo: PUC-SP, 2003.

LEITÃO, Miriam. **A sorte do encontro**. Blog do Matheus Leitão. G1, 24/09/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/sorte-do-encontro.html>> Acesso em: 15/07/2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Páginas Ampliadas**: O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4. ed. Barueri, São Paulo, 2009.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARQUES, Ivan. A vida não vale uma crônica. (posfácio). In: CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**: crônicas líricas e existenciais. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 265-276.

MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila C. Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MORENO, Ana Carolina; OLIVEIRA, Elida. **Brasil cai em ranking mundial de educação em matemática e ciências; e fica estagnado em leitura**. Portal G1, 03/12/2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-matematica-e-ciencias-e-fica-estagnado-em-leitura.ghtml>>. Acesso em: 03/09/20.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, Terezinha de J. Gomes do. O discurso alheio na constituição do estilo do gênero reportagem. In: VIANA, Janielly Santos de Vasconcelos; SOUZA, Ramísio Vieira de; OLIVEIRA, Alixandra G.R.M.; NASCIMENTO, Terezinha J. Gomes do; ALMEIDA, Maria de Fátima. (Orgs.). **Diálogos entre fronteiras**: Linguística, Literatura e Ensino. João Pessoa: Ideia, 2019.

_____. SANTANA, Wilder Kleber Fernandes. **O heterodiscurso no conto A mensagem de Clarice Lispector**: questões de linguagem. Scripta Uniandrade, v. 16, n. 3 (2018), p. 290-305.

_____. O estilo do gênero redação de vestibular no livro didático de Língua Portuguesa. In: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Moraes; ALMEIDA, Maria de Fátima; FRANCELINO, Pedro Farias. (orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017.

_____. **Estudo do gênero: uma abordagem do estilo no livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio**. João Pessoa, (2016). Dissertação de Mestrado. UFPB/PROLING/CCHLA.

OLIVEIRA, Edna Caroline Alexandria da Cunha. **Os impasses amorosos na crônica de Paulo Mendes Campos**. São Cristóvão, SE. 2018. Dissertação de Mestrado. UFS.

PINHEIRO, Flávio. O resto é aflição de espírito. (apresentação). In: CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba: crônicas líricas e existenciais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 9- 14.

PONZIO, Augusto. **Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

_____. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Tradução de Valdemir Miotello. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: Bakhtin, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro e João, 2010, p. 09-40.

PUZZO, Miriam Bauab. **Gênero discursivo, estilo e autoria**. Revista: Linha D'Água (Online). São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/105646>> Acesso em: 10/07/2020.

_____. **Relações dialógicas: capa de revista e reportagem interna**. Revista: Estudos linguísticos. São Paulo, 40 (3): p. 1520-1530, set-dez 2011. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1273/821>> Acesso em: 15/10/2020.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **Funcionamento do gênero do discurso**. Revista Eletrônica Bakhtiniana. São Paulo, v. 1, nº 3, 1º sem., 2010. p. 54-67.

RIM, **50 transplantes já dão tranquilidade**. Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, 29 de agosto de 1969. Acervo do Estadão. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690829-28954-nac-0014-999-14-not>> Acesso em: 03/09/2020.

RODRIGUES, Rosângela H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane. **Textos multimodais**. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP / Instituto de Estudos da Linguagem - IEL. Disponível em:

<<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>>. Acesso em: 19/09/2020.

_____. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SALDÃO, Fabíola Maciel. **A Concepção Dialógica Discursiva da Linguagem na Leitura de Charges no Ensino Médio.** Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2017. Dissertação de Mestrado.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. (Org.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Michel P. B. da; FRANCELINO, Pedro Farias. **Dialogismo e polifonia na reportagem O perigo da mordaca gay, de Cristianismo hoje.** In: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Moraes; ALMEIDA, Maria de Fátima; FRANCELINO, Pedro Farias. (orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino.** João Pessoa: Ideia, 2017.

SOARES, Magda. **A alfabetização e o letramento no Brasil.** Por Redação em 22 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/alfabetizacao-letramento/>>. Acesso em: 03/09/20.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Poços de Caldas, Minas Gerais: 26ª Reunião Anual da ANPED, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 04/08/2020.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Gêneros na escola: uma proposta didática de trabalho.** Linguagem & Ensino, Pelotas, v.20, n.2, p. 449-469, jul./dez. 2017

_____. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009a.

_____. **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise.** São Paulo: Revista Eletrônica Bakhtiniana, v. 1, n. 1, 1º sem., 2009b. p. 85-103.

SOUSA, Maria Ester Vieira de; CASTRO, Nathalya M. Lima. Histórias e práticas de leituras de alunos do Ensino Médio . In: SOUSA, Maria Ester Vieira de. (Org.) **Leitura: entre proibições, desejos e encantamentos.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

_____. Maria Ester Vieira de. **Desnaturalizando o discurso sobre a leitura.** Anais da ABRALIN. 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Ester%20Vieira%20de%20Sousa.pdf> Acesso em: 27/09/2020.

SOUZA, Ramísio Vieira De et al.. **Uma proposta de leitura no ensino médio na visão dialógica da linguagem: gênero anúncio em sala de aula.** Anais II CONEDU...

Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/17060>>. Acesso em: 12/01/2021

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

_____. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. (1926). In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013a.

_____. Que é a linguagem? (1930) In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013b.

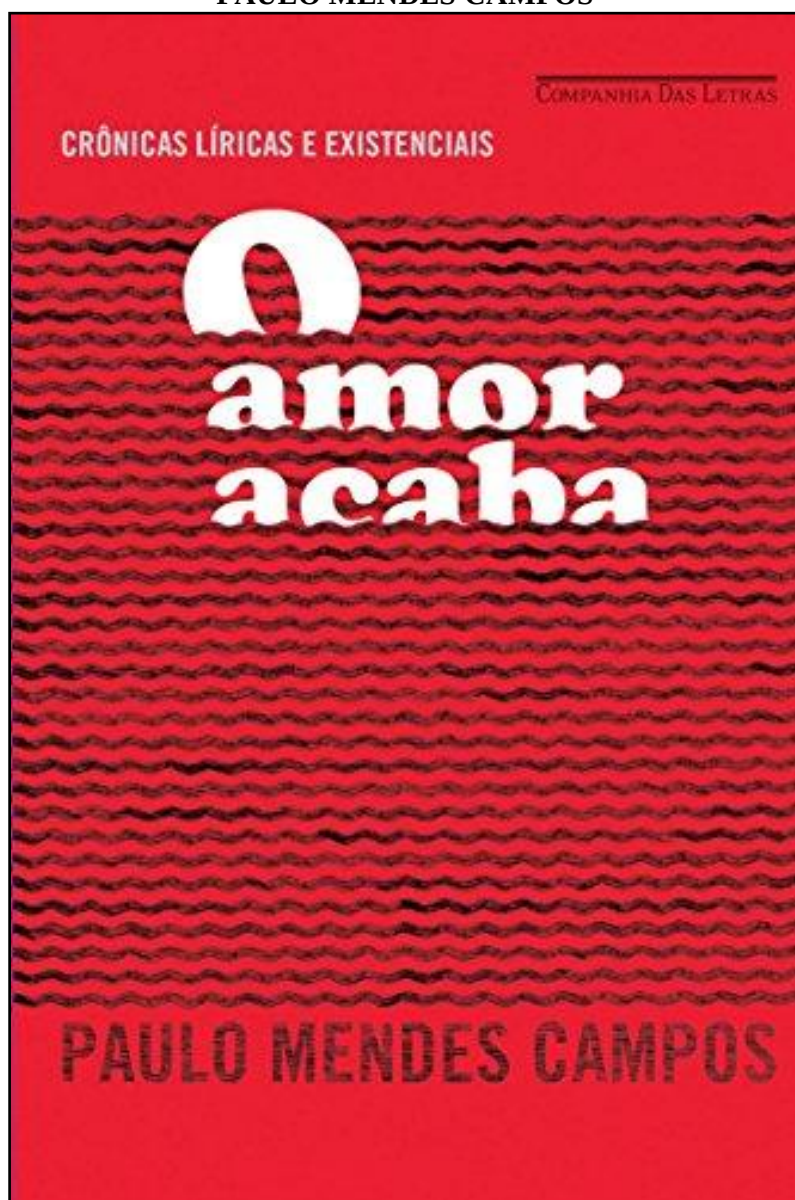
_____. A construção da enunciação. (1930). In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013c.

_____. A palavra e suas funções sociais. (1930). In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013d.

XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**: leituras do jornalismo político no Ensino Médio . João Pessoa, 2018. Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA.

ANEXOS

**ANEXO A - O AMOR ACABA - CRÔNICAS LÍRICAS E EXISTENCIAIS DE
PAULO MENDES CAMPOS**



ANEXO B - BLOG DE MATHEUS LEITÃO

A sorte do encontro | Blog Matheus Leitão

Não seguro | g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/sorte-do-encontro.html

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR

MENU G1 BLOG DO MATHEUS LEITÃO BUSCAR

VEJA TODOS OS POSTS

Sábado, 24/09/2016, às 09:50,

A sorte do encontro

★ Por Miriam Leitão

Lerei você enquanto atravesso o oceano e nem verei as águas que poderão me tragar na travessia. Estarei com suas palavras que vão me contar o que nem imagino. A vida vai cessar as interrupções e eu voltarei no tempo, sem interconexões planetárias, para ouvir apenas a história. Lerei. Lerei por horas a fio e não chegarei ao final porque, como um cavalo que refugia no momento que pressente o perigo, vou parar antes do fim, para ficarmos suspensos no ar. Eu e você. Nós.

Lerei, como nos velhos tempos em que o mundo tinha a delicadeza de interromper qualquer movimento, suspender todos os ruídos, congelar as horas, para deixar o livro e seu leitor postos em sossego. Depois do oceano haverá outro e outro. Serão sete, os mares. Não lerei

AUTORES

Matheus Leitão

OCULTAR PERFIL

Jornalista há 17 anos, em sua carreira passou pelas redações do Correio Braziliense, revista Época, portal IG e Folha de S.Paulo, onde trabalhou nas áreas de política, meio ambiente, direitos humanos e investigação.

15:18 26/10/2020

ANEXO D - A MULHER QUE ALIMENTAVA - REVISTA ÉPOCA


[imprimir](#)
[imprimir](#) | [Tamanho do texto](#) [A-](#) [A+](#)

14/08/2008 15:55

A mulher que alimentava

ÉPOCA acompanhou os últimos 115 dias da vida da merendeira Aíce de Oliveira Souza, morta há um mês

Elana Brum e Marcelo Min (fotos)

**SEM TEMPO**

A doença surpreendeu Aíce quando ela acreditava estar mais perto de seus sonhos. Como a maioria de nós, ela descobriu que adiana demais

É tão estranho", ela diz. "Passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Ai apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado".

Ela está intrigada com essa traição da vida. Sua expressão é de perplexidade. Aíce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. E agora a morte chegava exigindo metáforas.

Lá fora faz sol, e os vizinhos vivem na primeira parte do poema de Manuel Bandeira. Quando o enterno passou/Os homens que se achavam no café/Tiraram o chapéu maquinalmente/Saudavam o morto distraídos/Estavam todos voltados para a vida/Absortos na vida/Confiantes na vida. Lá dentro, sentadas uma diante da outra, eu e ela vivemos o segundo ato. Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado/Olhando o esquife longamente/Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade/Que a vida é traição.

Aíce nunca deixou de se sentir traída por "essa doença", como se expressa na maior parte das vezes, ou "o tumor". Não pronuncia a palavra câncer. Quando nos conhecemos, em 26 de março, faz quase um ano que sua pele amarelara e ela se enche de náuseas. Aíce se revolta contra Deus. É dele a traição.

Seu câncer é uma pedra no meio do caminho das vias biliares. O tumor obstrui a passagem e, sem ter por onde escoar, a bile é lançada no sangue, e a deixa inteira amarela. Quando ganha essa cor solar, Aíce ainda não tem 66 anos. E acredita viver o melhor tempo de sua vida. "Sem filhos, sem marido, aposentada, livre", diz. Ela planeja conhecer as obras de Al-Jadid, nas cidades históricas de Minas Gerais, e a Espanha dos filmes de Sarita Montiel. Quando a paisagem passa vezes pela janela do ônibus, sente que está indo para um lugar que sempre quis, não importa o destino. "Você já reparou como a gente muda quando viaja? Parece que me liberto de tudo".